

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARIANA FONSECA FERREIRA

A LENDA DE SIGURD E GUDRUN: A RETOMADA DA MITOLOGIA NA  
LITERATURA DE TOLKIEN

CURITIBA

2015

MARIANA FONSECA FERREIRA

A LENDA DE SIGURD E GUDRUN: A RETOMADA DA MITOLOGIA NA  
LITERATURA DE TOLKIEN

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do diploma de graduação em História - Memória e Imagem. Departamento de História. Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor e Doutor Clóvis Mendes Gruner.

CURITIBA

2015

*O mito é o nada que é tudo,  
O mesmo sol que abre os céus,  
É um mito brilhante e mudo.*  
Fernando Pessoa

À minha mãe, que partilhou comigo seu amor pelos livros, e me apresentou ao mundo fantástico da leitura.

## AGRADECIMENTOS

*Ao meu orientador, Prof. Dr. Clóvis Gruner, por ter aceitado me acompanhar nesta jornada, pelo apoio, pelo incentivo à reflexão e pela confiança.*

*À professora Maria Luiza Andreazza pela ajuda com o primeiro projeto deste trabalho.*

*À Isabelle por sua compreensão, apoio de todas as horas e amizade sincera.*

*A todos os meus professores da graduação dos quais levarei conhecimentos e recordações para o resto do meu caminho acadêmico.*

*À minha família, em especial meus pais, Osmar e Regina, pela paciência e apoio silencioso nas longas horas de produção deste trabalho, e minha prima Denise, que me apresentou as palavras de J.R.R. Tolkien.*

*Aos meus colegas de graduação, de modo particular Lucimara e Beatriz, pelo incentivo e encorajamento, mas especialmente pela amizade e carinho que superaram a sala de aula e transbordaram para a vida.*

*A vocês, minha eterna gratidão.*

## RESUMO

FERREIRA, Mariana Fonseca. A Lenda de Sigurd e Gudrun: A retomada da Mitologia na literatura de Tolkien. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História: Memória e Imagem - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

Esta pesquisa se apóia em uma fonte central, o livro “A Lenda de Sigurd e Gudrun” de John Ronald Reul Tolkien, em edição bilíngue lançada pela editora Martins Fontes em 2010, com tradução de Ronald Kyrmse. O livro foi escrito entre as décadas de 1920 e 1930 numa versão derivada da *Edda poética*, antiga poesia norueguesa e islandesa, e da *Saga dos Volsungos*, uma obra posterior em prosa. Esta edição foi de responsabilidade de Christopher Tolkien, que acrescentou ao livro comentários e notas sobre a mitologia escandinava e o material original. O objetivo fundamental da pesquisa é examinar os elementos da mitologia nórdica na narrativa literária, e seus usos, no livro, contrapondo-os ao material original, que serviu de referência para J.R.R.Tolkien. A produção deste trabalho representa um esforço para compreender como a mitologia e a literatura podem se entrelaçar, e assim proporcionar uma representação histórica do mito na narrativa literária. O objetivo almeja examinar conceitos como imaginário, narrativa, ficção e representação. Perceber como um mito, que era transmitido oralmente por uma tradição secular inspira o trabalho de um escritor no século XX. Para atingir tal objetivo, conto com o suporte de pesquisadores tais como Bronislaw Baczko e Sandra Jatahy Pesavento, para considerar o imaginário; Roger Chartier, para entender o conceito de representação; Patrícia Pires Boulhosa e Johnni Langer, para ter um fundamento do material original e seu contexto de produção; e Joseph Campbell, para considerar a mitologia.

**Palavras-chave:** representação; mitologia; imaginário e história.

## ABSTRACT

FERREIRA, Mariana Fonseca. A Lenda de Sigurd e Gudrun: A retomada da Mitologia na literatura de Tolkien. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História: Memória e Imagem - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

This research is supported by a central source, the book " The Legend of Sigurd and Gudrun " by John Ronald Reul Tolkien, in bilingual edition launched by the publishing house Martins Fontes in 2010, with translation of Ronald Kyrmse. The book was written between 1920 and 1930 a derived version of the *Poetic Edda*, Old Norse and Icelandic poetry, and the *Saga of Volsungs*, a later prose work. This edition was Christopher Tolkien responsibility, which added to the book comments and notes on the Norse mythology and the original material. The fundamental objective of the research is to examine the elements of Norse mythology in literary narrative, and their uses in the book, comparing them to the original material, which served as a reference to J.R.R Tolkien. The production of this work is an effort to understand how the mythology and literature can be interwoven, and thus provide a historical representation of myth in literary narrative. The goal aims to examine concepts such as imaginary, narrative, fiction and representation. See how a myth, it was passed down orally for a secular tradition inspires the work of a writer in the twentieth century. To achieve this goal, we count on the support of researchers such as Bronislaw Baczko and Sandra Jatahy Pesavento to consider the imaginary; Roger Chartier, to understand the concept of representation; Patricia Pires Boulhosa and Johnni Langer, to have a foundation of the original material and its production context; and Joseph Campbell, to consider mythology.

**Keywords:** representation; mythology; imaginary e history.

## SUMÁRIO

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Introdução</b> | 9 |
|-------------------|---|

### **Capítulo 1**

#### **História e Literatura: A representação do mito na narrativa literária**

|  |    |
|--|----|
| 1.1 – Discurso mítico                      | 15 |
| 1.2 – Mitologia e literatura de fantasia   | 19 |
| 1.3 – Literatura como objeto da História   | 24 |
| 1.4 – Tradição oral na literatura medieval | 27 |

### **Capítulo 2**

#### **Da Snæland à Islândia: A jornada do mito**

|  |    |
|--|----|
| 2.1 – Colonização e cristianização da Islândia | 37 |
| 2.2 – Sagas islandesas                         | 45 |
| 2.3 – Völsunga saga                            | 48 |
| 2.4 – Edda poética                             | 52 |

### **Capítulo 3**

#### **Apropriação e representação: A Lenda de Sigurd e Gudrun**

|  |    |
|--|----|
| 3.1 – John Ronald Reul Tolkien           | 55 |
| 3.2 – Apropriação do imaginário medieval | 64 |
| 3.3 – Narrativas e representação         | 71 |

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| <b>Considerações finais</b> | 74 |
|-----------------------------|----|

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| <b>Referências Bibliográficas</b> | 81 |
|-----------------------------------|----|

|                  |    |
|------------------|----|
| <b>Glossário</b> | 88 |
|------------------|----|

|                 |    |
|-----------------|----|
| <b>Apêndice</b> | 95 |
|-----------------|----|

|               |     |
|---------------|-----|
| <b>Anexos</b> | 103 |
|---------------|-----|



## INTRODUÇÃO

*"Só não existe o que não pode ser imaginado."  
Murilo Mendes*

Desde há muito tempo, quando fui apresentada aos livros, que sou uma leitora voraz. Com o passar dos anos tive contato com diversos autores e estilos de narrativa, delimitando lentamente os limites do que me proporcionava maior prazer. Neste mesmo período descobri minha afinidade com o tema fantástico. À medida que tal afinidade aumentava, comecei a buscar mais escritos do gênero, e foi quando me deparei com J.R.R. Tolkien. Após a leitura da trilogia O Senhor dos Anéis percebi que estava ávida por mais, e foi assim que mergulhei no seu trabalho, lendo títulos como O Hobbit, O Silmarillion e Contos Inacabados.

Em relação ao gênero fantasia continuei minha busca pelos novos mundos que outros autores poderiam me apresentar. Assim, conheci C.S. Lewis, J.K. Rowling, Marion Zimmer Bradley, Philip Pullman, Stephen King entre muitos outros. Com o passar do tempo e o acúmulo dos anos, atrelei as leituras de gênero fantástico aos filmes fantásticos, entre os quais se destacam os inúmeros trabalhos asiáticos (conhecidos por suas lutas, guerreiros habilidosos e animais míticos) e as adaptações de livros e lendas. Foi uma destas adaptações, O Anel dos Nibelungos<sup>1</sup>, que despertou meu interesse pelo campo dos mitos e lendas que se misturam à cultura e às relações sociais humanas por todo o mundo. A lembrança deste filme permaneceu comigo, latente em minha memória, e ressurgiu, quando comprei o livro A Lenda de Sigurd e Gudrun, cujo autor era, para minha surpresa e deleite, J.R.R. Tolkien.

Tenho que confessar que esse gosto pela literatura fantástica, por esses livros, contribuiu em alguma medida para que eu me interessasse por História a ponto de escolher este campo de estudo como curso superior. Quando entrei no curso de História - Memória e Imagem, descobri a polêmica que envolve a Literatura ao estudar sua relação com a História, ou seja, a

---

<sup>1</sup> Filme e minissérie. Direção de Uli Edel. Roteiro de Diane Duane e Peter Morwood. Gênero de aventura épica, 2004 (184 minutos), cor.

relação do ficcional, aqui representado pelo livro *A Lenda de Sigurd e Gudrun* com o contexto histórico que o envolveu, pensando o diálogo entre real e ficcional, e o fluxo trocado entre eles. Como uma fã de longa data de literatura fantástica fui extremamente cética e relutei muito até começar a fazer leituras de historiadores que exploram tal relação literatura-história.

Incomodava-me um pouco essa linha de estudo que encontrei no curso de História. Mas aos poucos, lendo os trabalhos de Roger Chartier, Sandra Pesavento, Hayden White, José Barros, Sevcenko entre outros, percebi que os autores propunham uma série de reflexões interessantes e que, a partir da análise historiográfica, a pesquisa só tem a enriquecer e ganhar em sentido.

As descrições mitológicas vêm povoando o imaginário da cultura ao redor do mundo há tanto tempo que é arriscado apontar qual foi a primeira, de forma conclusiva. Os escritos que traçam a trajetória de personagens com características notáveis de personalidade, além de habilidades sobre-humanas como Gilgamesh, Sigurd e Perseu, passando por Shahrazad e Cuchulainn até Artur e Rolando, são apenas alguns exemplos da antiguidade e da diversidade da mitologia. A própria classificação de tais personagens como mitológicas é incerta, uma vez que muitos dos trabalhos realizados sobre suas vidas e seus feitos, podem ser lidos ou interpretados como lendas, relatos ou até mesmo biografias de pessoas que realmente existiram e sobreviveram através de fragmentos de sua história, dependendo de quem está escrevendo. Essa classificação se mostra precária e pode se desmembrar quando analisada sob o ponto de vista das mais diversas áreas do conhecimento – história, antropologia, psicologia, entre outras – na tentativa de olhar o mito de um ângulo diferente.

O próprio termo mito é de difícil classificação. Pode ser rastreado até os conceitos gregos de *mythos* que significa palavra, anúncio, uma descrição de algo observado, e *logos* ou conhecimento racional. Os dois termos são assim relacionados por Junito de Souza Brandão:

*Logos e mythos são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito. O 'logos', sendo um raciocínio, procura convencer, acarretando no ouvinte a necessidade de julgar. [...] O mito, porém, não possui outro fim senão si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo*

*parece 'belo' ou verossímil, ou porque simplesmente se deseja dar-lhe crédito. Assim é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional do pensamento humano, sendo por sua própria natureza aparentada à arte, em todas as suas criações.(BRANDÃO, 1988, p.13)*

O conhecimento racional, o *logos*, busca explicar todos os fenômenos, desde a criação do mundo até a chuva e a mudança das estações, mas, quando encontra limites, a razão dá lugar ao pensamento mítico. A mitologia de um povo nada mais é do que uma narrativa que tenta explicar, de acordo com seu conhecimento, ambiente e sociabilidade, o mundo e o homem. Dentre a mitologia sobrevivente, a escandinava talvez seja a mais fascinante e, sem dúvida, uma das mais completas.

Tendo em mente o mito como uma forma de expressão que pretende ser atraente e aceita como parte da cultura de um determinado grupo, é curioso pensar como esta forma de narrativa pode ser retirada de seu contexto, apartada de sua finalidade e julgada como irreal ou falsa com tanta facilidade. Mitos não são mentiras. Mitos são construídos a partir de eventos reais, derivam de uma verdade que pertence a um núcleo cultural específico, ou seja, a mitologia escandinava que aqui será analisada não é a mesma que a grega ou chinesa. Quanto a esta suposta falsidade da mitologia Joseph Campbell diz que:

*Não, a mitologia não é uma mentira; mitologia é poesia, é algo metafórico. Já se disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade – penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. A mitologia lança a mente para além dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido, mas não contado. Por isso é a penúltima verdade (CAMPBELL, 1990, p.173)*

É nas sociedades tradicionais, entendidas como “primitivas” por muitos ainda hoje, que o mito persiste de forma mais contundente e próxima do que se imagina era seu teor primordial, no tempo em que era transmitido oralmente. Segundo Luiz Cláudio Moniz (2007) nestas sociedades, os mitos

*explicavam os aspectos essenciais da realidade, tais como a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais, assim como os processos interiores do próprio homem, juntamente com seus valores básicos (MONIZ, 2007, p.33).*

Uma riquíssima coleção de mitos era transmitida através da tradição oral na Antiguidade e na Idade Média, impulsionando a formação das lendas

heróicas, tais como a de Sigurd, que resistiu aos séculos na forma alemã O Anel dos Nibelungos e na escandinava A Saga dos Volsungos. A definição de mito nos faz pensar na conexão entre a narrativa mitológica e a narrativa literária.

A mitologia é muito próxima da chamada “literatura fantástica” e suas obras se confundem em muitos casos. Se aceitarmos, como Eliade (1989), que o mito é nada mais que uma realidade cultural complexa, que pode ser abordada e interpretada através das mais variadas perspectivas, chegaremos a uma aproximação do mito com a literatura uma vez que esta opera como uma forma de registro do passado, das práticas socioculturais do tempo em que foi escrita, da mesma forma que a mitologia.

Tendo isso em mente fica mais fácil enxergar porque os escritos mitológicos são analisados como objeto de estudo para os que almejam entender a cultura, o pensamento ou ainda, a sociedade de um determinado período ou lugar. No caso deste trabalho monográfico, é a sociedade escandinava, especialmente a islandesa, o foco do estudo. A literatura opera da mesma forma, tendo, talvez, um pouco mais de credibilidade como registro histórico. O mito traz em sua intenção, especialmente nos mais antigos, transmitir ao maior número de receptores, o mais profundamente possível, um relato sobre eventos e pessoas que são reais para quem o elaborou.

Foi sob essa perspectiva que essa pesquisa se ancorou, e é a partir dessa reflexão que ela pretende se lançar em investigações e questionamentos do objeto de minha análise: o trabalho original A Lenda de Sigurd e Gudrun. Primeiramente é preciso apresentar um panorama geral sobre a obra com relação a seu enredo.

Em A Lenda de Sigurd e Gudrun, Tolkien compôs dois poemas relacionados: a nova Balada dos Volsungos e a nova Balada de Gudrun. Na Balada dos Volsungos é contada a linhagem do herói Sigurd, matador do dragão Fafnir, cujo tesouro ele tomou para si. Fala-se de como ele despertou a Valquíria Brynhild; de como foram prometidos um para o outro; e de sua chegada à corte dos príncipes Nibelungos, com os quais obteve uma fraternidade de sangue. Nessa corte vivia uma grande feiticeira, mãe dos

Nibelungos. Conta-se da tragédia de Sigurd e Brynhild, do Nibelungo Gunnar e de sua irmã Gudrun, até o desfecho com o assassinato de Sigurd pelas mãos de seus irmãos de sangue, o suicídio de Brynhild e o desespero de Gudrun.

Na Balada de Gudrun, contam-se seu destino após a morte de Sigurd, seu casamento com Atli, como este assassinou seus irmãos e como ela se vingou.

Assim, tomando a literatura escandinava como objeto de investigação este texto procura identificar os elementos da cultura mitológica escandinava na obra A Lenda de Sigurd e Gudrun e analisá-los em contraposição aos fragmentos restantes do mito original, que serviu de referência para o autor, discutindo a obra A Lenda de Sigurd e Gudrun como uma construção histórica literária que ressignificou um mito escandinavo medieval. A hipótese que buscamos desenvolver reconhece no texto de Tolkien o esforço de elaboração de um discurso original preocupado em honrar o escritor anônimo que o precedeu.

Para embasar esse texto e sustentar essa hipótese, tomei dois dos trabalhos literários islandeses mais importantes que tratam de mitologia nórdica, os poemas Saga dos Volsungos, com tradução de Théo de Borba Moosburger, e Edda poética, como fontes auxiliares e usei diversas bibliografias que me ajudaram a pensar desde os manuscritos medievais e a relação entre História e Literatura até os motivos impulsionadores de Tolkien para a escrita e os resultados de seu trabalho, além de um panorama do contexto histórico de produção da Saga dos Volsungos e da Edda poética - que serviriam de base para Tolkien 700 anos mais tarde.

Como minha intenção é que tal contexto histórico de produção seja o mais completo possível, incluí obras que tratam da Islândia, berço das sagas. Para contextualizar e entender o pensamento de Tolkien vali-me do livro Tolkien – O Senhor da Fantasia, de autoria de Michael White. Essa escolha de leitura se baseia na crença de que para ter sobre Tolkien uma visão clara seria de fundamental importância a leitura de outras obras do próprio autor, tanto no âmbito da ficção quanto de sua produção acadêmica, suas cartas e sua biografia; pois seu vasto universo ficcional encerra muito mais que o gosto pela narrativa fantástica e pelo mito; é um projeto de vida, um caminho escolhido

desde a juventude e percorrido persistentemente ao longo da vida. Sem essa perspectiva, torna-se impossível qualquer análise do texto.

O trabalho é constituído de três capítulos. Em seguida a esta introdução, o primeiro capítulo apresenta uma breve noção geral sobre a literatura de fantasia e o mito, e como esse gênero literário se entrelaça com a história. O segundo capítulo traz o mito da Saga dos Volsungos, seu contexto de produção e suas origens escandinavas. O terceiro capítulo mostra como a saga original é ressignificada pelo autor da Lenda de Sigurd e Gudrun como recurso narrativo para dar vida à sua própria leitura do mito. Finalmente, a conclusão fecha a discussão fazendo a interligação dos pontos discutidos.

Parafraseando Neil D. Isaacs, crítico da obra tolkieniana, é necessária uma crítica que não se baseie nem na adulação irracional, nem na rejeição por princípio, mas na análise dos aspectos da obra (ISAACS, 1976b). A isso acrescento que, numa obra tão multifacetada quanto a de Tolkien, esses aspectos estão tão intimamente ligados, tão intrincadamente entrelaçados que é praticamente impossível isolá-los, por isso, o ponto privilegiado nesta pesquisa fatalmente refletirá tantos outros, que terão de permanecer inexplorados, por mais que a tentação da pesquisa queira nos convencer de que uma discussão mais profunda seria fundamental. Os estudos sobre Tolkien se concentram em sua maior parte nas suas influências, na sua criação linguística e na polêmica sobre se sua obra deve ou não ser considerada literatura. Sobre esses assuntos há mais de cinquenta anos de discussões exaustivas para todos os intelectos, gostos e paixões.

Finalmente, espera-se que este trabalho possa contribuir para jogar um pouco de luz sobre a literatura escandinava, em particular a islandesa, que geralmente passa despercebida em comparação a outros assuntos dentro da História, mas que é uma prática tão antiga quanto abrangente, tanto como recurso narrativo quanto como fator cultural.

# CAPÍTULO 1

## História e Literatura: A representação do mito na narrativa literária

*Mitologia é o nome que damos às religiões dos outros.*  
Joseph Campbell

### 1.1 - Discurso mítico

Alguns questionamentos surgem quando tratamos sobre os mitos. Para que servem? Quais suas funções? O que vem a ser exatamente um mito?

As tentativas de responder a tais questões foram muitas, com os propósitos mais variados. Parece impossível descobrir quantas horas foram dedicadas a essa tarefa hercúlea por estudiosos, pesquisadores e entusiastas do assunto ao longo de décadas, quiçá séculos, de trabalho em que tais personagens se debruçaram sobre manuscritos e livros, na tentativa de desvendar os mistérios de nossos antepassados.

Sendo assim, parece claro que definir o mito não é uma tarefa muito simples. Mas, como todo trabalho que fascina e instiga a curiosidade e a imaginação, o esforço para compreender o discurso mítico vale a pena. Diz Mircea Eliade que o mito

*é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, illo tempore, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmos, ou tão somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie de animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser. (ELIADE, 1989, p.27)*

Para Brandão, estudioso dos mitos e de seus significados,

*O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se. (BRANDÃO, 1988, p.36)*

Colocado de outra forma, a mitologia não pertence a um grupo ou cultura, não se restringe pelos limites do tempo e espaço, e sim, pela capacidade humana de imaginar. A mitologia é uma realidade universal, uma condição inerente a humanidade, simplesmente por ser a primeira forma conhecida de fé, de crença. A mitologia foi durante séculos a base da sociedade e a resposta para todas as perguntas, e, sua credibilidade era tamanha, que resistiu à ação do tempo e à afirmação da ciência como autoridade última da racionalidade.

Pode-se pensar na mitologia, como conjuntos de histórias que transmitem a visão de mundo de uma comunidade que possui uma cultura comum. A mitologia é tão complexa por ser a forma pela qual um grupo explica a realidade em que vive, e como tal, é aceita sem questionamento e não está sujeita a correção. Tal autoridade sobre a vida de indivíduos de determinada cultura, se sustenta pelo teor sobrenatural que envolve a mitologia, o recurso do mistério que é utilizado para explicar a realidade.

Tendo essa visão em mente, Pierre Brunel demonstra que o mito é

*um relato (ou uma personagem implicada num relato) simbólico que passa a ter valor fascinante (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana mais ou menos extensa, à qual ele propõe uma situação ou uma forma de agir. (BRUNEL, 1998, p.731)*

E Lévi-Strauss complementa, ao apontar que o mito deve ser apreendido em sua totalidade, não por partes, pois seu significado básico

*não está ligado à sequência dos acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos, ainda que tais acontecimentos ocorram em momentos diferentes da história. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.68)*

São também os mitos responsáveis pela educação e pela conduta da população, verdadeiros guias para uma vida segura, afastando qualquer sentimento de negação da existência. Sendo assim, aquilo que é contado, serve para explicar as coisas correntes no mundo. O mito está ligado às emoções, não à racionalidade, portanto não depende de comprovação para ser verdade, apenas de fé.

Durante um longo período da história humana os mitos serviram a esse propósito, incontestados, até o momento em que já não bastavam mais para explicar o mundo pelo qual a humanidade estava rodeada. O significado do



termo passou a se perder, ganhando aspectos ilusórios, irrealis e utópicos, após a passagem do pensamento mítico para o científico. Com isso surge o desejo de compreender a vida através da lógica e da ciência e as narrativas míticas começam a se desvincular da nova realidade da compreensão humana. Apesar de sua grande utilidade e relevância, a ideia de que o mito seria uma mentira não se afastou do pensamento da humanidade, levando em consideração seu caráter não-científico.

Dentre a mitologia que floresceu e se estabeleceu, a dos povos nórdicos, chamados escandinavos, que habitavam a região que hoje compreende Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Islândia, felizmente não se perdeu e está contida nas Eddas. Essa religião antiga desapareceu e suas divindades já não são cultuadas. Não pertencem mais à teologia, e sim à literatura. Ainda persistem, e persistirão ainda por muito tempo, pois estão demasiadamente vinculadas as mais notáveis produções da poesia e das belas artes, antigas e modernas, para caírem no esquecimento.

A fim de compreender os episódios relatados nessa coletânea chamada Edda - tais como o princípio de tudo quando não havia nem Céu, nem Mar, nem Terra; o surgimento de Ymir e sua geração de gigantes, e a vaca Audhumla que os alimentou; o nascimento dos deuses; a primeira guerra entre estes e os gigantes que resulta na morte de Ymir e no triunfo de Odin; até a criação de Asgard e da Bifrost- tão frequentemente citados por poetas, ensaístas, oradores e estudiosos modernos, é preciso primeiramente conhecer as ideias sobre as quais estava assentada tal sociedade. Nas palavras de Thomas Bulfinch:

*Segundo as Edas, [...] o novo ser era um deus, e dele e de sua esposa, filha da raça dos gigantes, nasceram os três irmãos, Odin, Vili e Ve, que mataram o gigante Ymir, formando com seu corpo a terra; com seu sangue, os mares; com seus ossos, as montanhas; com seus cabelos, as árvores; com seu crânio, o céu; e com seu cérebro, as nuvens carregadas de neve e granizo [...]*

*Odin estabeleceu, depois, os períodos do dia e da noite, e as estações, colocando no céu o Sol e a Lua e lhes determinando os respectivos cursos [...] Pouco depois de terem criado o mundo, os deuses [...] tomaram, então, um freixo e dele fizeram um homem, e de um amieiro fizeram uma mulher, chamando o homem de Aske e a mulher de Embla. Odin deu-lhes, então, a vida e a alma; Vili, a razão e o movimento; e Ve, os sentidos, a fisionomia expressiva e o dom da*

*palavra. A Midgard foi-lhes, então, dada para moradia, e eles se tornaram os progenitores do gênero humano.*

*Supunha-se que todo o universo era sustentado pelo gigantesco freixo Yggdrasil, que nascera do corpo de Ymir e tinha raízes imensas, uma das quais penetrava no Asgard (morada dos deuses), outra no Jotunheim (morada dos gigantes) e a terceira no Niffleheim (regiões das trevas e do frio). (BULFINCH, 2006, p.311-313)*

De acordo com o mito do surgimento do mundo da cultura escandinava Odin preside a assembleia dos deuses do seu palácio Valhala, em Asgard (local acessível apenas pela ponte Bifrost), da onde avista todo o Céu e toda a Terra. Em seus ombros pousam os corvos Huginn (pensamento) e Muninn (memória), que voam durante todo o dia sobre o mundo e, quando voltam, contam ao deus todos os pensamentos e memórias que coletaram no reino dos homens. A seus pés estão deitados os lobos Geri e Freki. A Odin também é creditada a descoberta das Runas. Diz o mito que na Yggdrasil, a árvore fundamental, Odin esteve pendurado durante nove noites com uma lança atravessada no peito, para que pudesse aprender a sabedoria das Runas, o alfabeto nórdico, que rege a vida dos deuses e dos homens. Quando a provação terminou, Odin havia adquirido o conhecimento rúnico, o poder de curar doenças e de derrotar os inimigos com sua poderosa lança Gungnir.

Como coloca Bulfinch, este mito não apenas confere uma explicação para a Criação, como ainda estabelece, em conjunto com outras histórias, a religião desse grupo. A religião se baseava na crença de que tais histórias, em que Yggdrasil é o centro do mundo, apontam um caminho a ser seguido ao longo da vida, são a verdade absoluta. Tamanha confiança tem um motivo. De acordo com Jean-Claude Carrière,

*o mito conservou-se, por um lado, sob a forma original dos contos, da narrativa fundadora que, por meio da narração alegórica, ensina a um povo o porquê de ele estar ali, precisamente naquela parte da Terra, como ali chegou, e como deve se conduzir. (CARRIERE, 2003, p.21)*

Assim, percebemos aquilo que é essencial: o mito é uma busca da explicação do mundo baseada, tanto quanto as religiões modernas, em nada além de fé. A magia que o mito traz ao pensamento humano é tão grande que foi crível durante muitos anos que o mundo nasceu através do que era explicado pelos deuses. Com o passar dos anos, os mitos se transfiguram, mas nunca deixam de tentar mostrar qual é a possível origem do homem, o

ambiente de onde ele realmente saiu. E é a literatura, a responsável por manter viva a ideia de nascimento do homem e do mundo, através dos mitos.

Assim, observa-se, então, que a literatura é o meio pelo qual o mito se mantém e se transfigura, graças à construção alegórica de certa fundação, dessa transposição daquilo que é confuso para a ordenação total. Essa breve ideia traz algo de muita importância para nosso estudo: o objeto de trabalho do mito é o mesmo da literatura, o que aproxima o leitor do texto literário do homem que sempre creu nas explicações mitológicas. Com isso, o receptor da mitologia e o da narrativa literária se aproximam, o que faz com que busquemos os motivos para a existência dos mitos na contemporaneidade.

O tema desta dissertação, portanto, recai sobre o estudo em que se recupera o mito nórdico da Saga dos Volsungos, para definir os elementos estruturais do mito, tomando como fonte de estudo a obra A Lenda de Sigurd e Gudrun, de J.R.R. Tolkien. Justifica-se esse trabalho pelo interesse que a obra e a referente mitologia refletem no público leitor.

## **1.2 - Mitologia e literatura de fantasia**

Escrever ou produzir Literatura é uma atividade que “ultrapassa” o real, atribuindo a ele novos significados e dotando-o de um sentido diverso daquele que o real porventura tenha. Portanto, é preciso entender que o ato de escrever pressupõe reflexão sobre o que se está escrevendo; pressupõe uma análise profunda do texto, de modo que a produção literária final é fruto de constantes revisões, supressão e acréscimo de partes. O produto final então, por ser ficcional, é de certa forma “mais real do que o real” pois o que consideramos “realidade” não passa de um véu, que nubla nossa visão e mantém o sistema social comumente aceito, funcionando. Para Iser, “a função da arte está em possibilitar o que o mundo do trabalho exclui: a realização do sentido” (COSTA LIMA, 1983, p.372), ou seja, a mitologia dá sentido às práticas sociais que nos rodeiam. A literatura, como transmissora de tal mitologia, tem a capacidade de criar novos sentidos que se unem ao original, uma vez que cada leitor ressignifica a narrativa e a toma para si.

A literatura de fantasia, em que o caráter ficcional está francamente estampado, conseguiu, ao “criar/fingir”, adquirir o atributo de realidade. Assim,

a literatura de fantasia ultrapassa o limite entre o “real” e o “irreal”, ao se tornar algo mais, um campo abstrato. Isto significa que esta literatura pode não apenas reformular e ressignificar a “realidade”, como ainda criar uma nova realidade que se sustenta por si só. Como tão bem coloca Iser (1996, p.11), “O texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida em que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida.”

A Literatura e o contexto histórico que a produziu estão intimamente ligados, pois é na realidade histórica que se localizam as raízes da criação literária. A forma como os fatos históricos incidem ou não sobre o modo de pensar de Tolkien se encontra disposto no texto literário, possibilitando que ele não somente seja uma criação artística, mas também um registro da intencionalidade e visão de um sujeito histórico aliadas ao que ele viveu e sentiu em relação às transformações de sua época.

Nesse sentido, Alfredo Bosi aponta que é preciso ter sempre em mente a “individualização autoral”, uma vez que como ele discute através dos escritos de Otto Maria Carpeaux, é preciso permanecer cauteloso quanto à “meia verdade do determinismo sociológico”. (BOSI, 2005, p.325) Essa cautela está ligada à especificidade de cada visão e atribuição de significado que os autores, enquanto sujeitos históricos têm e fazem com relação aos eventos da época em que viveram e escreveram.

Cada autor apreende os fatos históricos e as transformações de seu tempo de formas diferentes, seja pelos referenciais que possuem, seja pelo próprio posicionamento moral, ético, político, religioso que defendem, seja pela experiência de vida material e cultural pela qual passaram. A “meia verdade” de que fala Carpeaux é a insuficiência da abordagem da Literatura enquanto mera reprodutora da cultura, convenções e modo de pensar dominantes. Esta é apenas metade da verdade sobre o trabalho literário. A Literatura não é necessariamente favorável às transformações da realidade que vivencia, nem necessariamente a crítica. Ela é, de fato, uma visão específica sobre a realidade, dialogando com essa realidade, construindo a partir dela um significado.

A Literatura pode agir como resistência aos modos de pensar mais convencionais da época da sua elaboração, criticando a realidade e pondo-se

contra elementos e transformações do contexto sócio-histórico em que foi produzida. Em outros casos, pode reiterar as convenções do ambiente em que foi criada, e apenas reproduzir os discursos que seu autor profere.

Compreendendo a necessidade de contextualizar o autor de acordo com a realidade social em que viveu e desenvolveu sua obra, tendo cuidado para levar em conta tanto sua dimensão social mais ampla quanto sua individualidade, Alfredo Bosi aponta que os escritos ficcionais, como a Literatura Fantástica de Tolkien são

*(...) individualizações descontínuas do processo cultural. Enquanto individualizações, podem exprimir tanto reflexos (espelhamentos) como variações, diferenças, distanciamentos, problematizações, rupturas e, no limite, negações das convenções dominantes de seu tempo. (BOSI, 2002, p.10)*

Compreender que a realidade histórica influencia a criação literária, ficcional ou não, é essencial para concebê-la e abordá-la como fonte e registro, além de uma prática social que cria e transmite um sentido para a realidade, sendo vantajosa para compreender a expressão dissonante peculiar dos autores, seja em relação ao contexto histórico de modo mais abrangente, seja em relação às linhas mais particulares de sua vida.

Mas, frente a tudo isso, como investigar historiograficamente um livro de Literatura Fantástica como A Lenda de Sigurd e Gudrun? Nesse sentido é preciso compreender que, segundo a definição mais tradicional e difundida de Literatura Fantástica, de autoria de Tzvetan Todorov (1992), esse gênero se define justamente quando há uma hesitação por parte do leitor com relação ao que está escrito, como se a possibilidade do teor do texto ser natural ou sobrenaturalmente explicado fosse deixada em dúvida. A escolha entre o racional e o sobrenatural é deixada sempre em aberto para o leitor. Ainda de acordo com Todorov, um texto, para ser puramente fantástico, deve deixar a dúvida pairando no ar até o final, de modo que o desfecho não penda nem para uma explicação racional nem mística, mas sim que o leitor hesite perante isso, julgando-a de acordo com seus próprios pontos de vista e crenças. Dessa forma, o texto cria vida e está constantemente sofrendo mudanças, uma vez que cada leitor chegará a sua própria conclusão. A Literatura Fantástica não é

estática, e sim, aberta as mais diversas interpretações, da mesma forma que o texto histórico. A interpretação dependerá das convicções do leitor.

Ou seja, de acordo com a definição de Todorov, um grande peso é atribuído à leitura, à recepção que o leitor terá da história em questão. Em grande parte é o leitor, acostumado com a realidade em que vive, explicada racional e cientificamente, que irá, ao se deparar com uma história fantástica, experimentar a sensação de diferença em relação ao seu dia-a-dia, às suas experiências na realidade em que vive, uma sensação de estranhamento.

A Literatura Fantástica, pela “liberdade criadora” que possui, anula “leis” e “regras” comuns ao mundo da escrita, essa realidade em que vivemos, sujeita aos preceitos científicos e racionais; possibilitando não somente aos leitores, mas também à seu autor, a possibilidade de vislumbrar não só uma “realidade” diferente daquela em que vivemos; mas também observar a nossa realidade de forma distanciada. A capacidade de transportar o leitor para outro mundo (não importa se similar ou não ao nosso) faz com que ele veja sua própria realidade com “outros olhos”, enxergando-a a partir de outra perspectiva, analisando-a a partir de uma nova posição e de novos referenciais.

Desse modo, é possível dizer que não somente o leitor vivencia esse distanciamento, mas também (e talvez de forma mais intensa) o autor, como criador dessa história e o primeiro a vivenciar essa sensação de distanciamento da realidade.

Em face do recorte a que esse texto se restringiu, a investigação sobre a recepção dos leitores não será discutida. O fantástico apresenta forte relação com o leitor e também com seu autor, visto que foi ele quem arquitetou essa fantasia a partir da realidade. Foi a partir de suas convicções, experiências e pensamentos que a fantasia pôde acontecer, sendo ele não repositório da realidade, mas o reelaborador da realidade através do fantástico.

Em termos de popularidade o gênero fantástico, no qual se pode incluir a mitologia, é um dos mais importantes e relevantes, graças em grande parte ao trabalho de Tolkien. Mas ele não está só. Muitos consideram que ele foi o maior nome da Literatura Fantástica e essa afirmação é justa, mas o seu

trabalho, apesar de inovador, não foi pioneiro. É, pois, apropriada a colocação de White, em que ele aponta que:

*Há muitas e variadas discussões sobre quem foi o primeiro autor do gênero, assim como ainda há algum debate sobre o que constitui a fantasia e como ela se distingue da ficção científica. O grego Luciano de Samósata, que viveu durante o século II d.C., possivelmente foi o primeiro; suas “sátiras luciânicas” provavelmente são os exemplos mais antigos de fantasia que sobreviveram e serviram de modelo para muitas obras posteriores. Mais tarde, durante o século XVI, o intelectual inglês e estadista Thomas More reavivou o estilo de Luciano e compôs o seu clássico Utopia (1516), imitado por muitos incluindo o herege italiano Tommaso Campanella, que foi perseguido e torturado pela Inquisição pelo que escreveu em seu livro A Cidade do Sol (1602).*

*Ligeiramente à esquerda destes esforços está uma das fantasias mais famosas, As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, publicada em 1726 [...] Mas os séculos XVIII e XIX produziram um número crescente de ficções significativas que poderiam ser classificadas como fantásticas, incluindo Viagem Subterrânea de Nicola Klim (1741), de Ludvig Holberg, Micromegas (1752), de ninguém menos que Voltaire, e claro, Frankenstein (1818), de Mary Shelley.*

*Outro autor que teve grande influência sobre futuros escritores de fantasia foi Walter Scott, cujos romances escritos no começo do século XIX reuniam realismo histórico e fantasia. Hoje, Scott é mais bem conhecido por seus contos de cavalaria, sobretudo Ivanhoé, publicado em 1819, e seus romances Waverley: Guy Mannering (1815), Tahdistalukija – O Antiquário (1816) e o Anão Negro, publicado no mesmo ano. [...] Elementos da escrita de Scott ainda podem ser vistos na ficção fantástica do século XXI, sobretudo naquela situada em um “panorama medieval alternativo”.*

*Um século mais tarde, com o advento da era tecnológica, a ficção científica e alguma ficção fantástica começaram a atrair o interesse do público leitor. As obras de Julio Verne e H.G. Wells são talvez os melhores exemplos do gênero daquele tempo, mas seus livros, mais notavelmente Vinte Mil Léguas Submarinas (1870), de Verne, e A Máquina do Tempo (1895), de Wells, eram bastante distintos da fantasia ou da ficção romântica, pois lidavam com mundos possíveis, “realidades” reconhecíveis, onde a inovação científica e tecnológica desempenhava um papel central na trama. A fantasia afastava-se da ficção científica por essa época, pois, ao invés de trabalhar com ideias científicas e futurísticas, os escritores do gênero preferiam ambientar suas histórias dentro de mundos alternativos que poderiam ser tão distantes da “realidade” quanto eles desejassem.*

*Um dos mais importantes escritores de fantasia no final do século XIX foi o irlandês Lord Dunsany. [...] Como Tolkien, Dunsany foi acadêmico e ocupou a cadeira de Literatura Inglesa na Universidade de Atenas, escrevendo ficção no tempo livre. Seu primeiro livro, publicado em 1905, era uma coletânea de contos fantásticos chamada The Gods of Pegana e seguiu escrevendo outros, incluindo The Sword of Weleran. Ele cunhou o termo “além do nosso conhecimento” para descrever o gênero no qual atuava, a descrição de mundos onde quase tudo poderia acontecer e onde as regras gerais de nosso mundo físico não seriam necessariamente aplicáveis. (WHITE, 2013, p.87-89)*

Ainda que extenso, o apontamento de White é importante para oferecer um quadro da jornada que o gênero fantástico empreendeu antes de Tolkien

ter seu primeiro contato com a Literatura no final do século XIX. A Literatura Fantástica oscilou muito em sua definição desde os tempos de Luciano até Tolkien, e se confundiu com a ficção científica, o romance, a mitologia; esses entrelaçamentos servindo para impulsionar a escrita de novas ideias e a criação de novas “realidades”. O gênero fantástico ainda se confundia com outros quando Tolkien se dispôs a escrever literatura. Seus escritos estabeleceram uma nova era da literatura, criando um gênero fantástico que estava isento da confusão apresentada até então por autores que o precederam. A partir de O Hobbit a ficção científica se tornou um gênero separado da fantasia, o romance e a mitologia eram acessórios, referências criativas por assim dizer, que serviam a imaginação do escritor. A criação que resultaria estava, inegavelmente, repleta das ideias e crenças de seu criador. Nenhum escritor está livre de transmitir a suas obras seus sentimentos e convicções, ainda que em alguns casos inconscientemente. Tolkien não é exceção. Em A Lenda de Sigurd e Gudrun sua paixão pelo estudo de línguas transborda em cada verso, tão cuidadosa foi sua escrita.

Desse modo, pode-se ver que a Fantasia é também histórica, pois é uma criação humana, condicionada e estudada de acordo com as “diretrizes” históricas de seu tempo. A relação da Fantasia com a realidade além de intrínseca é também histórica, pois, assim como a realidade transforma-se constantemente, a relação do fantástico com ela e com seus referenciais também se altera constantemente.

Sendo a Literatura fruto da expressão humana, e sendo o homem um ser histórico, o diálogo entre o factual e ficcional condiciona a forma como as obras são elaboradas e escritas, fazendo com que se constituam um objeto de pesquisa prolífico de compreender o contexto histórico que as cercou.

### **1.3 - Literatura como objeto da História**

A relação da Literatura com a História já foi tematizada e discutida exaustivamente por muitos estudiosos. Essa relação é tão complexa que foi motivo de muitos debates e diversas polêmicas. Dentre elas, uma chama a atenção. De que forma é possível empreender uma análise historiográfica em textos literários? Como a literatura, conforme coloca Sandra Jatahy Pesavento,



“(…) pode servir de traço, rastro, indício, marca de historicidade, fonte, enfim, para algo que aconteceu?”<sup>2</sup> E se, esses textos literários forem fantásticos? Preocupado também com esta questão, Sevcenko (1989) afirma que todo o historiador que busca se servir do material literário deve observar que diferente da História, que se ocupa da realidade, a Literatura é atraída pela possibilidade. Observada esta diferença Sevcenko define as possibilidades do uso do material literário na escrita historiográfica da seguinte maneira:

*A literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. (...) Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das ideias não consumadas.(SEVCENKO, 1989, p.21)*

Além disto, é preciso ainda observar que a Literatura é, também, como indicou Pesavento, uma

*Atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. É elemento organizador do mundo, que dá coerência, legitimidade e identidade. É sistema de identificação, classificação e valorização do real, pautando condutas e inspirando ações. É, podemos dizer, um real mais real que o real concreto...<sup>3</sup>*

As obras literárias carregam valores, significados, signos e sentidos que se encontram em consonância ou dissonância com as tensões e relações sociais que a rodeiam, tecendo sobre elas toda uma rede de significados. As obras literárias transmitem desde emoções e sentimentos até reflexões e críticas à realidade, não são mero instrumento de diversão ou de entretenimento. Sua função muda, sua significação é diversa e complexa, o próprio teor da escrita é algo muito controverso e de difícil compreensão definitiva. Contudo, ainda assim, como fruto da ação do homem, e sendo o homem um ser histórico, cada obra literária encerra em si ideias e significados históricos, passíveis das mais diversas e ricas interpretações e que irão ter um impacto sobre a realidade que, independentemente de sua magnitude, pode

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em nov. 2015.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>> Acesso em nov. 2015.

ser objeto de pesquisa e investigação historiográfica. Neste sentido, o real ganha significados diversos a partir da visão do autor, não correspondendo necessariamente aos eventos históricos e as experiências vividas ou as convenções mais comuns de seu tempo, mas sim informando sobre o modo como estes eventos e experiências foram sentidos e percebidos.

Assim como outras formas de expressão humana, a Literatura também busca um ou mais objetivos. Certamente a literatura desempenha uma função artística, de manifestação de beleza, de satisfação sensorial. Afinal, como observou Sevcenko,

*Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO. 1989, p.20)*

Toda a experiência literária está pautada na realidade, cabe através da análise historiográfica, definir quais são essas referências, que objetivos têm, de que forma se instilam na história.

Cada obra literária é construída sobre alguns pressupostos, ou seja, algum objetivo, que norteia tanto seu conteúdo quanto sua apresentação estética. Ambas as dimensões, a forma e o conteúdo, são produtos humanos, criações e abstrações humanas, que se encontram igualmente vinculadas a uma determinada realidade histórica. A dimensão estética da obra tem um peso grande e está ligada à realidade histórica - tendências, tradições, movimentos, escolas, estilos culturais e artísticos, por exemplo -, e está sempre calcada na matéria-prima do real, sendo, portanto, elemento passível de análise historiográfica.

Não cabe aqui fazer uma distinção da escrita literária e historiográfica, mas é preciso observar que, além do próprio conteúdo que enche as páginas da obras, também a forma com que ele é apresentado e disposto é objeto de análise, já que a função da organização da escrita está vinculada a um objetivo concreto que não a mera satisfação dos sentidos: carrega um significado, pois é a forma que diretamente interfere na maneira como o leitor, ao deparar-se com a obra, irá interpretar o teor da escrita e também como o autor, ao produzi-la, escolheu para que ela tomasse forma.

Logo, pensar a Literatura do ponto de vista historiográfico traz implicações: como não separá-la do contexto em que tomou forma e compreendê-la como expressão desse contexto, expressão essa que reelabora e ressignifica o real através de um olhar particular, que pode não ser o único, promulgando interesses e imprimindo um caráter particular a toda construção literária?

A Literatura é, portanto, um “produto” histórico, produto de seu tempo, do contexto em que tomou lugar o seu desenvolvimento, sendo nessa perspectiva que a abordagem e discussão da obra em questão se darão: buscando no contexto histórico e nas mudanças e transformações da realidade os elementos que permitam entender A Lenda de Sigurd e Gudrun como uma construção literária.

Sendo produto da mente do autor J.R.R.Tolkien, um ser histórico, A Lenda de Sigurd e Gudrun acaba por ser influenciada pelo contexto histórico que também “produziu” esse ser histórico, sendo, portanto, possível analisá-la historiograficamente.

#### **1.4 - Tradição oral na literatura medieval**

A palavra narrativa deriva do verbo ‘narrar’, cuja etimologia provém do latim *narrare*, que remete ao ato de contar, relatar, expor um fato, uma história. As experiências transmitidas por via oral são a primeira forma do que hoje conhecemos como mito, e fonte originária de todas as narrativas. Na relação entre narrador e ouvinte há o interesse em preservar o que foi narrado, a narração está condicionada à voz humana. A matéria do narrador é a vida humana e, talvez por isso, as melhores narrativas escritas são, de acordo com Benjamin (1987, p.198) “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

A narrativa oral, além de transmitir histórias, difundia a cultura da comunidade de que provinha, afinal, “comunicar” é produzir Cultura. É interessante neste momento, o que coloca Roger Chartier acerca das

transferências entre a cultura oral e a cultura escrita, mostrando que a tradição oral pode participar da tradição escrita através de práticas culturais.<sup>4</sup>

A tradição oral não dispunha de documentos escritos que a guiassem, o que significa que retirava seu material de outro lugar. Em outras palavras, neste período as histórias contavam com os testemunhos transmitidos oralmente de geração em geração para serem passadas adiante. Esta tradição oral que era compartilhada de pai para filho nas sociedades tradicionais, se perdeu, substituída por uma nova forma de transmissão da narrativa: a escrita.

Nos séculos IX e X, período em que a Islândia passava por um letramento, os poemas e, por conseguinte, as tradições míticas, não eram escritas, ocasionando certas alterações, ocorridas nas apresentações de escaldo<sup>5</sup> para escaldo.

Langer (2006) diz que a tradição oral fora propagada pelos escaldos a partir de repetições das narrativas, cantos e poemas apresentados a plateias, onde tal repetição se daria mais pela utilização de formas e temas do que pela memorização. A poesia escáldica transmitia oralmente os eventos contemporâneos a sua composição, uma vez que os eventos narrados diziam respeito a reis e grandes líderes, batalhas e quaisquer acontecimentos dignos de homenagem.

Um dos melhores exemplos é a transmissão da história da queda dos burgúndios, história esta que passou para o campo do mito ao ser incorporada a mitologia em O Anel dos Nibelungos que foi, por sua vez, influência para a Saga dos Volsungos. Os burgúndios eram originalmente um povo germânico oriental que veio da Escandinávia e no começo do século V estavam estabelecidos na Gália, em um reino na margem oeste do Reno centrado em Worms (ao sul de Frankfurt). No ano de 435, liderados por seu rei Gundahari, os burgúndios, ao que parece impelidos pela carência de terras, empenharam-se em uma expansão para o oeste; mas foram subjugados pelo general romano Aetius e obrigados a implorar pela paz. Dois anos depois, em 437, foram dominados por um ataque maciço dos hunos, em que muitos pereceram

---

<sup>4</sup> Como exemplo têm-se a leitura coletiva e a literatura de cordel.

<sup>5</sup> Bardos e poetas escandinavos que atuaram principalmente entre 800-1200. Entre os quais se destacam: Bragi Boddason, Þorbjörn hornklofi, Þjóðolf de Hvinir, Einarr Skúlason, Eyvindr Finnsson, Eilífr Goðrúnarson, Egil Skallagrímsson, Einarr Helgason, Gunnlaugr Illugason, Úlfr Uggason, Kormákr Ögmundarson, Alfredo, o Poeta Perturbado, Arnórr jarlaskáld, Haroldo Hardrada, Snorri Sturluson e Þórir Jökull Steinfinnsson.

entre os quais Gundahari.<sup>6</sup> Mas em 443 foi permitido aos sobreviventes se estabelecerem como colonos na região da Savóia.

Átila é o mais renomado de todos os reis bárbaros e é lembrado como um temível tirano e destruidor. O pouco que sabemos sobre o rei se deve a um historiador talentoso e bem informado chamado Prisco de Paniium (uma cidade da Trácia), cuja grande obra em língua grega *De Bizâncio e dos eventos associados a Átila* sobrevive, lamentavelmente, apenas em fragmentos.

No ano de 451, Átila, com um grande exército, se deslocou rumo ao oeste, na direção do Reno, desferindo um ataque contra a Gália. Os hunos haviam destruído o poder dos ostrogodos no leste durante o século IV, e Átila governava um grande domínio misto. Em seu império, e também em seus exércitos, havia muitos povos germânicos orientais; e agora chegavam às suas hostes os ostrogodos comandados pelo rei Valamer, os gépidas sob Ardaric, rugios, turíngios e guerreiros de outras nações. Contra eles vinham em aliança os visigodos (godos ocidentais) de Tolosa (Toulouse) sob o idoso rei Theodoric, o general romano Aetius, burgúndios vindos de suas novas terras na Savóia, francos, até mesmo um contingente de saxões. A batalha é conhecida como das planícies catalaunenses (planície de Champagne) e planície de Mauriac; foi travada na região de Troyes.

Muito pouco se sabe do decurso da batalha. Theodoric, rei dos visigodos, foi um dentre o vasto número de mortos. O combate continuou noite adentro, e Átila retirou-se para seu acampamento, que havia fortificado. Mas o ataque final jamais aconteceu. A aliança contra ele se desfez. A despeito da avidez do jovem rei dos visigodos, Thurismund, para se vingar dos hunos pela morte de seu pai na batalha, Aetius o aconselhou a voltar a Toulouse para que seus irmãos não se apossassem do trono na sua ausência. O conselho foi aceito por Thorismund; os visigodos partiram do campo de batalha, e a Átila foi permitido escapar da Gália.

No ano de 452, em seguida à grande batalha, Átila atravessou os Alpes e desceu para a Itália. As cidades da planície setentrional italiana não somente foram devastadas pelos hunos, mas em alguns casos chegaram a ser arrasadas e postas no chão.

---

<sup>6</sup> Gundahari é Gunnar em nórdico. Ele aparece no antigo inglês na forma Guðhere e na tradição alemã como Gunther.

Os poemas eram declamados em público e assim eram transmitidos, através da palavra e da memória, alcançando as gerações posteriores que eram, por sua vez, capazes de transferir as histórias armazenadas em suas lembranças, para a palavra escrita. Foi apenas graças a esse sistema de transmissão oral que os poemas escáldicos sobreviveram por séculos após sua composição para serem escritos e, assim, possibilitarem o estudo dos acontecimentos marcantes do período viking.

Não devemos, contudo, considerar esse período de tradição oral como livre da parcialidade do escald, pois tanto a tradição oral quanto a escrita estão sujeitas às influências de seu contexto social.

Nas apresentações escáldicas, primeiramente o poeta recita suas poesias a um grupo de pessoas, as quais devem ter um conhecimento prévio do conteúdo recitado<sup>7</sup> para que haja a aceitação da poesia.

*Para poder penetrar e tomar seu lugar na tradição oral, uma narrativa, uma história ou qualquer obra falada deve ser entendida, isto é, deve ser aceita pela comunidade ou pelo auditório a que se destina. (DETIENNE, 1992, p. 82)*

E mais, “poetas a serviço de uma aristocracia guerreira não podem devolver a essa sociedade senão sua própria imagem reproduzida com acurada fidelidade” (DETIENNE, 1992, p.55). Sendo assim, a produção oral que não foi bem recebida está destinada ao “desaparecimento imediato, como se nunca tivesse sido pronunciada” (DETIENNE, 1992, p.82). Portanto, as versões dos poemas que chegaram àqueles que detinham o conhecimento da escrita e, portanto, os registraram, não podem ser outros senão aqueles aceitos por uma sociedade que encontrava reproduzida suas crenças e modo de vida nesses poemas.

O conhecimento da história dos grandes homens e de seus feitos pertencia às cortes reais e apenas os vikings cultos possuíam esse saber. De acordo com Graham-Campbell,

*Os cantos dos escaldos, os poetas de corte profissionais, tinham formas muito complexas, com uma rima muito trabalhada, ritmo e combinações aliteradas. Usavam-se frases misturadas e termos especiais eliminados da linguagem da fala cotidiana. Os poetas*

---

<sup>7</sup> Os profissionais, ou escaldos, repetiam as narrativas, poemas e cantos a uma plateia que através da tradição oral possuíam um conhecimento prévio do conteúdo, em um sistema de repetição que transcorre ao longo de gerações. Na ausência de um sistema de escrita, a memória prevalece por meio da oralidade.

*faziam muitas vezes alusão às aventuras ou características dos deuses pagãos escandinavos, que, supunha-se, os ouvintes reconheceriam. Era difícil entender os poemas e ainda mais difícil apresentá-los. Um poeta da corte necessitava de muita preparação e conhecimento memorizados. E também a sua audiência. (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.100)*

A conservação da poesia escáldica só foi possível graças aos escritores das sagas dos séculos XII e XIII. Estes citavam os poemas dos escaldos para “ilustrar sua prosa, acrescentar vigor ao seu argumento ou justificar as suas declarações” (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.105). É interessante o que aponta Graham-Campbell:

*O que remanesce provém principalmente da Escandinávia Ocidental, e os poetas são noruegueses ou, em data um pouco posterior, islandeses. Remanescem alguns poemas da corte dinamarquesa. Provavelmente houve escaldos suecos – embora não se conheçam as suas obras -, e cortes menores, como a dos condes das Órcades, que também tiveram seus poetas. (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p.106)*

A passagem da tradição oral para a escrita, notada especialmente pela composição das sagas, pertence a um período de intensas mudanças na Islândia. Essa passagem pode ser percebida de forma mais contundente por volta do ano 1000, aproximadamente, e avança até o século XIV. É nesse momento que tem início profundas mudanças nos campos político, com a centralização do poder em torno de poucas famílias, e religioso, com o advento do cristianismo, do povo islandês, que conseqüentemente afetaram a cultura da comunidade.

Os escritores das sagas nos séculos XII e XIII deram continuidade a tradição oral de seus antepassados ao transmitir as histórias sobre grandes conquistas e feitos heróicos de reis e navegadores da era viking. Assim, a memória de tal passado era preservada, ainda que não integralmente e livre de interferências como bem coloca Lonroth:

*When the Scandinavians themselves, however, started to Record the exploits of their Viking ancestors, they painted a much more glorious picture of what they had accomplished as warriors, seafarers, settlers, and pioneering Explorers of foreign lands. In the twelfth and thirteenth centuries, when the classical Old Norse sagas and skaldic poems were committed to parchment, the Viking era began to be regarded as the heroic age of Scandinavia. A fascinating literature developed, particularly in Iceland, but also to some extent in Norway and Denmark; it is this literature, more than anything else, that has formed later ideas about Viking life, even today, and not only in Scandinavia. (LONNROTH, 1997, p.225)*

A característica da tradição oral de misturar elementos mitológicos com a realidade, muitas vezes como uma forma de lisonja direcionada ao patrono do escaldo, se manteve na tradição escrita das sagas. Estas, sucessoras das narrativas orais, prosseguiram contando histórias de grandes feitos e personagens heróicos, sem deixar de retratar a política, religião, valores e códigos sociais da sociedade islandesa. As sagas são, portanto, um meio de transmissão da memória social e como tal, são também uma fonte histórica sobre a era viking. Pode-se dizer que os islandeses escreveram “sobre eles mesmos e para eles mesmos”. (BYOCK, 2001, p.25)

É importante ressaltar que não foi de uma hora para outra que a tradição oral deixou de existir e em seu lugar só houvesse a escrita, pelo contrário, ambas coexistiram. Desse modo, com a chegada do cristianismo, e a adoção da escrita, os escandinavos rapidamente começaram a escrever textos na língua nórdica. Entretanto, passagens que apresentam qualquer forma cristã não podem ser tidas somente como um avanço da religião, mas também, como um sinal de que ela estava presente. Explicando melhor, existem diferenças entre a linguagem poética, um discurso individual, e a linguagem mítica, produto de uma coletividade, nas fontes chamadas *Eddas*. Desse modo, as relações existentes com o cristianismo nos poemas das *Eddas*, podem exprimir somente um novo recurso artístico ao poeta, e não uma mudança na forma da religiosidade desse povo. O que ocorria era que os poetas, como “guardiões” dos mitos, eram certamente inspirados pelo cristianismo (conscientemente ou não).

Nesse caso, há de se considerar o que foi dito por Eliade, que

*apesar de reinterpretadas, não significa, evidentemente, que essas Grandes Mitologias tenham perdido sua “substância mítica” e que não passem de “literatura”. (ELIADE, 1992, p. 10)*

Neste período de tradição oral, antes da adoção da escrita latina, houve outra forma de transmissão de conhecimento na Europa Setentrional: as runas.<sup>8</sup> Estas eram uma escrita alfabética que podia ser adaptada para vários

---

<sup>8</sup> Há runas primitivas em varias regiões da Europa – na Inglaterra, nos Países Baixos, na Alemanha e na Europa Central -, bem como na Escandinávia e no mundo viking. Mas é no norte que as runas sobreviveram mais tempo e deixaram mais exemplos. Ali, se desenvolveram sinais característicos muito simplificados. A escrita rúnica consiste mais em linhas retas que em linhas curvas, e era gravada em materiais como madeira, osso, metal e pedra.



usos. Tal escrita fora inventada pelos germanos no século II d.C. e aceita no século VII d.C. pelos nórdicos. No processo, houve uma alteração de 24 caracteres iniciais, para 16 no chamado “Último Futhark” (BRONSTED, 2004, p.187).

Essas runas estão diretamente ligadas à religiosidade desses povos. Sua origem religiosa encontra-se no mito em que o deus Odin enforca-se na árvore Yggdrasil, e após nove dias enforcado e transpassado por sua lança descobre a escrita mágica das runas. Tal escrita deveria ser utilizada por aqueles que soubessem de suas propriedades mágicas, para que as escrevessem, e “eram usadas nas sagas, de várias maneiras: para guerra, para a sorte no amor, para prosperidade etc.” (OLIVEIRA, 2009, p.48).

Apesar dessa origem mitológica, ao fim da era viking as runas já começavam a ser usadas por outros motivos. Foram usadas para a preservação de literaturas de temáticas religiosas, mas apenas em pequenas referências. Nesse período foram utilizadas em maior escala em pedras comemorativas, onde os textos nos falam dos líderes dos círculos aristocratas, fazendo referência a reis e príncipes, chefes e nobres, sobre a vida viking, guerreiros e ocupações de paz (BRONSTED, 2004, p.187-195).

Tanto a recitação das poesias quanto a confecção das pedras rúnicas eram feitas pelo escaldo. Existem alguns poemas escáldicos preservados em escrita rúnica, e mesmo algumas passagens édicas foram preservadas em inscrições na rocha.

## CAPÍTULO 2

### Da Snæland à Islândia: A jornada do mito

*“Não despreze a tradição que vem de anos longínquos; talvez as velhas avós guardem na memória relatos sobre coisas que alguma vez foram úteis para o conhecimento dos sábios.”*

*J. R. R. Tolkien*

A Islândia encontra-se no meio do Atlântico a cerca de 1.287 quilômetros (800 milhas) da costa da Noruega, e permaneceu desabitada por muito tempo. Foi na Víkingaöld, que homens nórdicos começaram a construir navios que poderiam levá-los pelo Atlântico Norte com chance de sobrevivência. Os barcos que se lançavam ao mar teriam demorado entre uma semana e um mês para chegar ali, fazendo escala nas Ilhas Zetland e nas Ilhas Færeyjar. As paisagens inóspitas da Islândia formaram-se a partir de vulcões e gelo; os campos de lava e as geleiras cobrem quase três quartos da sua superfície, e a terra de cultivo limita-se a estreita faixa costeira e aos vales do sul e do sudoeste.

A partir de c.860, os vikings começaram a chegar ali em grande número num movimento colonizador. Tal movimento pode ter tido sua origem em mudanças na sociedade, que tiveram um efeito impulsionador: a situação criada pelo rei Haroldo I, que centralizou o poder na Noruega por volta de 880, e ao fazer isso parece ter desagradado a muita gente. A Noruega era uma terra antes dividida por senhores locais e pequenos reis. Esta situação teria encorajado muitas famílias nobres insatisfeitas a procurar liberdade política nas novas terras a ocidente; mas um aumento na população da Noruega e a escassez de terras disponíveis também são motivos plausíveis para a emigração (GRAHAM-CAMPBELL, 1997, p.170). O que não significa que o estímulo não pode ter surgido de uma conjunção dos fatores.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> O Norte da Noruega permaneceu fora da unificação, sendo governado por uma família de condes fundada em Lade. Nos séculos seguintes houve constante conflito entre o Norte e o Sul, com os reis dinamarqueses desempenhando por vezes papel destacado no Sul. As sagas falam de muitas batalhas e disputas mortais.

A maioria era da costa oeste da Noruega, mas muitos haviam vivido por um tempo em colônias Viking nas ilhas britânicas. Alguns também vieram de outras partes da Escandinávia, e a minoria era de origem irlandesa. Os colonos nórdicos vieram acompanhados de escravos e talvez esposas, de origem celta; mas a maioria era de homens. As construções, bens enterrados em tumbas e o idioma da Islândia medieval mostram essa população miscigenada, de maioria nórdica.

*A imagem corrente do Viking é bastante plausível, uma vez que as atividades de pirata e de guerreiro que lhes são atribuídas parecem coerentes com o que sabemos autenticamente sobre estes Vikings dos séculos IX e X.<sup>10</sup> (TULINIUS, 2005, p.237).*

Vários dos vikings que deixaram a Noruega para fazer incursões ao longo das costas da Escócia e da Irlanda permaneceram ali como agricultores. Mas alguns deles, ou de seus descendentes, navegaram de novo para o ocidente, desta vez com destino ao Atlântico Norte: as Ilhas Færeyjar, a Islândia, a Groenlândia e a América do Norte. Outros fizeram a viagem diretamente para oeste partindo da Noruega. Muitos sustentam que a casualidade desempenhou o papel principal na migração viking para ocidente, mas a esta distância no tempo é difícil saber até que ponto a necessidade, mais que a simples curiosidade e os ventos dominantes, os guiou na procura de novas terras.

Não há dúvida de que a viagem era perigosa, havia que ultrapassar os obstáculos naturais do Atlântico Norte. Nas águas costeiras, teriam usado sinais conhecidos para guiar os barcos, e, quando não avistavam terra, provavelmente usavam um tipo de avaliação baseado nos cálculos do rumo seguido e na velocidade obtida. As direções eram calculadas em relação ao Sol e as estrelas, a direção do vento e a ondulação. As velocidades, por sua vez, eram calculadas fazendo uso do saber herdado e da experiência pessoal sobre o modo como funcionavam os barcos numa grande variedade de circunstâncias. Estes navegadores observavam cuidadosamente os sinais de mudança de tempo, de vento, e os indícios de terra para além do horizonte.

---

<sup>10</sup> L'image du Viking qui s'y déploie est à bien des égards tout à fait plausible, car les activités de guerrier et de pirate qui y sont décrites semblent conformes à ce que nous pouvons savoir sur celles d'authentiques Vikings aux IX e X siècles.

As empreitadas arriscadas que atraíam os vikings para o mar, permitiram que estes exploradores ampliassem suas habilidades de navegação, adquirindo progressivamente um conjunto de conhecimentos - sobre rotas, épocas de navegação entre lugares conhecidos, mares, ventos e correntes - que foi transmitido de geração em geração. Foi esse acúmulo de conhecimento que permitiu que se transformassem de exploradores em colonizadores, e garantiu o sucesso onde os primeiros aventureiros que cruzaram as águas desconhecidas do Atlântico Norte falharam.

O fator significativo no impulso para o ocidente através do Atlântico Norte, em oposição às viagens vikings mais para o sul, é que o motivo principal parece ter sido a colonização - a ocupação de terras e a exploração – mais que os saques.

Ao contrário das incursões vikings na Europa Ocidental, onde os cronistas contemporâneos dentre a população local estavam à mão para descrever o que ocorria, as terras novas eram pouco habitadas e careciam de pessoas letradas para registrar o que aconteceu no Atlântico Norte. A informação documental que chegou até nós provém principalmente das sagas, que foram escritas muito depois dos acontecimentos e certamente depois de a história ter sido embelezada na transmissão. Mas não foram apenas os noruegueses que povoaram a Islândia, alguns eram naturais da Grã-Bretanha e da Irlanda.

A primeira informação escrita sobre a Islândia foi registrada por Dicuil,<sup>11</sup> que escrevendo o *Liber de Mensura Orbis Terrae*, conta-nos que desde 700 aproximadamente, existia entre certos monges irlandeses mais ousados, o costume de atravessar as águas inexploradas nas suas *currags*, estabelecendo-se na primeira ilha desabitada que encontraram e construindo celas simples onde viviam como eremitas. Os vikings que encontraram estes monges nas Ilhas Færeyjar e na Islândia, chamaram-nos *papar*. De forma similar ao que sucedeu nas Ilhas Færeyjar, a chegada dos nórdicos provocou a

---

<sup>11</sup> Descrição de seu livro *De mensura Orbis terrae*: "Faz agora trinta anos que os sacerdotes (clerici) que viveram nesta ilha desde o primeiro dia de fevereiro até o primeiro dia de agosto me disseram que não só no solstício de verão, mas também nos dias anteriores e posteriores, o sol poente esconde-se na hora do anoitecer como se estivesse atrás de uma pequena colina, e, portanto, não há escuridão durante este período de tempo, e qualquer tarefa que um homem deseje realizar, incluindo procurar piolhos na sua camisa, se pode fazer exatamente como em plena luz do dia. Os que escreveram que o mar é gelado à volta da ilha estão enganados [...] mas depois de um dia de navegação daqui para o norte encontrarão o mar gelado."

fuga dos *papar*. Dicuil também comunica a presença de santos celtas que vagueavam pelo norte, como São Brandão, na ilha chamada "Thule". Ele indica que esta ilha, identificada erroneamente como a Islândia, era habitada desde 60 a 70 anos antes da chegada dos vikings, mas suas afirmações não foram corroboradas por achados arqueológicos convincentes. Há poucas provas de tal ocupação e, para além dos escritos de Dicuil e de Ari Þorgilsson (1067-1148), só remanescem alguns restos arqueológicos efêmeros.

## **2.1 Colonização e cristianização da Islândia**

Antes de poder ser colonizada, a Islândia teve de ser descoberta e explorada, um processo que teve um desenrolar surpreendentemente rápido. De acordo com Ari Þorgilsson, uma das fontes mais completas disponíveis sobre o período em questão, e tão confiável quanto uma fonte pode ser, a colonização da Islândia completou-se em 60 anos, entre 870 e 930.<sup>12</sup>

Apesar dos indícios nos registros de Dicuil, a descoberta da Islândia<sup>13</sup> é creditada a um norueguês. Natural de Agder, o viking Naddodd partiu de sua terra natal com destino as Ilhas Færeyjar e se perdeu no caminho, acabando por aportar em uma costa desconhecida, onde hoje se encontra o povoado de Reyðarfjörður. Ele explorou os arredores da costa e procurou vestígios de pessoas, mas só encontrou a neve que caía na encosta da montanha. Naddodd batizou a nova terra de Snæland, e decidiu continuar sua jornada até as Ilhas Færeyjar.

O próximo viking a ancorar na Snæland foi o nobre sueco Garðarr Svavarsson. Ao circum-navegar a costa e constatar que se tratava de uma ilha, decidiu permanecer no local durante o inverno que já começava. Ele se estabeleceu com seus companheiros no norte, numa baía que denominou de Husavík. Quando Garðarr se foi, deixou para trás a terra de Snæland, agora renomeada como Ilha Garðarshólmur, nome que viria a ser adotado pelos nórdicos na época.

---

<sup>12</sup> Pesquisas arqueológicas revelaram que muitas das mais antigas cidades da Islândia estão perto de uma camada de cinzas vulcânicas que cobre grande parte da ilha, conhecida como a Camada da Colonização. Em 1995, traços desta mesma camada foram encontrados nos núcleos de gelo da Geleira da Groenlândia, que podem ser datados de 871. Essa data é consistente com os escritos de Ari, o Sábio.

<sup>13</sup> Ver ANEXO A – Viagens de descoberta da Islândia.

Temos por fim outro norueguês, o explorador que daria início a fase de colonização e batizaria a ilha com o nome que perdura até os dias de hoje. Floki foi o terceiro viking a chegar nessa terra, mas o primeiro a navegar deliberadamente até lá, partindo das Ilhas Færeyjar após ouvir sobre novas terras a oeste conhecidas como Garðarshólmur. Em seguida a esquadrinhar a península de Reykjanes e a costa sul, decidiu desembarcar num fiorde no noroeste da ilha, onde a terra era fértil e a natureza menos selvagem. Floki e seus homens passaram por um inverno difícil e quando a primavera chegou, começaram a preparar o regresso e neste ponto já estavam tão abatidos e frustrados que, ao subir ao topo de uma montanha e enxergar apenas gelo no fiorde do outro lado, Floki chamou o terreno de Iceland.

A partir da experiência de Floki começa a chamada “idade da colonização”, com vikings em grupos mais numerosos fazendo a viagem e se estabelecendo nessa terra ainda pouco explorada.<sup>14</sup>

A vinda dos nórdicos à Islândia é descrita no *Islendingabók*, mas não faz menção aos escandinavos a quem tradicionalmente se atribui a descoberta da Islândia: o sueco Garðarr Svavarson e os noruegueses Naddodd e Floki. Seus nomes são citados em outras fontes do século XII, os manuscritos *Historia Norwegiæ*, de 1170, e a *Historia de Antiquitate Regum Norvagiensium* de cerca de 1180. O *Landnámabók*, por sua vez, tem sua escrita atribuída a Ari Þorgilsson, e é a principal fonte de informação referente à *landnám*. Este manuscrito traz os nomes e biografias de 430 colonos com as suas reivindicações de terras. Por isso, é uma fonte única, que além de mostrar de forma conclusiva a colonização da Islândia em andamento, demonstrou sua utilidade também para os arqueólogos, indicando onde podiam cavar e localizar as colônias.

Segundo o *Landnámabók*, o primeiro colono permanente da Islândia foi um norueguês chamado Ingólfur Arnarsson, que desembarcou na ilha em 870 e por volta de 874, finalmente se fixou com sua família num lugar que ficou conhecido por Reykjavík, que viria a ser a capital da Islândia. A fazenda de Ingólfur permanece um mistério para historiadores e arqueólogos, uma vez que

---

<sup>14</sup> Ver ANEXO B – Mapas 1,2 e 3.

as escavações feitas na área encontraram restos da época viking, mas nenhum diretamente ligado a fazenda original.

Muitos dos primeiros colonos eram pagãos, e foram encontradas várias sepulturas com magníficas coleções de bens mortuários. No entanto, elas não são suficientes para representar a população original, calculada em cerca de 20.000 povoadores que vieram para a Islândia durante o período de colonização, aumentando até 60.000, aproximadamente. Cada pedaço de terra fértil foi explorado pelos fazendeiros, e a área mais densamente povoada parece ter sido o vale Thjorsa. Sabe-se que o monte Hekla, um dos maiores vulcões da Islândia, entrou em fase de atividade no final do período viking, e várias fazendas da época jazem sob um manto de cinza o que, em muitos casos, torna possível uma datação aproximada dos achados.

A chegada de Ingólfur foi apenas o começo. De acordo com o *Landnámabók*, ele foi seguido por muitos chefes noruegueses, que com as suas famílias e escravos vieram para a ilha nas décadas seguintes. Estes colonos eram noruegueses e irlandeses em sua maioria. Entre os muitos fazendeiros noruegueses que partiram na mesma época, o nome de Eiríkur Porvaldsson se sobressai. Após morar na Islândia com sua família durante alguns anos, vindo da Noruega como um fugitivo acusado de assassinato, Eiríkur, ou Eric, o Vermelho como ficou conhecido, teve de fugir novamente ao ser acusado do mesmo crime na nova terra. Em sua nova aventura descobriu uma costa montanhosa com geleiras, velejou pela ponta sul, e finalmente encontrou terra habitável na costa oeste. Ele decidiu ficar nesta terra, a qual ele chamou de Grænland, por volta de 985.

No entanto é importante fazer uma ressalva quanto a este manuscrito como fonte. Apesar de achados arqueológicos encontrados em Reykjavík confirmarem a data de colonização e indicando 870 como uma data possível, este livro é controverso entre os historiadores islandeses devido às suas inconsistências. Ainda que de extrema importância, o *Landnámabók* foi compilado nos princípios do século XII, quando já tinham passado pelo menos 200 anos do período da colonização, motivo pelo qual o *Íslendingabók*, um pouco anterior e menos minucioso, é considerado uma fonte mais confiável. Independentemente de quaisquer informações que possam gerar dúvida nos

estudos, o *Landnámabók* ainda é um manuscrito islandês que pode transmitir valiosas noções sobre a Islândia controversa e misteriosa do período medieval.

Ao ano de 930 é creditada a criação do *Alþingi*<sup>15</sup> pelos chefes islandeses, marcando o fim da “idade da colonização” e o início do estabelecimento da Islândia como um assentamento permanente e estabilizado por instituições de poder. Dentre estas, o *Alþingi* é o mais significativo, não apenas para a história da Islândia já que sua criação se tornou, com o tempo, a data atribuída ao nascimento da Islândia como nação independente; mas do Ocidente, como o parlamento mais antigo reconhecido.

De acordo com o primeiro código de leis islandês, o *Grágás*, este parlamento pioneiro funcionava como uma reunião dos homens livres da ilha que acontecia em um lugar chamado Þingvellir durante duas semanas, todos os verões. O encontro era presidido pelo *lögsögumaður*, escolhido pelos *Goðar*<sup>16</sup> para um mandato de três anos, e tinha como principal tarefa estabelecer leis e atender queixas além de memorizar a nova legislação. Os *Goðar*, por sua vez, revisavam as leis, resolviam disputas e nomeavam os jurados que julgariam os processos judiciais. No *Alþingi*, os chefes se sentavam no *Lögrétta*, cada um acompanhado por dois conselheiros. Apenas os homens independentes poderiam atender ao parlamento, mas muitas de suas famílias os acompanhavam e geravam ocasiões sociais que atraíam tanto homens quanto mulheres ao proporcionar uma oportunidade de encontrar um parceiro adequado. O *Alþingi*<sup>17</sup> tomava todas as decisões referentes à colônia, mas não as aplicava, este era o papel da população, uma vez que não havia poder central.

Logo abaixo do *Alþingi* na hierarquia administrativa estavam os *þings*, que se reuniam mais regularmente do que o *Alþingi*, para resolver assuntos regionais. Nas regiões, aconteciam assembleias de primavera. De acordo com o *Grágás*, três chefes deveriam se reunir para uma assembleia de primavera; em que os chefes nomeavam fazendeiros para julgar casos que apareciam

---

<sup>15</sup> A letra þ, é pronunciada como o “th” do inglês na palavra *think*.

<sup>16</sup> A letra ð, é pronunciada como o “th” do inglês na palavra *mother*.

<sup>17</sup> Um bom exemplo do funcionamento do *Alþingi* foi a introdução do cristianismo como religião oficial da Islândia, após longas discussões no *Alþingi* do ano 1.000.



dentro do distrito. Os chefes também conduziam *leiðarþing* em seu retorno do parlamento, com o objetivo de promulgar novas leis e outras inovações.

Os fazendeiros sob autoridade de cada chefe eram chamados de seus *þingmenn*. Pela lei, eles tinham o direito de transferir sua fidelidade, assim como o chefe podia repudiar um de seus seguidores. O sistema tornava os fazendeiros sujeitos às vontades de seus senhores, responsáveis pela manutenção das leis diante da inexistência do poder central na figura de um rei, que faria uso de um exército para manter a paz. Pode-se dizer que, na prática, os chefes controlavam a ilha e a mantinham sujeita a suas flutuações de interesses e disputas entre clãs.

Nesse tipo de sociedade em que todo e qualquer homem livre poderia tomar a lei nas mãos, os justiceiros e vingadores se multiplicavam ao lado dos ambiciosos em vendetas sangrentas por terras, poder, riqueza e família. Apesar das divisões e contendas internas os anos seguintes mostraram a capacidade da Islândia se organizar para promover o próprio crescimento. Uma nova geração de exploradores parte em seus navios e cria colônias na Groenlândia e no Canadá, que constam nas grandes sagas *Eiríks saga Rauða* e *Grænlandinga saga*.

Os colonizadores da Islândia eram, sobretudo, pagãos que adoravam os *Æsir*, pois pouca influência cristã havia chegado à Escandinávia. Nas últimas décadas do século X, a pressão política da Europa para que os islandeses se convertessem ao cristianismo aumentou e os primeiros missionários cristãos foram para a Islândia. Depois que o rei Viking, Olaf Tryggvason, tomou o poder na Noruega em 995, a missão cristã tomou fôlego. Um missionário enviado pelo rei batizou o chefe islandês Gissur Teitsson, o Branco, que se comprometeu a batizar todos os islandeses.

Com a aproximação do fim do milênio muitos dos islandeses dos clãs mais proeminentes tinham aceitado a conversão e a encaravam como uma possibilidade de ampliar suas relações de poder, ao contrário da maioria da população, que se mantinha pagã. Mas no ano 1000, quando uma guerra civil entre as duas facções do parlamento, de pagãos e cristãos, parecia possível, o *Alþing* indicou um dos chefes tribais, Þorgeir Ljósvetningagoði, um pagão, para

decidir esta questão. O chefe ordenou que os presentes no parlamento fizessem uma promessa antecipada de honrar a decisão que ele havia tomado, e todos aceitaram. Percebendo as consequências de uma estagnação no paganismo e decidindo que o momento tornava a mudança inevitável, Þorgeir tomou uma decisão.

*Então foi declarada a lei que toda a pessoa deveria ser cristã e aceitar o batismo, inclusive quem não fora batizado nesta terra. Mas, da antiga lei, o abandono de crianças e a ingestão de carne de cavalo deveriam ser mantidos. As pessoas teriam que fazer sacrifícios em segredo caso quisessem evitar o banimento por três anos, o que aconteceria caso fossem descobertas. Alguns anos depois, aquela prática pagã foi abandonada, assim como as demais [Íslendingabók, 7]. (COSTA; BIRRO, 2009, p.23).*

O modo como o cristianismo e a Igreja adentraram a Islândia, como uma imposição sobre uma cultura religiosa mais antiga e já assentada, não apenas no cotidiano, mas também nos corações de seus seguidores, tornou sua aceitação naturalmente complicada e penosa. Para tornar tudo mais interessante, neste período a Igreja e seus líderes, procuravam ter autonomia e aumentar sua autoridade por meio de seus representantes. No caso da Islândia não seria diferente.

Em 1178 o bispo Þorlákur Þóhallsson chegou à diocese de Skálholt com um mandato do arcebispo de Trondheim, para assumir o controle de todas as propriedades que haviam sido "doadas" para a igreja, mas estavam sendo administradas como empreendimentos privados. Não havia disputa sobre a posse das igrejas e de suas propriedades, cujos donos eram os santos, e sim, sobre quem gerenciava as propriedades em seu nome, descendentes do doador ou o bispo. Þorlákur imediatamente tomou medidas para retomar essa posse ao reivindicar as propriedades da Igreja. Mas seu sucesso foi breve, pois logo iniciou um embate que não poderia vencer com o chefe Jón Loftsson, de Oddi, o mais influente da Islândia.

A *libertas ecclesiae* continuou em 1190. Os chefes não poderiam mais ser ordenados ao sacerdócio, mas esse não seria o maior problema. A real disputa entre os poderes secular e eclesiástico na primeira metade do século XIII envolvia os chefes do norte e o bispo, sobre a qual dessas duas autoridades pertencia o controle sobre os recursos da diocese. É apenas em 1297 que se pode observar avanço na questão. Neste ano o bispo Árni

Porláksson de Skálholt, conseguiu um acordo com o rei Erik Magnusson da Noruega, garantindo o controle da maioria das propriedades das igrejas islandesas.

Na segunda metade do século XII, havia uma crescente tendência de mais de um *goðorð* pertencer ao mesmo homem, tendência esta, que continuou no início do século XIII quando a maior parte da Islândia estava concentrada na mão de oito chefes, sendo que alguns eram parentes próximos. Devido a essa realidade apenas cinco clãs comandavam toda a população. Nesse ambiente tenso, não demorou muito para as rivalidades explodirem em batalhas cada vez maiores, mais frequentes e envolvendo forças mais numerosas.

*In the fourth decade of the thirteenth century events begin to move more swiftly, like a great river encountering a sudden declivity in its course; nothing can any longer hold them back. Quarrels, incursions, manslaughter, battles, burnings. The districts change rulers constantly. One year a chieftain has most of the country in his power, the next he has gone abroad [to Norway] to the royal court, and his greatest enemy is in complete control. The time-honored bonds that link thingman and goði creak under the strain. All the pristine virtues totter. The extravagant ambition of the chieftains overthrows the nation's independence. [Sturlungaöld]. (SVEINSSON, 1953, p.5).*

Em adição aos problemas internos entre clãs, a política externa começou a interferir de forma mais contundente nas questões islandesas. Em 1217 Hákon Hákonarson ascendera ao trono da Noruega e ganhara controle das terras do Atlântico Norte habitadas por povos nórdicos, ou seja, colocara o território da Islândia sob sua influência.

Este período ficou conhecido como *Sturlungaöld*, em referência ao clã de Pórðarson, um dos mais influentes envolvido nas disputas. Nos anos seguintes o conflito continuou e em 1258 o rei empossou Gissur como Jarl da Islândia com a tarefa de submeter os clãs à autoridade da coroa norueguesa, no que ele foi bem sucedido. Chefes e representantes de fazendeiros no norte, oeste, leste, sudeste e sul da Islândia juraram lealdade ao rei e começaram a pagar impostos, se submetendo ao Rei da Noruega.

As datas precisas da *Sturlungaöld* não são definidas, mas costumeiramente é aceito o recorte de 1220-1262. Este ano é tido como o

último da independência da Islândia e o primeiro do tratado que estabelecia união com a monarquia norueguesa. Quando a Islândia se tornou um domínio norueguês, outros já estavam sujeitos à Coroa: as Ilhas Orkney, Zetland, Færeyjar e a Groenlândia. O rei Hakon morreu em 1263 em uma campanha para garantir a autoridade real sobre as Hébridas e sobre a Ilha de Man. Seu filho e sucessor Magnus, abandonou sua reivindicação sobre as Hébridas e sobre a Ilha de Man, priorizando a consolidação do próprio Reino da Noruega. Ele revisou as leis da nação duas vezes, de modo que todas as partes da Noruega estivessem sujeitas às mesmas leis quando ele morreu, em 1280.

Os islandeses receberam dois novos códigos legais durante o reinado de Magnus. Em 1271 chegou à Islândia o *Járnsíða*, seguido do *Jónsbók*. Este, foi desenvolvido especialmente para a Islândia, e as mudanças foram significativas. O *Alþingi* continuou a se reunir, mas as assembleias de primavera foram abolidas e novos oficiais presidiam os procedimentos das cortes regionais.

Foi o rei Hákon Magnússon (1299-1319), filho de Magnus, que tomou as decisões que colocaram a Islândia nas mãos da Dinamarca e da Suécia. Ele arranhou o casamento de sua filha com o irmão do rei sueco. Seu filho Magnus Eriksson, herdou os tronos da Suécia e da Noruega em 1319, com três anos de idade.

No período de 1376 a 1380 o menino rei Olaf, herdou as coroas da Dinamarca e da Noruega. Desse modo, a Islândia trocou de Coroa novamente e se tornou sujeita ao trono dinamarquês. Olaf também era da casa real sueca. Em 1387, ele subitamente morreu aos 17 anos e em 1397 uma tentativa foi feita na cidade sueca de Kalmar de estabelecer uma união permanente de todos os Estados. Através da União de Kalmar seus reis sentavam-se na Dinamarca. Os suecos eram às vezes parte da união, às vezes não, até retirarem-se permanentemente em 1521. Todavia, a Noruega foi comandada pelo rei dinamarquês até 1814, quando foi submetida à coroa sueca, deixando a Islândia como domínio dinamarquês. Com a assinatura do Tratado de Kiel, em 1814, os reinos da Noruega e da Dinamarca separaram-se novamente, com a Dinamarca ficando com a Islândia.

## 2.2 Sagas islandesas

O termo *Saga* no idioma nórdico antigo significa história, e, apesar de nem todas as obras que hoje chamamos sagas tenham conteúdo histórico, muito do que se sabe sobre a Escandinávia do período viking provém delas. A palavra é relacionada ao verbo *segja* que significa “dizer”, ou seja, poderia ser usada sobre qualquer coisa dita ou relacionada, independentemente da forma, origem ou assunto em questão (LONNROTH, 2008, p.304) e designa um dos principais gêneros literários da Europa Setentrional, de especialidade da Islândia medieval e com a particularidade de, em sua esmagadora maioria, não revelar seus autores.

Segundo o estudo de Ross (2002), as sagas são um meio de memória cultural, sendo utilizadas para o desenvolvimento de uma autoimagem entre os islandeses medievais e contemporâneos, auxiliando na formação de sua identidade nacional, incluindo-a na história da Europa.

O momento de produção das sagas, entre os séculos XII a XIV, ou seja, quase dois séculos após o fim da época viking, foi influenciado em diversas ocasiões pela literatura clássica e pela hagiografia medieval em latim. Relatam acontecimentos dos séculos X e XI; recontando em termos realísticos, contos de conflito e acordos de paz, amor e ambições frustradas. Os temas mais recorrentes versam sobre fatos da história dos povos escandinavos e germânicos, as aventuras dos Vikings e a colonização da Islândia.

As sagas se dividem em categorias das quais as mais antigas e conhecidas são: *Fornaldarsögur* (Sagas Lendárias), *Konungasögur* (Sagas dos Reis), *Íslendingasögur* (Sagas de Famílias), *Samtiðarsögur* (Sagas Contemporâneas), *Biskupa sögur* (Sagas dos Bispos), *Heilagra manna sögur* (Vidas dos santos) e *Riddarasögur* (Romances de cavalaria). (LONNROTH, 2008, p.304).

Dentre estas, uma merece destaque: as *Íslendingasögur* contam com 40 sagas sobreviventes, com temáticas que vão desde a colonização da Islândia até as aventuras vikings (OLIVEIRA, 2009, p.41) e incluem as narrativas heróicas em prosa, produzidas entre os séculos XII e XIV, que relatam fatos ocorridos na Islândia entre 930 e 1030. Esse período é conhecido como *Söguöld* (“a era das sagas”) na história islandesa.

Em espírito as *Íslendingasögur* são muito parecidas com as epopeias. Virtudes heróicas como honra, força moral e coragem valem muito, e a definição de heróis em muitas situações é um dos pontos principais. As sagas diferem das epopeias em dois pontos: por serem diretas, sem rodeios, em prosa clara em vez de versos e por não discorrerem sobre reis, princesas e heróis semidivinos, mas sobre abastados e poderosos fazendeiros (KELLOGG, 1997: xviii).

Na Islândia no começo do período pós-conversão, as famílias de maior influência política passam a controlar os poderes clericais e posteriormente à crise política nos séculos XII e XIII, propicia seu patrocínio da escrita das sagas, como parte do fortalecimento dos poderes familiares que disputam entre si o domínio da Islândia.

As sagas se constituem de uma narrativa literária que foi passada oralmente pelas linhagens familiares da sociedade escandinava medieval, que caracterizam a construção de uma preservação identitária das tradições da região. São originárias de uma sociedade de cultura baseada na oralidade, na qual a arte verbal foi um componente essencial para os trabalhos literários (HELLE, 2008, p.448). As sagas foram compostas retratando um passado transmitido por meio da oralidade durante anos.

Entre as grandes obras literárias da Europa medieval, as sagas islandesas retêm a maior importância e relação imediata com a nação que as produziu. A língua islandesa mudou muito pouco nos últimos mil anos, e os islandeses dos dias de hoje conseguem compreender muito bem os textos originais.

O estilo predominante nas sagas é de uma narrativa factual, objetiva e rápida, em prosa, concentrando-se nos fatos de um personagem “digno de memória” (LANGER, 2009, p. 2).

Os textos são contos épicos, frequentemente com estrofes ou poemas inteiros em versos aliterados incorporados no texto, que narram aventuras e feitos heróicos de épocas remotas (OLIVEIRA, 2009, p.39). São histórias de homens valiosos ora pagãos, ora cristãos, entrelaçadas com elementos de folclore, mistério, monstros e magia.

As sagas não têm correspondência com nenhum outro gênero literário contemporâneo, mas têm a tendência de serem chamadas de romances

históricos, muitas vezes baseados na realidade ou na tradição oral, mas elaborados com invenções pós-vikings. A linha narrativa segue um padrão geral, no qual os conflitos sobem em escalada até uma luta sangrenta envolvendo várias gerações, e códigos pessoais de honra precisam ser conciliados com a manutenção da estrutura social.

O estilo é conciso e foca bastante na ação, com diálogo pouco frequente e quase nada do pensamento introspectivo que aparece tanto nos romances modernos. Ainda assim, as sagas dão a impressão de ser contemporâneas por sua profundidade de caracterização, intimidade com cenas domésticas, senso de ironia e humor bem desenvolvido e profunda compreensão da motivação psicológica.

As sagas islandesas podem efetivamente servir como fonte histórica para o historiador, pois refletem a sociedade de sua época, sendo um “sujeito cultural” que possui o papel (inconsciente ou não) de transmitir informações sobre sua geração (BRAGANÇA JUNIOR, 2002, p. 2). Mas os pesquisadores devem estar atentos ao tipo de abordagem que pretendem utilizar para estas narrativas literárias, pois não existia entre elas uma distinção clara entre história e ficção no sentido moderno (LONNROTH, 2003, p. 1), e mesmo nas fontes ditas historiográficas (como os manuscritos *Landnámabók* e *Íslendigabók*), os eventos são ligados a lendas (WURTH, 2007, p. 155).

Alguns gêneros encontrados nas sagas (encantamentos, lendas, genealogias) podem ser formas residuais da tradição oral, (MITCHELL, 2003, p. 203) que permaneceram presentes quando as narrativas orais dos escaldos foram registradas em manuscritos, permitindo uma abordagem para o estudo da história social dos tempos vikings, mesmo se tratando de narrativas escritas séculos depois. As possibilidades investigativas conectando a relação entre História e Sociedade nas fontes literárias são muito amplas.

Alguns pensam que, no momento em que as sagas surgem, foram escritas num clima de interação entre fato e ficção, mas tornaram-se ficção pura no século XIV. Neste sentido, Buhl (2004) propõe que os escritores das sagas transformariam o passado histórico em uma narrativa prosaica, recriando-as como literatura, mas no plano do discurso haveria a possibilidade de se realizar diferenças formais entre as narrativas islandesas ficcionais e as históricas. Outros acreditam que originalmente as sagas não constituíram um

tipo particular de literatura, mas envolviam toda forma de narrativa sobre o passado. Lonnroth (2003) articula que o novo conceito, de gênero literário, teria sido introduzido após o século XII pelos clérigos e influenciou os escritores locais. Sabemos que os autores das sagas eram patrocinados pelos islandeses das famílias mais ricas e influentes, que tinham expectativas altas quanto ao conteúdo e a qualidade do material. A mesma premissa de transmitir histórias sobre feitos heróicos e grandes líderes, que favorecessem os indivíduos mais poderosos do período, que estava presente na poesia escáldica, se aplica as sagas. Ambas transmitiram fato e ficção, história e literatura, para a posteridade.

Dentro de uma nova concepção, a ficção era inerente a todo tipo de saga. Eventos políticos, militares e carreiras individuais podem ser dúbios e imaginários dentro deste ponto de vista, mas as estruturas sociais devem refletir a realidade de uma época, mesmo que seja a do momento em que a narrativa foi escrita, portanto, distante dos tempos vikings. A historicidade dos eventos das sagas islandesas seria uma abordagem secundária, como expõe Sawyer (2006), sendo o mais importante abordagens que privilegiem os valores, as tendências, os padrões e contradições presentes nos textos.

O reconhecimento de elementos autenticamente nativos e tradicionais Vikings nestas fontes não é uma tarefa fácil. Mas o esforço é válido. Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações.

Apesar da autoria desconhecida das Sagas, a sua escrita em prosa é considerada por muitos um dos maiores tesouros literários da humanidade (SMILEY, 2000, p.IX).

### **2.3 Völsunga saga**

A Völsunga saga é uma saga islandesa anônima do século XIII em forma de prosa, que pertence a categoria de sagas lendárias, as *Fornaldarsögur*. Apresenta, em linhas gerais, a mesma lenda que se encontra



no épico alemão medieval a Canção dos Nibelungos, sobre a origem, auge e declínio do clã dos Volsungos, descendentes do rei Volsungo, incluindo a história de Sigurd e de Brynhild e a destruição dos Burgúndios. Os eventos que inspiraram a narração da saga remetem a eventos históricos que ocorreram na Europa Central nos séculos V e VI d.C. Acredita-se que a versão em prosa da saga seja baseada em poemas épicos escandinavos anteriores.

Na história, Sigurd é o filho póstumo do herói Sigmund com sua segunda esposa, Hiordis. Quando Sigmund ataca Odin em batalha, é morto pelo Deus, que destrói sua espada. Ao morrer, anuncia à Hiordis sua gravidez e deixa com ela os fragmentos de sua espada para o filho ainda não nascido. Hiordis se casa com o rei Alf, que resolve enviar Sigurd ao ferreiro Regin. Este cria Sigurd de modo que ele se torna um homem descontente com o seu destino, que é ganancioso e questiona sua posição modesta na corte do padrasto. Regin o instiga à violência perguntando o motivo do jovem não ter um cavalo próprio. O jovem então obtém Grani para si, um cavalo derivado de Sleipnir.<sup>18</sup> Por fim, Regin conta a ele a história do ouro da lontra.

O pai de Regin era Hreidmar, e seus irmãos eram Otr e Fafnir. Certo dia, os deuses Odin, Henir e Loki veem Otr como uma lontra, e Loki o mata. Levam o corpo para perto da casa de Hreidmar para exibir a captura. Hreidmar, Fafnir e Regin exigem que os deuses preencham o cadáver com ouro e encubram a pele com tesouro fino como compensação da morte. Loki havia capturado o anão Andvari e exigido todo seu ouro. Ele recebe o tesouro, inclusive o anel Andvarinaut, que Loki sabe que carrega uma maldição de morte. Os deuses usam esse ouro para preencher o cadáver e cobrir a pele e finalizam com o anel. Por fim, Fafnir mata Hreidmar e toma o ouro.

Sigurd aceita matar Fafnir, que se transforma em dragão para poder proteger melhor seu ouro. Sigurd consulta um grande guerreiro chamado Katliskí Bachiëga que dá a ele informações de como matar um dragão. Regin decide construir uma espada para Sigurd, mas as duas primeiras que fez foram destruídas quando Sigurd as experimentou em um escudo. Por fim, Regin constrói uma espada a partir dos fragmentos da que foi deixada por Sigmund.

---

<sup>18</sup> Cavalo de oito patas de Odin, nascido do Deus Loki para ser o mais veloz do mundo.

O resultado é a Gram (Balmung), afiada e resistente, que consegue destruir o escudo.

Regin acompanha Sigurd até o terreno onde se escondia o dragão. Encontraram as pegadas de Fafnir. Regin aconselha Sigurd a matar o monstro cavando um buraco e se escondendo nele, para que quando o dragão viesse beber água pudesse apunhalá-lo no ventre. Foi o que Sigurd fez.

Sigurd então mata o dragão Fafnir, e Regin reclama uma parte do tesouro alegando que tinha providenciado a espada. Os dois disputam, mas Sigurd acata a exigência e pede que Regin asse o coração de Fafnir para que ele comesse. Ao comer o coração do dragão, Sigurd ingeriu um pouco do sangue do monstro e assim adquiriu a habilidade de entender a língua dos pássaros. Estes o avisam que Regin tinha a intenção de traí-lo e ficar com o tesouro. Sigurd corta a cabeça de Regin, após o que, consome o coração de Fafnir, recebendo o dom da sabedoria.

Sigurd então monta em seu cavalo e segue as pegadas do dragão até seu esconderijo, onde encontra o tesouro. Ele então se banha com o sangue do inimigo para ter invulnerabilidade, exceto por um dos ombros, coberto por uma folha. Sigurd carrega Grani com todo o tesouro e parte, chegando à mansão de um rei, onde conhece a Valquíria Brynhild, filha de Budli. Ela havia sido encarregada de decidir um embate entre os reis Hjalmgunnar e Agnar. Decidiu em prol de Agnar contra a vontade de Odin, e por isso é condenada a viver a vida de uma mortal, sendo encarcerada em um castelo e posta a dormir dentro de um círculo de fogo, até que fosse resgatada por um herói. Sigurd atravessa as chamas e a desperta. Imediatamente apaixonados, ele lhe oferece o anel Andvarinaut. Depois de permanecer com ela alguns dias, ele parte, prometendo retornar para desposá-la.

Segue viagem e chega à corte do rei Giurki e da rainha Grimhild. Seus filhos eram Gunnar, Hogni e Guttorm, e a filha era Gudrun. A Rainha Grimhild faz uma poção mágica para forçar Sigurd a esquecer de Brynhild, para que ele case com Gudrun. Para selar a aliança de casamento Sigurd, Gunnar e Hogni prestam um juramento de sangue.

Posteriormente, Gunnar decide casar com Brynhild. Entretanto, ela havia sido cercada com fogo, e prometeu a si mesma se casar somente com quem pudesse passar pelo bloqueio, sabendo que apenas Grani poderia

realizar tal feito. Tomado pelo feitiço, Sigurd aceita ajudar Gunnar tomando seu lugar. Assim disfarçado com a aparência de Gunnar, Sigurd penetra no castelo e casa com a Valquíria, onde permanece com ela por três noites, mantendo, contudo, uma espada entre eles no leito conjugal, preservando-a virgem até entregá-la ao verdadeiro Gunnar. Nesta noite Brynhild entrega a Sigurd o anel que ele lhe dera quando tinham se comprometido, e ele depois o entregou para a esposa Gudrun. Então sem que ela perceba os homens reassumem suas identidades reais, com Brynhild continuando a pensar que casara com Gunnar.

A memória de Sigurd voltou apenas nesse momento, e ele recorda o seu compromisso com Brynhild.

Anos depois, Brynhild questiona Gudrun por ter um marido melhor, ao que ela revela que fora Sigurd o autor da façanha que a tirara do castelo. Brynhild se enfurece com a trapaça de que fora vítima. Sigurd tenta consolá-la, sem sucesso, e ela planeja vingança. Primeiramente, ela se recusa a falar com os outros. Sigurd vai averiguar e Brynhild o acusa de tomar liberdades com ela. Por essa acusação, Gunnar e Hogni planejam a morte de Sigurd, mas como seus irmãos de sangue, não podem fazê-lo. Seu irmão Guttorm aceita realizar o feito em troca de uma boa recompensa. Guttorm mata Sigurd na cama, com uma lança diretamente no seu ponto fraco, que havia sido coberto pela folha ao se banhar com o sangue do dragão, mas Sigurd ainda tem força para lançar sua espada Gram no assassino. Guttorm é cortado em dois e morre. Gudrun, deitada junto de Sigurd, acorda ensopada de sangue e o encontra morrendo em seus braços. Brynhild olhou-a e riu.

Brynhild zomba dos conspiradores fazendo-os notar que sem Sigurd seriam muito mais fracos em batalha, e revelou a Gunnar que Sigurd não havia tomado liberdades com ela naquela ocasião fatídica. Ela então reúne suas riquezas e as entrega como presente aos seus criados, e ordena a morte de Sigmund, o filho de três anos de Sigurd e Gudrun. Sabendo que ele havia sido enfeitado para esquecê-la, ela se apunhala e, moribunda, faz uma profecia à Gunnar:

*Agora dir-te-ei num instante o que sucederá. Tu e Gudrun logo entrareis em termos, sob os auspícios de Grimhild, a feiticeira. A filha de Gudrun e Sigurd chamar-se-á Svanhild, e será a mais bela das mulheres nascidas. Gudrun, contra a sua vontade, será dada em casamento a Atli. Tu desejarás ter Oddrun como esposa, mas Atli o proibirá. Então vós dois tereis encontros escondidos e ela te amará.*

*Atli te trairá e te meterá num poço com serpentes, e depois Atli será morto, e também os filhos dele. Será Gudrun quem os matará. Depois disso, fortes vagas a levarão à cidadela do rei Ionakr. Lá ela dará à luz excelentes filhos. Svanhild será mandada para fora da terra e será dada em casamento ao rei Iormunrek. Ela cairá vítima dos conselhos de Bikki. E então será finda toda a vossa estirpe, e serão as dores de Gudrun extremas.<sup>19</sup>*

Então, pede que construam uma pira funerária para Sigurd, Sigmund e Guttorm. Quando os corpos já estão queimando, Brynhild se lança nas chamas e morre. O tesouro amaldiçoado ficou nas mãos de Gunnar e Hogni, e a profecia da Valquíria Brynhild se cumpriu.

Após a morte de Sigurd, Gudrun se casa com o rei Atli, responsável pela morte de toda a família dela. Ela se vinga ao matar seus próprios filhos com o rei, Erp e Eitil, os servindo como jantar. Por fim, ela incendeia a sala do rei, matando-o junto com todos os seus homens. Ela tenta suicídio ao se jogar no mar atada a pedras, mas as ondas a levam para a Suécia. Lá, ela se casa com o rei Jónakr, com quem teve os filhos Hamdir, Sörli e Erp. Os três filhos foram mortos na vingança de Svanhild, sua filha com Sigurd, que casada com Iormunrek foi injustamente acusada de adultério, e então morta.

## 2.4 Edda poética

*Edda* é o nome dado ao conjunto de textos encontrados na Islândia, e que permitiram iniciar o estudo e a compilação das histórias referentes aos personagens da mitologia nórdica. É um fragmento de uma antiga tradição escandinava de narração oral atualmente perdida, que foi recompilada e escrita por eruditos que preservaram uma parte destas histórias. São duas as compilações: a *Edda prosaica* e a *Edda poética*. Esta, junto com a *Edda prosaica* de Snorri Sturluson,<sup>20</sup> é a mais importante fonte de informações sobre a mitologia nórdica e heróis lendários germânicos.

No que se refere à *Edda Poética*, algumas características devem ser apresentadas de partida. Também conhecida por *Edda em verso*, é uma

---

<sup>19</sup> Saga dos Volsungos. (Anônimo do séc. XIII) Organização e tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009, p.117.

<sup>20</sup> Edda de Snorri é um manual islandês de textos, que contém muitas histórias da mitologia nórdica. O trabalho foi compilado por Snorri Sturluson (1179-1241) um poeta, historiador e político islandês, por volta do ano 1220 ou 1225. É dividido em três partes: Gylfaginning, Skaldskaparmal e Hattatal.

coleção de poemas em nórdico antigo, o qual conta com 29 poemas, aos quais foram acrescentados 4 poemas, formando a *Edda Poética* como conhecemos hoje. A primeira metade da Edda poética contém poemas mitológicos e, a segunda, poemas referentes às lendas de que trata a Saga dos Volsungos.

Os poemas são de autoria anônima, escritos entre os séculos X e XII, com ambientações que remontam aos séculos IX e X, período de tradição oral, em que os poemas utilizados na composição da *Edda* não eram escritos. Desse modo, de acordo com Cardoso (2005, p.33) pode-se considerar que a *Edda* “apresenta, porém, marcas evidentes de vários estratos de formas mais antigas das tradições veiculadas”.

Para além de sua origem na palavra falada e cantada, a composição da *Edda Poética* está essencialmente relacionada à religiosidade dos povos da Era Viking e o emprego da escrita. Foi compilada no mesmo período em que a Islândia tinha a primeira experiência com a cristianização e o latim era adotado na Escandinávia, pelo que as variações narrativas da cultura oral ainda sobreviviam, no que Paul Zumthor classifica de oralidade mista, isto é, a tradição oral influenciada pela existência da escrita (LANGER, 2006, p.54). Neste contexto transitório a tradição oral e a narrativa escrita, em momento de consolidação, coexistiram.

Desse modo, passagens da *Edda poética* que apresentam qualquer tipo de referência cristã, revelam não apenas a presença do cristianismo na Islândia, mas, sua afirmação como uma religião relevante no contexto islandês.

Por outro lado, existem diferenças entre a linguagem poética, que seria um discurso individualizado, e a linguagem mítica, que seria produto de uma coletividade, nas *Eddas*, ou seja, as relações existentes com o cristianismo nas *Eddas*, podem ser nada mais do que um recurso artístico do poeta, e não uma mudança na religiosidade islandesa (BERG, apud LANGER, 2006, p.49). O que ocorria era que na era Viking, em particular, o cristianismo era certamente uma fonte de inspiração para os poetas, que eram os guardiões dos mitos nórdicos (SORENSEN, apud LANGER, 2006, p.60).

Muitos desses escritos apresentam forte influência cristã, uma vez que os textos escritos pelos escandinavos na Idade Média são uma consequência direta da cristianização. A Igreja trouxe consigo quando adentrou os territórios nórdicos, a tradição literária latina e, em decorrência dela, criou-se uma

tradição escrita em língua vernácula. Pode-se perceber então, um movimento particular a esse contexto, em que a cristianização significou para a cultura nórdica antiga uma transformação drástica; ao apagar a religião, os cultos e valores culturais tradicionais e uma continuidade; ao promover a escrita de narrativas heróicas e mitológicas, que do contrário, poderiam ter se perdido. Pouco mais de um século depois da conversão do país, surgem os primeiros sinais do que virá a ser, no século XIII principalmente, uma tradição literária em língua vernácula, sem paralelos no resto da Europa.

Devido às características da *Edda Poética*, assim como a *Edda em Prosa* e outras fontes do período, não devemos optar por dois lados opostos, onde, ou se trabalha com as fontes negligenciando a presença do cristianismo, ou as considera apenas como representações de uma sociedade cristã posterior, e sim, tratar essas fontes como proposto por Sorensen e Eliade. Dessa forma, consideramos as inserções cristãs presentes em alguns mitos, como recursos literários que não influenciam em sua essência. Afinal, “a visão corrente é que a poesia *eddica*, aliada aos mais antigos versos da poesia *escáldica* do século IX, proporcionam a melhor ‘pista’ sobre o pensamento religioso dos antigos escandinavos” (DRONKE, 1992, apud BOULHOSA, 2004, p.5).

## CAPÍTULO 3

### Apropriação e representação: A Lenda de Sigurd e Gudrun

*O homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio.*  
Octavio Paz

#### 3.1 - John Ronald Reul Tolkien

John Ronald Reul Tolkien, nasceu em Bloemfontein, África do Sul, no dia 3 de janeiro de 1892, filho de Arthur Reuel Tolkien, um funcionário do Banco da África, e Mabel Suffield. Ronald, como era chamado pela família,<sup>21</sup> não ficou sozinho por muito tempo, pois em 17 de fevereiro de 1894 nasceu seu irmão Hilary.<sup>22</sup> Foi breve o período de convivência da família Tolkien. Inesperadamente, em novembro de 1895, enquanto Mabel e os meninos estavam na Inglaterra, Arthur ficou com febre reumática e no começo de 1896 faleceu sem rever sua família.

Mabel e os filhos se mudaram para a Inglaterra. Mabel sustentava a família com os poucos rendimentos que o marido havia deixado e não podia contar com os pais ou os sogros, pois havia, contra a vontade deles, se convertido ao catolicismo em 1899.

Em meio a tantas mudanças e dificuldades Mabel apresentou seus filhos aos livros. Ronald ficou especialmente interessado nas histórias de livros infantis como A Ilha do Tesouro, Alice no País das Maravilhas, O Flautista de Hamelin e Red Fairy Book, de Andrew Lang, um escocês que recolhia, adaptava e escrevia os seus próprios contos de fadas.

Mabel, Ronald e Hilary descobriram o Oratório de Birmingham, no subúrbio de Edgbaston, em 1902. O Oratório era o lar de uma comunidade de padres e se mostrou um santuário para a jovem família. No Oratório Mabel

---

<sup>21</sup> WHITE, Michael. J.R.R.Tolkien, O Senhor da Fantasia. Tradução de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2013, p.24.

<sup>22</sup> Hilary era uma criança saudável, mas Ronald estava constantemente doente, com um pulmão ruim que piorava com o calor e a poeira no verão e o vento frio no inverno e, mais tarde, uma sucessão de problemas de pele e infecção nos olhos.

recebeu a ajuda que tanto precisava do Padre Francis Xavier Morgan, que se tornou o sacerdote da família. Nos anos seguintes Padre Francis demonstraria que era mais do que o conselheiro espiritual dos Tolkien, era um grande amigo de Mabel e a única figura paterna que Ronald e Hilary conheceram ao longo da vida.

No ano seguinte Ronald foi aceito no Colégio King Edward<sup>23</sup> com uma bolsa que cobria suas despesas. Aos 11 anos, Ronald já apresentava uma aptidão incomum para línguas, no que era incentivado por sua mãe. Seu currículo escolar incluía francês e alemão, que foram complementados pelo latim e o grego, ensinados pelo professor George Brewerton.

Em 1904 a recente estabilidade familiar de Ronald e Hilary sofreu um abalo do qual nunca se recuperaria. Mabel começou a se sentir exausta e não demorou muito para descobrirem a diabetes. Como na época não havia tratamento efetivo, os meninos não puderam fazer nada a não ser observar enquanto a mãe piorava. O declínio de sua saúde foi tão assustadoramente rápido que em abril ela teve de ser levada às pressas para ser internada no hospital. Sem ela, os irmãos Tolkien foram retirados de casa e separados.

Em junho Mabel deixou o hospital e levou seus filhos para um pequeno chalé<sup>24</sup> que o Padre Francis havia encontrado. Começava a ficar claro que a saúde de Mabel continuava a declinar e em setembro a diabetes piorou<sup>25</sup> exponencialmente. Ronald e Hilary eram apenas crianças de 12 e 10 anos, respectivamente, quando em 20 de novembro de 1904, Mabel Tolkien faleceu aos 34 anos após um coma de seis dias.

Ronald e Hilary estavam agora sob os cuidados do Padre Morgan, de acordo com o desejo de Mabel. Após a morte da mãe, e sob a influência do novo tutor, Ronald se tornou um católico devoto e extremamente conservador. Sob a tutela do Padre, Ronald retornou ao Colégio King Edward e dessa vez Hilary iria acompanhá-lo. Foi nesse período, o final de 1905, que Ronald conheceu Christopher Wiseman, um menino mais novo que se tornaria um de

---

<sup>23</sup> Ronald já havia estudado no King Edward em setembro de 1900, quando ainda morava em Sarehole.

<sup>24</sup> Na verdade o Padre alojou-os em um quarto de dormir e uma sala de estar, em um chalé que pertencia ao Oratório e era alugado para o carteiro local. A esposa do carteiro passou a cuidar da família.

<sup>25</sup> Em 14 de novembro Mabel desmaiou na frente de Ronald e Hilary na sala de estar do chalé em Rednal. Em choque e aterrorizados, os meninos assistiram a cena, sem forças para poder ajudar, enquanto a mãe entrava rapidamente em coma.



seus mais queridos amigos. Esta amizade foi uma das mais sinceras e duradouras na vida de Tolkien. Os dois compartilhavam interesses e o maior deles era, sem dúvida, o amor pelas línguas.

George Brewerton notou a aptidão para línguas dos garotos e apresentou a Wiseman e Tolkien a obra de Chaucer<sup>26</sup> e o inglês médio.<sup>27</sup> O mesmo professor apresentou a eles o inglês antigo, a literatura pré-chauceriana, em particular o clássico do cânone do inglês antigo, Beowulf.

Três anos depois Ronald e Hilary passaram a morar sozinhos pela primeira vez, em um quarto alugado pelos Faulkner, um casal amigo do Padre Francis. Foi lá que Ronald conheceu sua futura esposa, a jovem Edith Bratt.<sup>28</sup> Em 1909, no início do romance, Padre Morgan deixou claro para seu pupilo que era contra este relacionamento e obrigou Ronald a se afastar de Edith. O Padre argumentava que Ronald tinha de se concentrar nos estudos para ser admitido em Oxbridge.<sup>29</sup>

Sem Edith e tendo falhado em conseguir uma bolsa de estudos para Oxford, Ronald não tinha muitas opções e decidiu se dedicar apenas aos estudos, como Padre Morgan vinha insistindo para ele fazer. O resultado foi o seu destaque no King Edward, e a criação do Tea Club,<sup>30</sup> um pequeno grupo criado por Ronald que se reunia diariamente na biblioteca ou em uma casa chamada Barrow's Stores. O grupo era formado por J.R.R. Tolkien, Robert Gilson, Geoffrey Bache Smith e o velho amigo de Ronald, Christopher Wiseman. E assim os jovens mais brilhantes do King Edward passaram a socializar enquanto tomavam uma boa xícara de chá, discutindo sobre línguas

---

<sup>26</sup> Geoffrey Chaucer (1343-1400). Foi o escritor e diplomata considerado o maior poeta inglês da Idade Média, cuja obra-prima foi Contos da Cantuária.

<sup>27</sup> Middle English no original, se refere a língua e literatura do período entre 1100 e 1500. Toda a literatura escrita ou a língua falada entre 700 e 1100 é chamada de inglês antigo (Old English) e toda e qualquer coisa escrita depois de 1500 é considerada inglês moderno (Modern English).

<sup>28</sup> Edith Bratt nasceu em 21 de janeiro de 1889, filha de Francis Bratt. Era ilegítima e nunca conheceu o pai. Estudou em um internato para meninas e demonstrou talento para música. Com a morte da mãe em 1903, Edith herdou terras e pôde se sustentar.

<sup>29</sup> Oxbridge é a junção da Universidade de Oxford e da Universidade de Cambridge no Reino Unido. O termo é usado para se referir a uma ou a ambas universidades e seus alunos.

<sup>30</sup> Mais tarde foi sugerido que o nome mudasse para Barrovian Society o que causou uma discussão. Por fim ficou decidido que o nome do clube seria T.C, B.S.

antigas e mitologia, lendo *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*<sup>31</sup> e conversando sobre música clássica.

Finalmente seu esforço foi recompensado ao receber uma bolsa de estudos para começar a estudar Antiguidade Clássica na Faculdade de Exeter em Oxford. Era 1910 e Ronald estava pronto para explorar seu potencial acadêmico.

Tolkien acabou por se tornar um estudante universitário típico e logo estava fumando cachimbo e bebendo cerveja. Não demorou muito e estava endividado. Passava mais tempo se divertindo com os novos colegas do que estudando, mas, sua inclinação para línguas era forte demais para resistir ao incentivo de bons professores.<sup>32</sup> Entre estes, se destaca Joe Wright, um professor severo e exigente que enxergou o potencial de seu jovem aluno. Tolkien sabia latim, grego, finlandês e nórdico antigo, e Wright o incentivou a aprofundar seu estudo de línguas antigas, esse universo misterioso e pouco conhecido e mostrou-lhe como línguas de culturas tão diferentes e cronologicamente separadas continham conexões e temas intrínsecos e recorrentes.

Sua vida seguiu e ele havia encontrado seu caminho na faculdade. Em 1913<sup>33</sup> Tolkien mudou de curso, de Antiguidade Clássica para Língua e Literatura Inglesas por recomendação do Conselho de Professores, encabeçado pelo reitor de Exeter, doutor Farnell. Seus professores haviam notado que seu talento em línguas seria mais bem aproveitado dessa forma, já que ele não se interessava pelos clássicos gregos e romanos e também não gostava particularmente da língua moderna.<sup>34</sup>

De acordo com White (2013, p.56), Tolkien aceitou o conselho porque, “Para ele, as mitologias antigas dos povos germânicos e as lendas escritas em nórdico (ou islandês) eram infinitamente mais atrativas e, de alguma forma.

---

<sup>31</sup> Romance em versos aliterativos do século XIV, escrito em inglês médio. O personagem principal mencionado no título é um cavaleiro da tábua redonda e sobrinho do rei Arthur. Tolkien e E.V.Gordon são os responsáveis por uma das edições críticas mais celebradas, publicada em 1925.

<sup>32</sup> Como exemplo pode-se citar Joe Wright, Professor de Filologia Comparada e Kenneth Sisam.

<sup>33</sup> No mesmo ano foi eleito presidente da Debating Society e fundou com alguns amigos, um novo clube chamado Chequers. Foi o ganhador do Skeat Prize em inglês, oferecido pela Faculdade de Exeter.

<sup>34</sup> Tolkien não gostava de Shakespeare. Dryden e Milton tampouco o agradavam, assim como grande parte dos escritores modernos, dos séculos XVIII e XIX.

mais honestas”, o que lhe permitiu não apenas mais tempo e recursos para aprofundar-se nos estudos dessa literatura, mas, também inserir-se no mundo fantástico de tais lendas através da tradução que realizou de sagas e epopeias medievais para o inglês.

Os próximos anos seriam talvez os mais difíceis de sua vida, repletos de alegria e sofrimento, conquistas e perdas. Em 1914 estourou o primeiro conflito mundial no qual Tolkien teria de tomar parte, como qualquer outro jovem rapaz que vivesse na Europa nesse período. Mesmo com o Treinamento para Oficiais na Universidade de Parks que o tornou segundo tenente dos Fuzileiros de Lancashire, prestou seu exame final em Língua e Literatura Inglesas em junho de 1915 e se formou.

Pouco depois de marcar a data de seu casamento com Edith e receber a bênção de seu antigo guardião, Padre Morgan, Ronald partiu para a guerra. Ele passou a integrar a Companhia B do II Batalhão, que foi enviada para atacar a comuna de Ovillers. A partir desse momento Tolkien se tornou mais um homem nas trincheiras, mas, diferente de tantos outros se manteve ileso. A sorte que parecia acompanhá-lo não se estendia a todos. Dentre seus três amigos mais antigos da época do T.C.B.S, apenas Christopher Wiseman sobreviveu à guerra.

Em 9 de novembro de 1916 Tolkien estava de volta à Inglaterra, convalescendo de uma febre forte que o acometera nas trincheiras. Ao lado da esposa Edith, Tolkien passou por crises graves que eram intercaladas por breves períodos de melhora.<sup>35</sup>

Com o fim da guerra em 1918 a recém formada família entrou na década de 1920 com Tolkien assumindo seu lugar no mundo acadêmico. A família enfrentaria uma sucessão de mudanças, pois Ronald mudava constantemente de cargo, insatisfeito com o trabalho. Eles voltaram para Oxford onde ele havia conseguido seu primeiro emprego no The New English Dictionary como linguista. Ronald não gostava do trabalho e no verão de 1920, surgiu uma oportunidade. A cátedra de Língua Inglesa na Universidade de

---

<sup>35</sup> Nesse período, em 1917, nasceu o primeiro filho do casal, John Francis Reul Tolkien. Teriam mais três filhos: Michael Hilary Reul Tolkien em 1920, Christopher John Reul Tolkien em 1924 e Priscila Mary Anne Reul Tolkien em 1929.

Leeds não ficou vaga por muito tempo após a morte do professor F.W.Moorman, pois Tolkien foi aceito e assumiu a nova posição.

Pouco tempo depois, em 1924, Tolkien foi nomeado para o cargo de professor no Departamento de Inglês de Leeds, mas, como os cargos anteriores de Tolkien, este também não durou muito tempo. Em 1925,<sup>36</sup> Tolkien realizou sua maior ambição: tornar-se professor de Inglês Antigo em Oxford. Ao conquistar uma posição entre alguns dos maiores intelectuais de sua época Tolkien iniciava uma nova fase em sua carreira e em sua vida.

As informações oferecidas por White (2013) na biografia sobre J.R.R.Tolkien indicam que sempre preferiu viver no campo, longe da agitação e da poluição das grandes cidades. Seu distanciamento das mudanças que se operavam no mundo também se fez sentir nas suas escolhas profissionais.

Tolkien sempre tivera aptidão para línguas, mas tornou-se um reconhecido filólogo apenas após ocupar seu cargo em Oxford. Se destacou como intelectual, e entre seus vários interesses especializou-se na cultura e literatura medieval. A vida acadêmica agitada tomava muito do seu tempo e representava uma grande parte de sua vida, agora mais do que nunca. Ronald experimentava um excelente momento profissional, o melhor que já tivera até então.

Ao longo de sua carreira pode-se perceber que suas escolhas eram pautadas por suas influências, que se fazem sentir claramente na sua obra. Desde o épico finlandês Kalevala<sup>37</sup> e o trabalho de William Morris,<sup>38</sup> passando por nomes como Edward John Moreton Drax Plunkett (Lord Dunsany) e Walter Scott, até os autores Henry Rider Haggard, melhor lembrado por seu romance As Minas do Rei Salomão de 1885, e Edgar Rice Burroughs, que misturava fantasia e ficção científica. Ainda vale lembrar de James Branch Cabell, cuja

---

<sup>36</sup> No final de 1925 a família se mudou para uma casa maior, que ficava na Northmoor Road, número 22. Eles permaneceram nessa rua até 1947, a única mudança foi para a casa vizinha no número 20.

<sup>37</sup> Baseado em uma tradição oral que acredita ter-se originado a pelo menos dois mil anos. A versão moderna chegou até nós graças ao médico finlandês Elias Lonnrot que dedicou muitos anos de sua vida nessa composição. Ele publicou a primeira edição em 1835.

<sup>38</sup> William Morris escrevia sob influência de Chaucer, Keats e Tennyson uma ficção baseada no imaginário medieval e na mitologia islandesa. Publicou uma tradução do islandês para duas histórias antigas a Saga de Gunnlaug Língua de cobra e a Saga de Grettir, o Forte. Tolkien descobriu Morris no terceiro ano de Exeter em 1913.

obra *The Biography of the Life of Manuel* foi publicada em 18 volumes entre 1927 e 1930.

É necessário ressaltar que o seu círculo de convivência era composto, desde os tempos do King Edward, sobretudo, por intelectuais. As reuniões, grêmios e clubes literários dos quais participou, eram instigantes e desafiadores, uma fonte de inspiração para seus escritos.

White (2013) destaca a importância dos colegas e amigos, um círculo composto exclusivamente por homens que compartilhavam da curiosidade e desejo de agregar conhecimento de Tolkien. Entre estes, C.S.Lewis<sup>39</sup> sobressai, seja pela fama ou polêmica da amizade entre os dois, depende da perspectiva da análise. Pelos vinte anos seguintes dois dos maiores escritores, acadêmicos e celebridades do século XX compartilharam uma amizade repleta de afeição e trocas produtivas no campo profissional, mas também ressentimentos e amargura, divergências religiosas e criativas.<sup>40</sup> Ambos lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial e eram acadêmicos brilhantes com o mesmo interesse por literatura em inglês antigo e mitologia nórdica.

No começo dos anos 1930 os novos amigos estavam envolvidos com os Inklings, um grupo literário de debate, o que não era novidade para Tolkien, afinal, ele já participara de muitos grupos similares, alguns criados por ele próprio. Os primeiros encontros aconteciam às quintas-feiras à noite na sala de Lewis na Faculdade de Magdalen. O arranjo não durou muito e em 1939 o grupo se mudou para o pub Eagle and Child. As manhãs de terça-feira de Tolkien passaram a ser dedicadas aos Inklings, este grupo em que ele compartilhava seus trabalhos com outros associados, todos interessados ou envolvidos com a escrita, que gostavam de beber e, o mais importante, eram homens.

Além de Tolkien e Lewis, o clube contava ainda com Charles Williams, Hugo Dyson, Nevill Coghill, Warren Lewis, Robert Havard e Christopher Williams, que também apreciavam o mesmo gênero de literatura que Tolkien:

---

<sup>39</sup> Eles se conheceram em 11 de maio de 1926 em uma reunião do departamento de Inglês na Faculdade de Merton.

<sup>40</sup> Os maiores motivos para a amizade entre Tolkien e Lewis acabar após 20 anos são os pontos de vista divergentes sobre religião, o sucesso comercial de Lewis e sua amizade com Charles Williams e, finalmente, seu relacionamento com Joy Gresham. Joy representava tudo que Tolkien reprovava em uma mulher: era independente, sincera, determinada e divorciada.

as sagas e epopeias medievais. Tal ambiente<sup>41</sup> sem dúvida o influenciou como escritor, estimulando sua imaginação e curiosidade. Sua sede por conhecimento não tinha limites, o impulsionava a novas leituras e ampliava o campo de possibilidades de sua escrita. Trabalhando em conjunto com sua formação acadêmica, este grupo contribuiu para que Tolkien tivesse contato com uma literatura que lhe apresentava um outro tempo com outros personagens, valores e elementos.

O encanto das sagas e epopeias e a grandiosidade com que elas eram escritas tiveram um peso fundamental na elaboração de seus trabalhos, que incluem os de caráter fantástico e ficcional, que possuem um alto nível de referências aos escritos germânico e escandinavo medieval, com enredos míticos, do qual o maior exemplo é a trilogia *O Senhor dos Anéis*; e os de tradução e reescrita do material original, em uma recriação de uma lenda ou mito pertencente a uma tradição secular, que o "criou" e repassou através das gerações de seu círculo comum até sua divulgação para fora do grupo original, em uma longa transição natural, como *A Lenda de Sigurd e Gudrun*.

Sua porta para o passado mitológico se encontra exatamente em sua formação acadêmica: a filologia. Assim como a pesquisa filológica busca reconstruir as línguas, a fantasia de Tolkien busca reconstruir a história por trás das línguas. E é justamente esse interesse que impulsiona a retomada da mitologia escandinava promovida por Tolkien na forma da reescrita e revisão do clássico *A Saga dos Volsungos*, em uma narrativa original e de estrutura linguística diretamente influenciada pelo conjunto de poemas da *Edda poética*, agora renomeado como *A Lenda de Sigurd e Gudrun*.

Tom Shippey (2000) destaca a íntima relação entre filologia e História, uma vez que se trabalha constantemente com manuscritos, muitas vezes documentos originais, não livros "sobre" determinada língua. Isso oferece ao pesquisador uma possibilidade maior de reconstrução da realidade provável. Segundo ele, a pesquisa filológica leva a uma consciência do presente como consequência do passado. O estudo da língua mostra uma pista de uma realidade que um dia pode ter existido. Tolkien cria assim, uma espécie de

---

<sup>41</sup> Em poucos anos Tolkien se desentendeu com alguns membros dos Inklings e a partir da década de 1940 frequentou as reuniões raramente. Quando as reuniões se encerraram em 1963, Tolkien já não era um Inkling há muitos anos.

realidade da qual não há registro, mas que bem poderia ter estado lá em algum lugar no passado.

A atração da fantasia de Tolkien é justamente a incerteza e o vislumbre de um mundo estranho que desafia a compreensão, repleto de espaços em branco e pontos obscuros, tal qual a reconstrução filológica e Histórica. Em sua ficção, ele acreditava não estar simplesmente criando, mas reconstruindo um mundo que poderia ter existido pelo menos no imaginário coletivo. Nesse mundo remoto, como no passado linguístico e Histórico reconstruídos, existem lacunas que não se podem preencher. E é justamente essa incompletude que garante a verossimilhança do ambiente apresentado na Lenda de Sigurd e Gudrun; sua plausibilidade é sustentada por sua incerteza.

Para o filólogo Tolkien, a riqueza poética da obra, sua potencialidade linguística, era mais importante que a precisão histórica, daí observarmos o cuidado com que esses poemas, A Nova Balada de Sigurd e A Nova Balada de Gudrun, foram escritos, atentando para a composição dos versos e o vocabulário, em detrimento, muitas vezes, da verificação dos dados históricos.

No entanto, a literatura de Tolkien não se constitui apenas de revitalizar e reorganizar antigos mitos. Trata-se também de retomar todo um modo de conceber e expressar a própria realidade, unindo forma e conteúdo, categorias expressivas e atitude perante a vida e o mundo; o resgate de uma possibilidade de passado através da linguagem.

O fascínio de Tolkien está na expressão de um amor absoluto pelo poder da palavra. O modo filológico de recriar a História, o olhar para o passado e tentar reconstruí-lo, imaginando o que pode estar além, se mostra tão plausível quanto o promovido pelo historiador, afinal se trata sempre de uma tentativa limitada que gera resultados repletos de brechas e cantos obscurecidos. Do ponto de vista mais objetivo, porém, o filólogo tem maiores chances de obter uma resposta e ter a segurança de incorporá-la como correta, do que o historiador, que quando obtém um resultado sabe que trabalhará com uma interpretação em um oceano de possibilidades. A certeza não faz parte de seu trabalho.

Após uma vida plena pessoal e profissionalmente, com uma bela família formada por filhos e netos e uma carreira bem sucedida como um professor, acadêmico<sup>42</sup> e autor de literatura fantástica, J.R.R.Tolkien começou a sofrer de artrite e infecções na vesícula biliar, um sério problema de indigestão que o levou ao hospital na manhã de 29 de agosto de 1973. O problema era uma úlcera gástrica com sangramento. Tolkien faleceu três dias depois aos 81 anos.

Ainda há os que criticam o valor da literatura fantástica, mas não há como negar que o gênero de fantasia está entre os mais vendidos e lidos, e isso em grande parte graças ao professor Tolkien.

### **3.2 - Apropriação do imaginário medieval**

Uma das razões de Tolkien ser tão fascinante, mesmo entre os que não compartilham de sua paixão pelo fantástico, é seu poder de seduzir o leitor. Tal capacidade não está relacionada com o valor do livro em si. A arte de escrever se torna mágica nas mãos de alguém como ele, pois agrega o conhecimento acadêmico refinado com uma imaginação ativa e a paixão necessária para tornar um trabalho literário pessoal, capaz de transmitir mais do que um enredo com múltiplos personagens e reviravoltas, mas sim, as impressões e pensamentos do autor. E é justamente tal capacidade da arte narrativa de Tolkien que nos instiga, para o bem ou para o mal.

Essa habilidade criativa é bem demonstrada em seu trabalho *A Lenda de Sigurd e Gudrun*, que surgiu de duas de suas maiores paixões: a filologia e a mitologia escandinava. Nesta obra Tolkien demonstra seu profundo conhecimento da língua e seu entendimento de que não são apenas meras palavras em um papel, mas toda uma cultura. Língua e cultura estão entrelaçadas.

O livro surgiu graças ao esforço de Christopher Tolkien, que desde a morte do pai tem catalogado e editado coleções de notas, fragmentos, histórias não terminadas e contos completos que foram deixados pelo autor. Christopher

---

<sup>42</sup> Escrevia com frequência para o *The Review of English Studies*, o *The Oxford Magazine* e outras revistas literárias. Era também um colaborador regular do *Transactions of the Philological Society*.



editou e publicou A Lenda de Sigurd e Gudrun muitos anos após a morte do pai. De acordo com o próprio Christopher, seu pai

*por muitos anos após ter-se tornado professor de Anglo-Saxão em Oxford, em 1925, foi professor de Nórdico Antigo, apesar de não existir tal título; deu conferências e aulas sobre a língua e a literatura nórdica em todos os anos desde 1926 até 1939 pelo menos. (TOLKIEN, 2010, p.12)*

Parece certo que a escrita dos poemas a nova Balada dos Volsungos e a nova Balada de Gudrun, que formam a obra A Lenda de Sigurd e Gudrun, data deste período, provavelmente da década de 1930.

Christopher faz questão de enfatizar que os dois poemas que compõem a obra estão intimamente relacionados com suas fontes e não são traduções, esclarecendo o motivo de seu pai para produzi-los:

*Essas próprias fontes, de natureza variada, apresentam obscuridades, contradições e enigmas, e a existência desses problemas esteve na base do propósito expresso de meu pai ao escrever as Novas baladas. (TOLKIEN, 2010, p.13)*

E ele continua, explicando as origens incertas dos escritos:

*Bem poucas vezes (que eu saiba) ele se referiu a elas. De minha parte, não consigo recordar nenhuma conversa com ele sobre esse assunto até bem perto do fim de sua vida, quando me falou delas e tentou, sem êxito, encontrá-las. Mas mencionou a obra brevemente em duas cartas a W.H.Auden. Na de 29 de março de 1967 (Cartas de J.R.R.Tolkien, editadas por Humphrey Carpenter, n.295), agradecendo a Auden a remessa de sua tradução da "Völuspá", disse que esperava lhe mandar em retorno "se eu conseguir lhe por as mãos (espero que não esteja perdido) algo que fiz muitos anos atrás quando tentava aprender a arte de escrever poesia aliterante: uma tentativa de unificar as baladas sobre os Völsungs existentes da Edda antiga, escritas na antiga estrofe fornyrðislag de oito versos" (esse é o nome dado à métrica nórdica de estrofes aliterantes empregada na maior parte dos poemas eddaicos, a "Métrica da Antiga Tradição"). E no ano seguinte, em 29 de janeiro de 1968, escreveu: "Creio que tenho, jogado em algum lugar, um longo poema inédito chamado "Völsungakviða em nyja", escrito em inglês, em estrofes fornyrðislag de oito versos: uma tentativa de organizar o material da Edda que trata de Sigurd e Gunnar. (TOLKIEN, 2010, p.13)*

Pode-se dizer então, que Tolkien escreveu sua interpretação das fontes nórdicas, completando trechos obscuros e se desviando das fontes em alguns casos, em uma forma nova, e independente dos debates que envolvem os estudos sobre a Edda poética, que foi sua fonte para a estrutura linguística dos novos poemas. Examinando-se as opiniões de Tolkien em seus escritos, cartas, depoimentos e biografia, percebe-se claramente que seu objetivo era

construir uma narrativa dentro dos parâmetros de uma visão sua; e seu olhar se voltava para o mito, que atuava como uma fonte da cultura nórdica. Portanto, o livro não deve ser julgado pelas opiniões e padrões predominantes na erudição contemporânea. Pelo contrário, a obra deve ser classificada e avaliada pelo que ela é: o reflexo das percepções e ideias de Tolkien, em seus próprios dias, sobre uma literatura tradicional que ele admirava muito a ponto de fasciná-lo, cuja origem se perdeu nas névoas do tempo.

Tolkien transmitiu seu próprio conceito da poesia presente em suas fontes A Saga dos Volsungos e a Edda poética, com o cuidado típico do acadêmico que foi por toda a sua vida. Sem o seu conhecimento filológico as fontes não teriam sido analisadas com o mesmo rigor no que diz respeito ao estilo e à língua, o que significa que a definição de muitas palavras se perderia, assim como a fluência dos versos e como as palavras soavam. Este último ponto é, na antiga poesia escandinava, talvez o mais importante. Os poetas despendiam uma parcela incomum de sua energia e criatividade garantindo que o som do poema fosse agradável e tivesse a cadência correta.

No que diz respeito às fontes medievais empregadas na composição da Lenda de Sigurd e Gudrun, são duas das mais fascinantes já produzidas na Escandinávia, com referências das mais diversas e complexas. Trata-se da Edda poética e da Saga dos Volsungos (Volsunga Saga).

Quando se menciona a Edda poética nos referimos ao manuscrito conhecido como Codex Regius. Contém 29 poemas e restam 45 folhas. Após a folha 32, um caderno, provavelmente de oito páginas, se perdeu. Infelizmente boa parte das aventuras do herói Sigurd estava no trecho perdido. O *Codex Regius* pertence à década de 1270 e é cópia de outro mais antigo, provavelmente de 1200. É seguro dizer que nenhum dos poemas é anterior à 850 d.C e que o período de 850-1050 d.C é o mais aceito para sua escrita. O material que contém procede de um amplo período e aparentemente de vários países. Parte dele é quase certamente da época viking. Os poemas têm diferentes temas, alguns são mitológicos (relatos de deuses pagãos escandinavos, do início e do fim do mundo) e outros heróicos (façanhas dos grandes reis e guerreiros).

Esse manuscrito aparece pela primeira vez nos registros históricos em 1663. Um ano antes o rei Frederico III da Dinamarca havia enviado Thormod Torfaeus com uma carta ao bispo Brynjólfur Sveinsson, de Skálholt na Islândia, um conhecido colecionador de manuscritos. O rei desejava coletar quaisquer raridades que pudessem ser encontradas na Islândia, relacionadas à história antiga. O bispo acatou a ordem real enviando, entre outras preciosidades, o Codex Regius.

Foi o bispo que chamou a coleção de poemas de Edda pela primeira vez, erroneamente, como foi descoberto depois. Edda é o nome de uma das obras de Snorri Sturluson, e dessa obra apenas, e não se sabe por que o bispo islandês nomeou o manuscrito dessa forma.

Essa coleção foi escrita por poetas que viveram há séculos uns dos outros, mas, curiosamente, a maioria dos poemas trata da história dos Volsungos e Nibelungos. Alguns são desordenados ou incompletos, com origens bem diferentes e obscuridade de detalhes. Os autores, anônimos, viveram nos derradeiros séculos do paganismo na Noruega e na Islândia, e trataram seu material no estilo e no espírito daquelas terras e épocas.

Christopher Tolkien pinta um cenário para a escrita dos poemas, que instiga nossa imaginação:

*não erraremos muito se considerarmos as montanhas e os fiordes da Noruega, e a vida de pequenas comunidades naquele país desconexo, como fundo físico e social desses poemas – uma vida de um tipo especial de agricultura, combinado com navegação e pesca aventureiras. E a época: dias do desvanecimento de uma cultura especial, individual, pagã, não elaborada materialmente, porém de muitas maneiras altamente civilizada, uma cultura que possuía não somente (em algum grau) uma religião organizada, mas também um estoque de lendas e poesia parcialmente organizadas e sistematizadas. Dias do desvanecimento da crença, quando em uma súbita mudança do mundo o Sul ardeu em chamas e seus despojos enriqueceram as mansões de madeira dos chefes nórdicos até que reluzissem com ouro. Então veio Harald, o Louro, e uma grande realeza, e uma corte, e a colonização da Islândia [...] (TOLKIEN, 2010, p.36)*

Os poemas que compõem a Edda poética começaram, portanto, na corte norueguesa e viajaram com os exilados para a Islândia. Essa poesia norueguesa fundamenta-se na antiga mitologia e nas crenças religiosas nativas, lendas e contos populares e histórias heróicas de muitos séculos,

encaixados uns nos outros, alguns locais e da era viking, ou mais tardios. A base da poesia é muito antiga, intrincada e com muitos elementos mitológicos.

As pessoas que escreveram cada um destes poemas, escreveram-nos com habilidade, tendo em mente que eram para serem ouvidos mais do que lidos. Seu efeito atrativo permanece apesar das alterações ao longo dos anos, que desproveram estes poemas de sua própria língua, a principal responsável pela beleza e qualidade dos versos. A Edda poética encanta no primeiro contato, e não há pesquisa que destrua essa sensação. Mas, se a sensação não surgir cedo, é improvável que apareça mais tarde. A identificação deve ser imediata.

A Saga dos Volsungos é uma saga islandesa singular. Sua história baseia-se em baladas eddaicas que sobreviveram e em outras fontes agora perdidas, mas, excepcionalmente, foi parcialmente romanceada o que a difere da saga islandesa tradicional. É uma narrativa que figura entre os grandes clássicos da literatura mundial, sendo um dos principais textos de produção popular da Idade Média, por seus méritos literários e sua importância para o estudo da antiga religião e das lendas dos povos germânicos, além de sua inegável influência sobre autores modernos. As sagas e a literatura nórdica antiga foram lidas e apreciadas por escritores como Robert Louis Stevenson, William Morris, Haldor Laxness, Jorge Luis Borges, Walter Scott, William Blake e J.R.R.Tolkien. Mas não foram apenas os grandes escritores que se encantaram com tal joia da literatura, também a música de Richard Wagner, em seu ciclo de óperas O Anel dos Nibelungos, tomou como base para a composição, a Canção dos Nibelungos e a Saga dos Volsungos.

Uma diferença que destaca as sagas islandesas das demais obras clássicas, ditas epopeias, como a Ilíada, o Digenis Akritis, a Canção de Rolando, o Cantar de Mio Cid, Beowulf e a própria Canção dos Nibelungos,<sup>43</sup> é

---

<sup>43</sup> A **Ilíada** é um poema épico grego atribuído a Homero, que narra os acontecimentos do décimo e último ano da Guerra de Tróia. É constituído por 15.693 versos em hexâmetro datílico, a forma tradicional da poesia épica grega. O título da obra deriva de um nome grego para Tróia, Ílion. **Digenis Akritis** (também grafado *Digenes Akrites* ou *Akritas*) é o herói do poema épico homônimo bizantino. O poema anônimo remonta ao século XI ou XII, mas só é preservado em versões encontradas em manuscritos do século XIV e posteriores. **A Canção de Rolando** é um poema épico composto no século XI em francês antigo, que narra o fim do conde Rolando, sobrinho de Carlos Magno, que padece com seus homens na batalha de Roncesvales contra os sarracenos, que tem como base a batalha de 15 de agosto de 778 entre o exército de Rolando e um grupo de montanheseiros bascos. O manuscrito mais antigo conservado data de entre 1130 e 1170. **El Cantar del Mio Cid** é o poema épico espanhol

o fato de que, ao contrário destas últimas, escritas em verso, as sagas serem narrativas em prosa.

Mas as sagas não são lendas, e sim narrativas sobre a sociedade e a vida cotidiana que transformam os eventos verídicos, os fatos e personagens que eram tidos como certos, em entretenimento. Para isso seus autores aumentavam os fatos históricos, humanizavam as personagens, criavam embates dramáticos, enfim, comoviam seu público ao criar reconhecimento com as personagens e seus périplos. Observa-se a história conviver com gêneros como o romance, a crônica e a epopeia, à medida que tais gêneros têm contato com as sagas islandesas e passam a influir em sua escrita.<sup>44</sup>

Os fragmentos das histórias foram resgatados e compilados nos séculos XII e XIII, momento a partir do qual cresce o interesse dos nórdicos pela cultura literária da Europa, especialmente francesa e inglesa, que acarretou, a partir da primeira metade do século XIII, a difusão do romance cortês na Noruega e na Islândia, primeiramente por meio de traduções e adaptações de obras conhecidas da literatura vernácula francesa e anglo-normanda, e, em seguida, de criações locais de narrativas de aventuras cavaleirescas, à imagem e semelhança das obras traduzidas e adaptadas. É de grande impacto a chegada do romance cortês à Islândia, pois, com ele, chegou também uma nova visão sobre as relações humanas e o ideal heróico, com ele as narrativas ganharam o colorido da aventura fantasiosa, personagens mais vivos, amores idealizados. A concepção literária do romance adentrou a produção islandesa, nela instigando a percepção do texto enquanto criação ficcional.

Infelizmente muito se perdeu com o passar dos séculos. Entre as causas estão perdas naturais, acidentes do tempo, negligência e esquecimento dos

---

preservado mais antigo, e pertence à tradição popular denominada *mester de juglaria*. Esta refere-se à tradição em que poemas eram passados de geração a geração, sendo modificados no processo. **Beowulf** é um poema épico, escrito em língua anglo-saxã com o emprego de aliteração, composto por 3.182 linhas. A história se refere a eventos ocorridos na Suécia e Dinamarca, e trata dos feitos de Beowulf, herói da tribo dos gautas (originários da atual Götaland, Suécia). O único manuscrito existente data do século XI. A **Canção dos Nibelungos** é um poema épico escrito por volta de 1200 em alto alemão médio. É a mais famosa das versões da **saga dos Nibelungos**, e está baseada nas antigas tradições orais com eventos e personagens históricos dos séculos V e VI.

<sup>44</sup> Como exemplo da coexistência das sagas com esses gêneros, pode-se citar os trabalhos Tristrams saga ok Isondar como romance, as Sagas de Reis como crônica e as Sagas Lendárias como epopeia.

homens, devastações da guerra e fanatismo. Em 1728, grande parte do que fora coletado sumiu no incêndio de Copenhague. Três anos depois a Coleção Cotton foi parcialmente queimada em Londres. O quanto se perdeu pode ser estimado por quem quer que reflita sobre quão pouco sabemos hoje.

Ler A Lenda de Sigurd e Gudrun não é tarefa fácil. Exige disposição e comprometimento. Seus personagens pertencem ao panteão mítico escandinavo e, portanto, para a compreensão total, a leitura demanda conhecimento prévio ou pesquisa. A narrativa é longa e intrincada, e facilmente pode levar à dispersão, confusão e abandono. No entanto, quando se vence a barreira do estranhamento inicial um mundo novo está à espera de ser descoberto e explorado. Adentrar nessa nova realidade de deuses, dragões, feiticeiras, tesouros encantados e duelos épicos, em que tudo parece estar envolto em uma aura arrebatadora que deslumbra o leitor, não significa que ela se resume a encanto e magia. As sagas como A Lenda de Sigurd e Gudrun vão muito além disso. Trata-se da história de clãs, de rivalidades tão antigas que não há quem se lembre de sua origem, de amores e fidelidades inconstantes e da falta de honra, de pactos de sangue e dos valores e costumes da sociedade da qual são originárias.

O sentimento de embrenhar-se em tal realidade tão peculiar e, ao mesmo tempo, estranhamente familiar, proporcionado pela leitura da Lenda de Sigurd e Gudrun incita o desejo de investigar o que leva um professor de um dos meios acadêmicos mais tradicionais, conservadores e respeitados do Ocidente, a "desviar-se" do caminho acadêmico e seguir a trilha da fantasia.

Suas escolhas dividiram seus contemporâneos que pareciam não concordar sobre uma questão primordial: a validade da fantasia como literatura. Helen Kidd, em sua participação no documentário *J. R. R. Tolkien: Master of the Rings: o guia definitivo do mundo dos anéis* (2001), diz que um dos motivos pelos quais a fantasia não é considerada como arte é o fato de ela ter suas origens na tradição popular oral; além disso, a partir do século XIX, houve um movimento em direção à preferência pela literatura realista, ou seja, o questionamento da validade da fantasia como literatura se baseia no desmerecimento da tradição oral como arte e do fantástico como possuidor de

qualidade. O fantástico sofre, dessa forma, com o demérito de críticos e acadêmicos como herdeiro de uma tradição anterior, que já tinha suas qualidades negadas e sua contribuição ao campo literário, ignorada.

### **3.3 - Narrativas e representação**

Os diversos episódios narrados na Saga dos Volsungos podem ser vistos em duas unidades distintas: até o capítulo XXII, em que o herói Sigurd ouve os conselhos de Brynhild e com ela troca juras de amor, estamos imersos num universo mitológico, com a presença de seres sobrenaturais, sendo a figura de Odin determinante para o curso dos eventos: ele é pai de Sigi, presenteia Sigmund com a espada, surge para auxiliar Sigurd no momento de escolher o melhor cavalo e quando o herói está prestes a ser enganado por Regin antes de enfrentar Fafnir. A partir desse ponto, porém, vemo-nos diante de um mundo mais humano, em certo sentido também mais histórico, e muitos dos personagens apresentados são verificáveis na história dos séculos IV, V e VI, época que marcou o desmoronamento do Império Romano do Ocidente pelas invasões bárbaras. Durante esses séculos, houve grandes migrações de tribos germânicas na região central da Europa, que, em seus deslocamentos, frequentemente colidiam; no século V, ainda, o exército huno avançava pela Europa sob a liderança de Átila.

Um evento de enorme impacto para as consciências dos povos do norte da Europa foi a aniquilação da tribo germânica dos burgúndios, pelos hunos. De acordo com o mito, Átila acrescentou mais uma às suas inúmeras esposas, uma garota muito bonita chamada Ildico. No banquete nupcial Átila ficou imensamente embriagado e recolheu-se ao leito, onde, deitado de costas, sofreu um violento sangramento nasal e morreu sufocado com o sangue que lhe desceu pela garganta. Tarde no dia seguinte seus servos arrombaram as portas e o encontraram morto e coberto de sangue sem nenhum ferimento, com a esposa chorando, coberta pelo véu.

O corpo de Átila foi colocado em uma tenda de seda no meio da planície, e os melhores cavaleiros dos hunos cavalgaram em redor em círculos e contaram suas façanhas em uma canção fúnebre. Seu corpo foi sepultado à noite, coberto de ouro, prata e ferro, com armas tiradas de seus inimigos e

muitos tesouros; e depois, os que haviam feito o trabalho do enterro foram mortos.

Em terras mais ao norte a imagem de Átila após a sua morte se tornou lendária, mas originou-se de seus inimigos, e os escandinavos relacionaram sua figura com seu rei Atli, severo e cobiçoso, assassino dos burgúndios por causa do tesouro dos Nibelungos. A história de que Átila (ou Atli) foi assassinado pela noiva sugere um motivo para tal façanha, e o mais provável é a vingança pelo assassinato dos parentes da noiva. Átila era, nesse panorama, o líder dos hunos no massacre dos burgúndios, o que atraía para si a vingança de Ildico pela destruição de Gundahari e seu povo. Quer Ildico fosse burgúndia ou não, na realidade não importa, pois a história fez dela uma princesa burgúndia, irmã de Gundahari. Assim se tem o assassinato de Gundahari-Gunnar por Átila-Atli que foi, por sua vez, assassinado por uma mulher. E a mulher era Ildico-Gudrun. É a história dos burgúndios que sobreviveu ao tempo e as mudanças que ele impõe, que foi, ainda que com alterações significativas, representada em parte na narrativa islandesa da Saga dos Volsungos.

Os burgúndios são representados na Saga dos Volsungos por Gunnar (nome que ecoa Gundahari, o rei dos burgúndios) e sua corte, e os hunos<sup>45</sup> por Atli (que ecoa Átila) e seus familiares. A mesma lenda da aniquilação dos burgúndios deu origem, na Alemanha, à Canção dos Nibelungos, texto redigido por volta de 1200 em médio alto-alemão. Muitos dos personagens da saga islandesa figuram no épico alemão. O equivalente de Gunnar é Gunther; Atli surge como Etzel; Sigurd como Siegfried.

À medida que evoluía a história dos burgúndios, ela se entrelaçava com uma lenda de natureza e origem distintas, o matador do dragão e seu tesouro. Não se pode dizer quando ocorreu essa conjunção e combinação, mas parece que foi na Alemanha, e não na Escandinávia.

A mitologia nórdica não trata somente dos deuses e das criaturas mágicas, mas também de heróis e reis. Muitos deles provavelmente são a representação de personagens históricos que existiram realmente, como

---

<sup>45</sup> É digno de nota que os hunos surgem nas lendas germânicas não como um povo estrangeiro invasor, mas sim parecendo ser mais uma tribo germânica.



apontam os nomes similares. A tarefa dos estudiosos é extrair a História do mito a partir das sagas. Às vezes, traços da história são percebidos na representação de um mesmo personagem que ressurgem em narrativas diversas. Como exemplos temos o Völund/Weyland e Siegfried/Sigurd, além dos já citados Gunnar/Gunther e Atli/Átila.

Mas não é apenas nas sagas que a narrativa mitológica nórdica se difundiu. Ela também está representada nas recentes tentativas de reviver a antiga crença no panteão de deuses nórdicos, sob o nome de *Ásatrú*, que na Islândia foi reconhecida pelo Estado como uma religião oficial em 1973. Na música, o Viking Metal, um subgênero do metal pesado representa em suas letras as batalhas e a vida de deuses e seres míticos. As bandas de maior sucesso são Manowar, Bathory, Ensiferum, Thyrfing, Enslaved e Amon Amarth.

É claro que a maior representante das narrativas mitológicas escandinavas ainda é a literatura fantástica do século XX. Robert E. Howard utilizou a mitologia nórdica em seus muitos trabalhos, inclusive na mais famosa: Conan, o bárbaro. Outros autores seguiram a mesma linha, sendo que o mais conhecido é J. R. R. Tolkien. Os trabalhos de Howard e Tolkien foram apenas o começo. Encorajados pelo sucesso destes predecessores, outros autores não demoraram a seguir a mesma trilha. Entre os mais famosos, se encontram Robert Jordan, Terry Brooks, Raymond Feist, David Eddings, Terry Pratchett e Tad Williams.

As histórias dos jogos de computador e dos Role Playing Games (RPG) continuaram a divulgar as histórias nórdicas. Alguns como Dungeons and Dragons, Dragonlance e Ragnarok são especialmente baseados nas narrativas nórdicas. A mais recente plataforma de retomada dos mitos nórdicos, em que as histórias são representadas com certa liberdade criativa, é a da série de televisão. Entre os programas feitos, The Almighty Johnsons tem seus personagens baseados na mitologia nórdica, deuses reencarnam em pessoas comuns, e Vikings reconta, de forma similar ao que fez Tolkien em A Lenda de Sigurd e Gudrun, a história do grande líder viking Ragnar Lodbrok, baseada na *Ragnars saga Loðbrókar* (Saga de Ragnar Lodbrok).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"I don't think you realize, I don't think any of us realize, the force, the daimonic force that the great myths and legends have. From the profundity of the emotions and perceptions that begot them, and from the multiplication of them in many minds – and each mind, mark you, an engine of obscured but unmeasured energy. They are like an explosive: it may slowly yield a steady warmth to living minds, but if suddenly detonated, it might go off with a crash: yes, might produce a disturbance in the real primary world."*

*J.R.R. Tolkien*

Nesse ponto de nossa análise a respeito de A Lenda de Sigurd e Gudrun, quando pretendemos fazer nossas últimas considerações, podemos dizer que a perspectiva escolhida neste trabalho para a abordagem de A Lenda de Sigurd e Gudrun foi a observação do uso da Saga dos Volsungos como princípio criativo da narrativa; a palavra como ferramenta para a renovação de uma mitologia esquecida, que fora posta de lado.

Muito há ainda por discorrer sobre o mundo fascinante e mágico da mitologia e das sagas islandesas. Deixamos aqui registrados alguns apontamentos que não pretendem ser conclusivos, porém, simplesmente reflexivos e que possam servir de ponto de partida para futuros desdobramentos.

Como acadêmico e escritor, Tolkien foi um defensor do conceito de que "a filologia é a base das letras" e de que "a literatura seja, talvez, a maior operação ou função da linguagem, não deixando, entretanto, de ser linguagem". Como filólogo, ele agregou a literatura a seus estudos linguísticos e seus trabalhos acadêmicos em aulas, ensaios, palestras, prefácios e traduções concentrados na literatura antiga anglo-saxã, na mitologia (especialmente a germânica e nórdica) e na fantasia. Como homem, ele foi um apaixonado pela língua e suas reverberações na literatura. Para ele a palavra era o princípio ativo da estória.

Ele possuía um conhecimento profundo da estrutura e da história das línguas (e da provável História por trás delas), o qual lhe permitiu fazer a tradução de línguas antigas e extremamente complexas (como o inglês antigo e o nórdico) e, posteriormente, especular sobre a história possível por trás

dessas línguas na forma de ficção. Sua obra literária é fundamentada na manipulação da linguagem, de modo a criar um universo imaginário a partir da reorganização linguística dos elementos do cotidiano, aliada a elementos pertencentes à construção do mito.

Unindo linguagem, fantasia e mito Tolkien cria um mundo que consegue se sustentar no limiar do imaginário e do real. Sua mitologia, assim como a mitologia islandesa da qual ela deriva, revela um mundo que poderia ter sido parte do passado da humanidade. Não obstante, ele não se limita a apenas contar uma estória. Para envolver a narrativa e corroborar a sensação de plausibilidade e historicidade, ele utiliza a tradução.

A tradução é fundamental para se atingir o objetivo de criar um mundo que, apesar de fictício, se apresenta absolutamente plausível. Sem ela, a história de Sigurd seria apenas mais uma narrativa fantástica, pois toda a historicidade se perderia. Ela é responsável pela narrativa tal qual se apresenta.

Que A Lenda de Sigurd e Gudrun é uma obra fundamentalmente linguística está claro. Ao eleger esse ponto como fundamento da abordagem da obra, o objetivo foi observá-la, talvez não sob uma nova luz, mas sob um novo foco de iluminação, e oferecer uma contribuição para os estudos da mitologia, em especial a mitologia escandinava, como narrativa literária, bem como para os da obra de Tolkien.

Se toda aventura mítica tem um final que nos traz modificações, nosso trabalho também teve as suas. Aventuramo-nos em dois mundos que nos trazem à tona a ideia de que a narrativa e este trabalho tiveram seus caminhos de provas e seus resultados. Para finalizarmos esse processo, faz-se necessário que percebamos os distanciamentos e as aproximações. Desta análise, notaremos quais os principais focos de ambos os textos para analisarmos o mito como narrativa literária.

O mito na literatura permanece hoje não porque representa o mesmo pensamento social da antiguidade, mas justamente por se reformular e manter uma linha de construção que identifica o homem em todas as épocas. Todos nós temos pensamentos heróicos – ou vontade de realizar algum feito. Assim,

o homem se espelha em narrativas como essas para abordar suas vontades e se regozijar com os feitos do herói. A narrativa mítica é frequente em nossas vidas desde muito tempo. Percebemos que há um ideal a ser concretizado pelo homem, que tem em sua vida apenas aventuras diárias, necessitando atingir objetivos. A narrativa revela os esforços comuns a todas as pessoas como um ritual, como aquilo que deve trazer o crescimento.

Isso porque no mundo contemporâneo a literatura opõe-se a outras disciplinas como a história ou a filosofia, para não falar das ciências matemáticas ou da natureza. Nesse contexto ela somente pode supor aquilo que é fictício, ou então, ela supõe uma escritura sem os rigores do academicismo científico, portanto sem “compromisso”.

Nessa monografia procurei analisar a obra *A Lenda de Sigurd e Gudrun* como uma tentativa de reanimar não apenas o campo da mitologia nórdica, que é a fonte primordial deste trabalho, mas o campo da mitologia em si. Para tanto, foi necessário refletir sobre a complexa relação entre História e Literatura, mostrando como os escritos literários, por serem fruto da ação humana, e sendo o homem um ser histórico; podem ser utilizados como objeto de análise historiográfica.

No sentido de aprofundar a discussão, contextualizei também o autor, visto que foi a partir da sua experiência histórica que se calcaram as raízes de *A Lenda de Sigurd e Gudrun*, obra central dessa monografia. Ainda considerei importante discutir como a literatura pode atuar como prática de resistência às convenções de seu tempo, e *A Lenda de Sigurd e Gudrun*, levando em consideração não somente a riqueza do livro, mas os demais escritos de seu autor e suas opiniões acerca de seu tempo, pode ser considerada uma crítica à modernidade e aos valores da sociedade industrial. Essa insatisfação fica expressa no gênero da literatura de Tolkien, a Fantasia. O distanciamento que essa literatura proporciona é um indício de que o autor estava descontente com sua realidade, criando uma realidade fantástica que lhe permitisse vislumbrar outros modos de vida.

A narrativa de Tolkien conta com uma elaboração exaustiva e bem acabada e coloca em debate temas de natureza bastante relevantes ao seu

público. A consciência das limitações humanas e a possibilidade de superá-las pela contínua busca do crescimento pessoal é um deles. Estamos falando de um dos papéis desempenhados pela literatura. Nesse sentido, muito embora seja mitológica, a narrativa de A Lenda de Sigurd e Gudrun mostra que guarda ligações com a realidade, pois sua existência pode fornecer material para discutir a realidade em que vivemos.

Tolkien reforma um universo rico de personagens significativos e expressivos por meio de primorosa tradução de idiomas diversos, relacionados a povos diferentes, com sintaxe e semântica próprias. Tudo possui uma função, nada estando ali por acaso.

O tema da mitologia abordado no presente trabalho se encontra presente em todo o imaginário humano desde o início dos tempos, o que o torna não apenas interessante e relevante, mas também, extremamente difícil de ser estudado. Diversos povos experienciaram o mito de alguma forma. Seja como um guia vivo de suas ações, como os povos mais tradicionais. Ou ainda, como em algumas nações, como modelos de conduta sobre o qual se erigiu um povo. Com suas devidas particularidades, não existe sociedade que não tenha tomado contato com a mitologia. Mesmo na contemporaneidade, quando se vem perdendo cada vez mais o poder de encantar e deslumbrar, é perceptível a profusão de pessoas que compram a camisa do Batman, lêem as histórias do Rei Artur, fazem tatuagens de Harry Potter, compram réplicas do Um Anel ou do Trono de Ferro e que correm aos cinemas para assistir ao deus Thor, revelando que a importância do tema ainda é imensa. A mitologia se mostra, assim, tão fascinante quanto complexa. Como uma manifestação da cultura humana, a mitologia se desdobra em incontáveis contextos históricos e sociais que a tornam uma presença constante ao longo da história humana.

Pensando nessa importância é que buscamos, ao longo da nossa leitura, realizar o estudo do mito, retomando as relações com as matrizes mitológicas cristã e nórdica, reelaboradas de acordo com o talento de Tolkien.

Por outro lado, acreditamos que o estudo da Lenda de Sigurd e Gudrun, abordada no presente trabalho, pode oferecer uma reflexão acerca de como a mitologia pode enriquecer a pesquisa histórica se receber uma oportunidade e seu valor como fonte for reconhecido. Em parte o estranhamento por parte do pesquisador pode ser superado diante da

dificuldade de trabalhar com as fontes mitológicas, o que pode ser um incentivo atraente. Debruçar-se sobre um material que recebeu pouca atenção, ainda mais quando é algo que provoca curiosidade, é instigante, uma vez que provoca o pesquisador e o incita a levar o estudo sempre um passo a frente. O desafio de produzir uma pesquisa, um estudo sobre a mitologia já é significativo, mas quando a escolha recai sobre a mitologia nórdica, menos conhecida e trabalhada quando em comparação com outras como a grega e a egípcia, a verdadeira dificuldade que tal empreitada representa fica clara.

Tal dificuldade reside em muitos campos. O desconhecimento da mitologia nórdica é, por exemplo, mais amplo do que supúnhamos, incluindo ambas as comunidades, não acadêmica e acadêmica. Esta, produziu muito pouco sobre o assunto e ainda tem um longo caminho a percorrer. Os poucos historiadores que se dedicam a mitologia nórdica e a literatura estão longe de conquistar o mesmo espaço que outros que tratam de temas mais tradicionais. O campo ainda precisa angariar o respeito que só vem com o tempo, a insistência e, principalmente, a consistência e a comprovada relevância do trabalho.

A própria mitologia nórdica ainda reserva muitas surpresas. Quanto mais fundo a pesquisa vai, mais se descobre. A maioria das fontes que normalmente são consideradas como mitologia nórdica, foi redigida na Islândia. Tal mitologia é uma coleção de crenças e histórias compartilhadas por comunidades do norte da Germânia (atual Alemanha), transmitida oralmente principalmente durante a era viking. O atual conhecimento sobre ela é baseado especialmente nas Eddas e outros textos medievais escritos pouco depois da cristianização da Islândia por volta do ano 1000. A maior parte do que sobreviveu foi preservado nas duas Eddas: a Edda em prosa e a Edda poética, escrita aproximadamente 50 anos mais tarde.

Esta mitologia dita nórdica é a versão mais bem conhecida da mitologia germânica antiga (esta evoluiu a partir da antiga mitologia indo-europeia) que tem relações próximas com a mitologia anglo-saxônica. É esta mitologia que remanesce como uma inspiração na literatura, no teatro, na música, na poesia e no cinema.

Não somente a obra A Lenda de Sigurd e Gudrun como também os outros escritos de Tolkien são significativos por mostrarem como é possível

unir a pesquisa histórica ao lazer. No nosso entendimento, a obra de Tolkien propõe diversão, mas baseada na reflexão. É uma leitura transformadora, da qual o leitor não sai como entrou.

Não é possível afirmar com certeza que o universo fantástico que Tolkien trouxe a luz em A Lenda de Sigurd e Gudrun pode oferecer a oportunidade de distanciamento quiçá de fuga do nosso tempo, mas certamente não podemos negar que essa possibilidade existe.

Durante este breve estudo pudemos constatar que os mitos não são objeto de uma compreensão direta, pois suas verdades e concepções embora sejam pertinentes a toda a humanidade, ou seja, a preocupação com nossa origem e também a origem de tudo que nos rodeia, estarão articuladas nos mitos de acordo com os valores e significados de cada comunidade. Para penetrar no contexto de cada mito é necessário um conhecimento mais amplo de tudo que serviu de referência à reflexão contida nele. Um dos grandes pontos enfocados por Lévi-Strauss e que me tocou profundamente foi quando ele disse que havia coisas que deveríamos tentar nos conscientizar nem que seja para darmos a elas sua devida importância. Mircea Eliade também enfatiza que no ocidente houve de fato uma vitória do *logos* sobre o *mythos*, entretanto, certos comportamentos míticos sobrevivem no mundo moderno, isto porque determinados aspectos e funções do pensamento mítico são constitutivos do ser humano.

Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações. A junção da tradição de relatos orais com a tradição escrita na produção das sagas contribuiu para que hoje os pesquisadores pudessem ter uma fonte confiável sobre a Escandinávia medieval e a era viking, o que aliado aos achados arqueológicos e inscrições rúnicas lança grande luz sobre os estudos vikings.

Não bastasse, porém, o fato de as fontes históricas propriamente ditas sobre o período em questão serem poucas e não muito claras, sabe-se ainda que eventos históricos, ao tornarem-se lendas e adentrarem o repertório de bardos e contadores de fábulas, costumam agigantar-se, deformar-se,

conformar-se a necessidades espirituais novas da época e da cultura por que são memorados. Esse é o processo natural de constituição de lendas heróicas nacionais.<sup>46</sup> O resultado é que a Saga dos Volsungos, tendo em seu cerne elementos históricos, verificáveis eventualmente por investigações arqueológicas ou comparação com outros textos antigos, se enquadra como texto histórico, que contém o acúmulo de uma memória popular de mais de meio milênio.

A história pode parecer enganadoramente simples. Ela fornece momentos de decisão muito claros, distinções muito fáceis: antes e depois, vencedor e vencido, certo e errado. A história verdadeira, o passado, não é assim. Não é plano nem linear. Não tem contornos. É escorregadio; é infinito e desconhecido como o espaço. E é mutável: quando você pensa que enxerga um padrão, a perspectiva muda, outra versão é apresentada, uma lembrança há muito esquecida vem à tona. As respostas à maior parte das questões realmente pertinentes raramente são dadas. O papel do historiador é o de tentar ordenar uma vida de instantes emaranhados e para ter sucesso, deve começar admitindo sua ignorância.

---

<sup>46</sup> Tem-se como exemplos a Guerra de Tróia na *Ilíada*; a histórica batalha de Roncevalles na *Canção de Rolando*; os conflitos entre cristãos ortodoxos e muçulmanos nas regiões orientais do Império Bizantino e seus guardas de fronteira da lenda de *Digenis Akritis*.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, Petrópolis: Vozes, 2004.

BENJAMIN. W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. IN: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 3. ed., 1987.

BOSI, Alfredo. *Caminhos entre a literatura e a história*. In: Estudos Avançados. São Paulo, vol. 19, n. 55, dezembro 2005.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOULHOSA, Patrícia Pires. *Breves observações sobre a Edda em prosa*. In: Brathair 4 (1), 2004: 13-18. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/623>>. Acesso em nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval*. In: Signum 7, 2005.

\_\_\_\_\_. *A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade*. In: Brathair. N.6.V.2. ISSN 1519-9053, 3-31, 2006. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/556>>. Acesso em nov. 2015.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro. *Poesia histórica e/ou realidade literária – Walther von der Vogelweide e a Alemanha nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista*. In: SILVA, Andréia Frazão & SILVA, Leila Rodrigues da. Atas da IV Semana de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2002, pp. 57-68. Disponível em <<http://www.abrem.org.br/Poesiarealidade.pdf>>. Acesso em nov. 2015.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes: 1988.

BRICOUT, Bernadette (Org.). *O olhar de Orfeu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.  
CARRIÈRE apud BRICOUT: 2003.

BRONSTED, Johannes. *Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização*. São Paulo, Hemus, 2004.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.  
BUHL, Trine. Premises of literary history: on genre and narrative modes in the Sagas. *Brathair* 4(2) 2004, pp. 04-16. Disponível em <[http://www.brathair.com/revista/numeros/04.02.2004/literary\\_history.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/04.02.2004/literary_history.pdf)>. Acesso em nov. 2015.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BYOCK, Jesse. *The Age of the Sturlungs*. In *Continuity and Change: Political Institutions and Literary Monuments in the Middle Ages*, ed. Elisabeth Vestergaard, pp. 27- 42. Proceedings of the Tenth International Symposium Organized by the Center for the Study of Vernacular Literature in the Middle Ages. Odense: Odense University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *Viking age Iceland*. Londres: Penguin Books, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cultural Continuity, the Church, and the Concept of Independent Ages in Medieval Iceland*. *Skandinavistik* 15/1(1985):1-14.

\_\_\_\_\_. *Governmental Order in Early Medieval Iceland*. *Viator: Medieval and Renaissance Studies* 17(1986): 19-34.

\_\_\_\_\_. *Saga Form, Oral Prehistory, and the Icelandic Social Context*. *New Literary History* 16(1984-1985): 153-173.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. 1 ed. reimp. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

\_\_\_\_\_. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Aspectos da Cosmogonia e da Cosmografia Escandinavas*. *Brathair* 6 (2), 2005: 32-48. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/557>>. Acesso em nov. 2015.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. Editora UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. *A força das representações*. Org. por João Cezar de Castro Rocha. Editora Argos, 2011.

\_\_\_\_\_. *Literatura e História*. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-216.

COSTA LIMA, Luiz (org). *Teoria da literatura em suas fontes: volume II*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1983.

COSTA, Ricardo da; BIRRO, Renan Marques. “Este é o início de como a Cristandade veio para a Islândia” (“Nú hefr þat, hversu kristni kom á Ísland”): os ricos proprietários rurais e a cristianização da Islândia (sécs. IX-XIII). *Brathair* 9 (1), 2009: 22-37. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/481>>. Acesso em nov. 2015.

CURSINO, Luzmara. *Das páginas da ficção as práticas da história: escrita e leitura inscritas em textos literários*. Texto parte da pesquisa financiada pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo 03/03943-1).

DETIENNE, Marcel. *A Invenção da Mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992.

Edda. Disponível em <<http://www.sacred-texts.com/neu/poe/index.htm>>. Acesso em nov. 2015.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Sagrado e o Profano*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

ESTEVES, Lainister de Oliveira. *História e literatura: possibilidades do fazer historiográfico*. Revista de Teoria da História Ano 3, Número 6, dez/2011 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

GARTH, John. *Tolkien and the Great War*. Harper Tolkien, 2003.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Viquingues: Origens da Cultura Escandinava*, 2 vols., Madrid, Del Prado, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os Vikings*. Coleção Grandes Civilizações do Passado. Editora Folio, 2006.

HELLE, Knut. *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ISAACS, Neil D. On the Possibilities of Writing Tolkien Criticism. In: ISAACS, Neil D.; ZIMBARDO, Rose A. (Ed.). *Tolkien and the Critics: Essays on J. R. R. Tolkien's The Lord of the Rings*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1976b, p. 1-11.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético – volume I*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

ISLENDINGABOK: The book of the Icelanders, the story of the conversion. (O livro dos islandeses). In: Viking Society for Northern Research, text series. General Editors: Anthony Faulkes and Alison Finlay. Volume XVIII. *Íslendingabok, Kristni Saga*. Translated by Siân Grønlie. University College London, 2006. ISBN-10: 0-903521-71-7. ISBN-13: 978-0-903521-71-0.

KELLOGG, Robert (Org.). *The sagas of Icelanders: a selection*. New York: Viking, 1997.

KYRMSE, Ronald. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LANDNDMABOK: O livro do assentamento. Disponível em <<https://archive.org/stream/booksettlementi00ellwgoog#page/n0/mode/2up>>. Acesso em nov. 2015.

LANGER, Johnni. *História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas*. In: Alétheia Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo, Volume 1, Janeiro/Julho de 2009. ISSN 1983-2087.

\_\_\_\_\_. *Deuses, Monstros e Heróis: ensaios de mitologia e religião viking*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mythica Scandía: Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking*. Brathair 6 (2), 2006: 48-78. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/558>>. Acesso em nov. 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significação*. Lisboa: Edições 70, 1989.

LIBER DE MENSURA ORBIS TERRAE: Livro da dimensão da Terra. Disponível em <<https://archive.org/details/liberdemensurao00walcgoog>>. Acesso em nov. 2015.

LONNROTH, Lars. *The Icelandic Sagas*. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *The Viking World*. New York. Routledge. 2008.

\_\_\_\_\_. *The transformation of literary genres in Iceland from orality to literacy*. 12th International Saga Conference, Bonn, 2003. Disponível em <<http://www.skandinavistik.uni-bonn.de/saga-conference/>>. Acesso em nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *The Vikings in History and Legend*. In: SAWYER, Peter. (org). *The Oxford illustrated History of the Vikings*. Nova Iorque: Oxford University press, 1997.

MITCHELL, Stephen. *Reconstructing Old Norse Tradition*. *Oral Tradition* 2 (18), 2003, pp. 203-206. Disponível em <[http://journal.oraltradition.org/files/articles/18ii/7c\\_mitchell.pdf](http://journal.oraltradition.org/files/articles/18ii/7c_mitchell.pdf)>. Acesso em nov. 2015.

MONIZ, Luiz Cláudio. *Mito e música em Wagner e Nietzsche*. São Paulo: Madras, 2007.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. *Aventura e Magia no Mundo das Sagas Islandesas*. *Brathair* 9 (1), 2009: 38-65. Disponível em <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/482>>. Acesso em nov. 2015.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. *Breves Considerações sobre a Edda Poética e a Edda em Prosa*. In: Congresso Internacional de História, 21 a 23 de Setembro de 2011. ISSN 2175-6627 (CD-ROM). ISSN 2175-4446 (ON-LINE).

\_\_\_\_\_. *Edda em prosa, Snorri Sturluson e suas influências cristãs*. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Rev. Bras. de Hist. São Paulo, v.15, n.29. P. 9-27, 1995.

ROSS, Margaret Clunies. *The realism and the Fantastic in the Old Icelandic Sagas*. *Scandinavian Studies*, v. 74, n. 4, p.443-454, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40920399>>. Acesso em nov. 2015.

Saga dos Volsungos. (Anônimo do séc. XIII) Organização e tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. *Medieval Scandinavia: from conversion to reformation circa 800-1500*. London: University of Minnesota Press, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SHIPPEY, Tom. *J. R. R. Tolkien: Author of the Century*. [S.l.]: Houghton Mifflin Company, 2000.

\_\_\_\_\_. *The Road to Middle Earth: How J. R. R. Tolkien Created a New Mythology*. Revised and expanded edition. [S.l.]: Harper Collins, 2005.

SMILEY, Jane. Introduction. In: ÖRNÓLFUR, Thorrson (org.) *The Sagas of Icelanders*. London: Penguin Books, 2000.

SPINA, Segismundo. *A Cultura Literária Medieval*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

SVEINSSON, Einar Ólafur. *Sturlungaöld. Drög um íslenzka menningu á þrettánda öld* (Reykjavík, 1940), trans. Jóhann S. Hannesson as *The Age of the Sturlungs: Icelandic Civilization in the Thirteenth Century*, *Islandica* 36. Ithaca: Cornell University Press, 1953.

The Poetic Edda: The Mythological Poems. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TOLKIEN, J.R.R. *A lenda de Sigurd e Gudrun*. Trad. de Ronald Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 2010, ISBN: 978-85-61635-69-5.

\_\_\_\_\_. *As cartas de J. R. R Tolkien*. Org. de Humphrey Carpenter e Christopher Tolkien. Trad. Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. *Beowulf: The Monsters and the Critics*. In: TOLKIEN, J. R. R. *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: Harper Collins, 1997f, p. 5-48.

TULINIUS, Torfi H. *La Conversion du Viking: l'image du guerrier païen dans les sagas islandaises*, In: Boyer Régis ed., *Les Vikings, Premiers Européens*, Paris, Editions Autrement, 2005.

WELLEK, René (Austin Warren). *Teoria da Literatura*. Mem Martins: Europa América, 1995.

WHITE, Hayden. *O Texto Histórico como Artefato Literário*. Tópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. 2a. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WHITE, Michael. *J.R.R. Tolkien, O Senhor da Fantasia*. Tradução de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2013.

WÜRTH, Stefanie. *Historiography and pseudo-history*. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007.

J. R. R. TOLKIEN: *Master of the Rings: o guia definitivo do mundo dos anéis*. ©2001 Cromwell Productions; 2002 Eagle Rock Entertainment Ltd. Manaus: ST2, 2003. DVD (aprox. 119 min.), sonoro, digital, colorido. Original. Inglês. Legendado. Inglês/Português/Espanhol.

## GLOSSÁRIO

**Æsir:** segundo a mitologia nórdica é um clã de deuses que residem em Ásgarðr. Seus rivais são os Vanir, segundo maior clã de deuses. Existem outros clãs de deuses nórdicos, como o das Nornas, dos Jotnar e dos "Dragões".

**Alþingi:** assembleia geral judicial.

**Ari Þorgilsson:** padre islandês (1067-1148 d.C). Foi um historiador e cronista autor da obra Íslendingabók.

**Árni Þorláksson:** Foi um clérigo islandês (1237-1298 d.C) que se tornou o décimo bispo da Islândia em 1269.

**Biskupa sögur:** Sagas dos Bispos.

**Currags:** frágeis embarcações, provavelmente barcos de couro.

**Dicuil ou Dicuilus:** foi um monge e geógrafo irlandês (c. 750-c. 825 d.C). Membro de um convento no Reino dos Francos. Sua obra mais conhecida é o Liber de Orbis Mensura Terrae.

**Edda em prosa ou edda jovem ou edda de Snorri:** compilação de lendas sobre a mitologia nórdica de autoria de Snorri Sturluson.

**Edda em verso ou edda poética:** coleção de poemas em nórdico antigo, de autoria anônima, preservados no manuscrito *Codex Regius*.

**Eiríks saga Rauða:** saga islandesa que conta a história de Eiríkr Þorvaldsson, a descoberta da América atribuída a Leif Ericsson, depois de uma deriva involuntária nas águas que separam a Groenlândia da América do Norte, e a tentativa de colonização da nova terra.

**Eiríkr Þorvaldsson ou Erik, o Vermelho:** norueguês (c.950-c. 1000 d.C), foi banido após cometer assassinato. Reconstruiu sua vida na Islândia, mas em 980 matou outro homem e foi banido novamente. Indesejado na Noruega e na Islândia, navegou com alguns companheiros durante dois anos para descobrir terras novas, e assim desembarcaram na Groenlândia. Com a intenção de criar seu reino, independente da Noruega, fundou a cidade de Gardar e a propriedade rural de Brattahlid em 985. Seu filho Leif Ericsson, introduziu o Cristianismo na Groenlândia, apesar da forte oposição do pai. Por volta do ano 1000, chegou à América do Norte que batizou de Vinland. Na mesma época morreu, deixando seu filho Leif Ericsson como seu sucessor em Brattahlid.

**Erik Magnusson ou Eric II da Noruega:** nasceu em 1268 e morreu em 1299. Era o filho mais velho de Magno VI da Noruega, chamado Magno, o Legislador. Por ascender ao trono com apenas 12 anos, sua mãe e um conselho ficaram encarregados do governo. Foi Rei da Noruega de 1280 até sua morte. Sem herdeiros, foi sucedido por seu irmão mais novo, Haakon V da Noruega.



**Floki ou Hrafna-Flóki Vilgerðarson:** foi o primeiro explorador norueguês a navegar deliberadamente para a Islândia, no século IX. Partiu quando ouviu notícias acerca de novas terras a oeste, conhecidas como Garðarshólmi.

**Fornaldarsögur:** Sagas Lendárias.

**Garðarr Svavarsson:** sueco considerado o primeiro escandinavo a viver na Islândia. Abordou acidentalmente a Islândia e, descobrindo que a terra formava uma ilha, chamou-a de Garðarshólmur, e passou um inverno em Húsavik.

**Garðarshólmi:** nome atribuído a Islândia por Garðarr Svavarsson.

**Gissur Teitsson, o Branco:** Goðar que teve um papel decisivo na adoção do cristianismo como religião oficial da Islândia.

**Goðorðou:** grupo de fazendeiros subordinado a um Goðar.

**Goðorðsmenn ou Goðar:** chefes locais.

**Grænlendinga saga:** saga islandesa que narra a descoberta e colonização da Groenlândia e da América do Norte pelos escandinavos nos séculos X e XI, provavelmente escrita no séc. XIII. Está incluída no manuscrito Flateyjarbók, datado do séc. XIV, conservado no Instituto Árni Magnússon, em Reiquiavique. Nesta saga estão mencionadas cinco viagens à América do Norte: a viagem de Bjarni Herjólfsson, em 985 ou 986, em que este avistou a América, mas não foi a terra; a viagem de Leif Ericson, filho de Eiríkr Þorvaldsson; a viagem de Thorvald Ericson, outro filho de Eiríkr Þorvaldsson; a viagem de Thorfinn Karlsefni e da sua mulher Gudrid Þorbjarnardóttir; a viagem de Freydis Eiríksdóttir, filha de Eiríkr Þorvaldsson.

**Grágás:** código de leis.

**Grænland ou Greenland ou Groenlândia:** ilha em que Eiríkr Þorvaldsson criou uma colônia. Atualmente é uma nação constituinte autônoma do Reino da Dinamarca. As suas costas dão a norte para o oceano Glacial Ártico, a leste para o Mar da Groenlândia, a leste e sul para o Oceano Atlântico e a oeste para o mar do Labrador e a baía de Baffin.

**Hagiografias:** tipo de biografia que consiste na descrição da vida de algum santo, beato ou servo de Deus proclamado pela Igreja Católica, pela sua vida e pela prática de virtudes heróicas. A Igreja Católica considera a Hagiografia como um ramo da História da Igreja.

**Hákon Hákonarson ou Haakon IV:** nasceu em 1204 e morreu em 1263. Foi rei da Noruega entre 1217 e 1263. Sob seu governo, tiveram fim os conflitos internos. Ele ampliou a influência da cultura europeia na Noruega através da importação e tradução da literatura europeia contemporânea em nórdico antigo e pela construção de monumentais edifícios de pedra em estilo europeu. Empregou uma política externa ativa e agressiva e no final de seu governo, iniciaram as negociações que fariam da Islândia e da Groenlândia partes de seu reino, deixando a Noruega no seu auge territorial. Adoeceu e morreu enquanto esperava o inverno em Orkney.

**Hákon Magnússon ou Haakon V Magnusson:** nasceu em 1270 e morreu em 1319. Foi rei da Noruega entre 1299 e 1319. No início de seu reinado, deu prosseguimento à guerra contra a Dinamarca empreendida por seu irmão, mas em 1309 concluiu um tratado de paz com esse país. Era um cristão devoto que realizou várias ações a favor da religião. Ordenou a construção

de albergues destinados a alojar peregrinos, estimulou as missões e outorgou generosas doações. Sua morte representou o fim do ramo masculino da Dinastia Hårfagre, que reinava na Noruega desde 872. Foi sucedido pelo neto Magno II, que uniu as coroas da Suécia e da Noruega.

**Haraldr Hårfagri ou Haroldo I da Noruega:** nasceu em 850 e morreu em 943. Fundador da dinastia Hårfagreætta e o viking que uniu a Noruega como primeiro rei. Reinou entre 872 e 930. Sucedeu seu pai, Halfdan "o Negro" Gudrødsson, em 860, como soberano de diversos reinos esparsos, na região de Vestfold. Em 866, Haroldo fez uma série de conquistas sobre os pequenos reinos que iriam formar a Noruega incluindo Värmland, na Suécia, e estabeleceu uma aliança com o rei sueco Érico IV Anundsson. Em 872 tornou-se o rei de todo o país. Muitos chefes eram ricos e respeitados, mas estavam insatisfeitos com o poder centralizador do rei, constituindo uma ameaça que foi imediatamente expulsa do novo reino. Muitos destes adversários se refugiaram na Islândia, nas ilhas Órcades, Shetland e Hébridas. A maior consequência foi o povoamento da Islândia e a escrita das sagas islandesas.

**Heilagra manna sögur:** Vidas dos santos.

**Historia de Antiquitate Regum Norwagiensium:** escrito por Teodorico, o Monge ou Þórir em cerca de 1180. Trata de uma breve história dos reis da Noruega em Latim, começando com Haraldr Hårfagri até Sigurðr Jórsalafari por volta de 1130.

**Historia Norwegiæ:** curta história da Noruega em Latim escrita por um monge anônimo. O único manuscrito existente, pertence ao Conde de Dalhousie e fica guardado no Castelo de Brechin, Escócia. O exemplar é fragmentado e foi escrito por volta de 1450, enquanto o original está datado da última metade do século XII, provavelmente 1170.

**Iceland:** nome atribuído à Islândia por Floki.

**Ilha de Man:** pertencente à Coroa do Reino Unido e inclui a ilha principal, do mesmo nome, e algumas ilhotas adjacentes, no mar da Irlanda.

**Ilhas Færeyjar:** nome nórdico das Ilhas Faroé.

**Ilhas Hébridas:** compreendem um largo arquipélago na costa oeste da Escócia.

**Ilhas Orkney ou Órcades:** arquipélago localizado no Mar do Norte, cerca de 16 km ao largo do Norte da Escócia. Foram colonizadas por pictos e vikings, mas são atualmente uma das Autoridades Unitárias da Escócia.

**Ilhas Zetland:** antigo nome das Ilhas Shetland, pertencentes à Escócia.

**Ingólfur Arnarson:** reconhecido como o primeiro morador permanente da Islândia. Construiu seu assentamento em Reiquiavique no ano de 874. Deixou a Noruega após se envolver em uma disputa feudal e, ao ouvir sobre uma nova ilha, velejou com seu amigo Hjörleifur Hródmarrsson até a Islândia. Seu filho, Thorsteinn Ingólfsson, foi um grande líder tribal e é reconhecido como fundador do primeiro þing na Islândia.

**Íslendingabók ou Livro dos Islandeses:** conta as histórias das várias famílias que se estabeleceram na Islândia. Este manuscrito trata dos primórdios da história islandesa entre 870 e 1120 d.C, da introdução do cristianismo na ilha, da colonização da Groenlândia e da

descoberta da Vinland. O trabalho existia em duas versões, mas somente a mais recente sobreviveu. Está guardado no Instituto Árni Magnússon em Reiquiavique na Islândia.

**Íslendingasögur:** Sagas de Famílias.

**Jarl:** nas línguas nórdicas, título equivalente ao de duque. Era um título de caráter hereditário concedido pelo rei aos líderes territoriais que o apoiavam. Eram governantes locais indicados pelo rei para governar cada condado ou província. Antes que o título caísse em desuso, em meados do século XIII, eram poderosos, e frequentemente os verdadeiros governantes do reino.

**Járnsíða:** conjunto de leis que Magno VI da Noruega aplicou na Islândia a partir de 1271. A mudança previa a colocação do poder legislativo nas mãos do rei, abolia a posição de Goðar e reformava a Alþingi.

**Jón Loftsson:** foi o chefe de Oddi, no condado de Rangá, no sul da Islândia. Era do clã Oddaverjar e um dos chefes mais populares. Foi contra a inserção do cristianismo na Islândia. Depois de sua morte em 1197, seu clã perdeu muito de sua influência. Foi guardião de Snorri Sturluson.

**Jónsbók:** reformas na lei da Islândia implementadas pelo rei Magno VI da Noruega em 1281, criadas por Jón Einarsson.

**Konungasögur:** Sagas dos Reis.

**Landnám:** fase de colonização da Islândia.

**Landnámabók ou Livro da Colonização ou Livro dos assentamentos:** manuscrito medieval islandês descrevendo o povoamento da Islândia pelos nórdicos entre os séculos IX e X. Foi escrito no século XII, possivelmente por Ari Þorgilsson, não existindo, todavia, o original, mas sim cópias feitas por volta do século XIII, guardadas no Instituto Árni Magnússon em Reiquiavique na Islândia.

**Leiðarþing:** assembleias de estrada presididas pelo Goðar.

**Liber de Mensura Orbis Terrae ou livro da dimensão da terra:** compilação de conhecimentos geográficos sobre a Europa, a Ásia, a África, o Egito e a Etiópia. Este trabalho foi baseado no "Mensuratio orbis", elaborado pela ordem de Teodósio II (435), e completado pelas próprias observações de Dicuil e é uma das únicas fontes de informações detalhadas sobre os clérigos que tinham vivido na Islândia e nas Ilhas Faroé, antes da chegada dos vikings.

**Libertas ecclesiae:** liberdade da autoridade da Igreja.

**Lögrétta:** Conselho Legal.

**Lögsögumaður:** orador da lei.

**Magnus ou Magno VI Haakonsson ou Magnús Hákonarson:** nasceu em 1238 e morreu em 1280. Foi rei da Noruega de 1263 a 1280. Uma de suas maiores conquistas foi a modernização e nacionalização do código de leis norueguesas, passando a ser conhecido como Magno, o Legislador. Revisou a velha lei provincial e trabalhou na elaboração de uma nova lei nacional. Essa nova lei foi aprovada em 1274, e em 1276 foi criado um suplemento, a lei municipal que foi aplicada também na Islândia e nas Ilhas Faroé. A nova lei considerou o crime como um

prejuízo para o Estado e não apenas para o indivíduo, e, portanto, estava sob o domínio do Estado punir criminosos, reduzindo assim as vinganças pessoais. Aumentou o poder do rei, tornando-o a garantia da justiça. A lei municipal, por seu lado, concedeu liberdade às cidades, garantindo a independência do controle rural. A seção específica do direito nacional estabelecia a legitimidade no nascimento de um descendente real como um pré-requisito e primogenitura como uma prioridade na sucessão do trono, em conformidade com os acordos que o rei Haakon IV tinha estabelecido com a Igreja. Suas leis entraram num conflito com a Igreja, que protestou pela intromissão do monarca no âmbito eclesiástico mediante a revisão das leis da Igreja. Com a Concordata de Tønsberg de 1277 se reconciliaram as partes: o clero recebeu maiores privilégios jurídicos, mas renunciou às suas pretensões de que a Noruega era um feudo sob a autoridade última da Igreja Católica. Governou em conjunto com seu pai Haakon IV de 1257 até 1263. Iniciou negociações de paz com o rei Alexandre III da Escócia, abandonando as reivindicações norueguesas sobre a Ilha de Man e as Ilhas Hébridas, e a Escócia reconheceu a soberania norueguesa sobre as Órcadas e as Shetland. Apesar de ter mantido uma boa política nos assuntos internos do reino e nas relações com o Ocidente, a situação com os seus vizinhos nórdicos foi mais problemática. Iniciou uma série de conflitos com a Dinamarca que durariam várias décadas.

**Magnus Eriksson ou Magno IV da Suécia ou Magno VII da Noruega:** nasceu em 1316 e morreu em 1374. Foi rei da Suécia entre 1319 e 1364 e rei da Noruega de 1319 a 1343. Era neto do rei Magno III da Suécia e de Haakon V da Noruega. Sua maior contribuição foi a promulgação em 1330 da chamada Lei Nacional de Magnus Eriksson, o primeiro código jurídico para todo o Reino da Suécia, substituindo sucessivamente as Leis Provinciais em vigor até então.

**Naddodd:** natural de Agder, que compreende os dois condados noruegueses de Aust-Agder e Vest-Agder, e reconhecido como descobridor da Islândia. Foi também um dos primeiros colonizadores das Ilhas Faroé após Grímur Kamban se tornar o primeiro a se estabelecer ali em torno de 825. Estava navegando para as Ilhas Faroé, mas se perdeu e ficou à deriva, indo de encontro ao litoral onde é hoje o povoado de Reyðarfjörður. Ele decidiu continuar sua jornada até as Ilhas Faroé, mas quando retornou ao seu barco começou a nevar e então denominou a terra de Snæland.

**Olaf ou Olavo II da Dinamarca ou Olavo IV da Noruega:** nasceu em 1370 e morreu em 1387. Foi o Rei da Dinamarca como Olavo II a partir de 1376 e Rei da Noruega como Olavo IV de 1380 até sua morte. Era filho do rei Haakon VI da Noruega e neto de Magno IV da Suécia. Olavo também estava na sucessão direta ao trono sueco. Ele ascendeu ao trono dinamarquês com apenas cinco anos de idade após a morte do avô, herdando quatro anos depois o trono norueguês.

**Olaf Tryggvason:** nasceu em 960 e morreu em 1000. Foi rei da Noruega de 995 até sua morte. Teve um papel importante na conversão dos vikings ao cristianismo. Durante a cristianização da Noruega, mantinha as völvas (mulheres xamãs) amarradas em pequenas rochas à mercê da maré, esperando a morte. Viveu na Polônia, Irlanda e Inglaterra, lugar onde

se converteu ao cristianismo. Tentou expandir a fé cristã pelo seu reino, mas enfrentou a rivalidade da Dinamarca.

**Papar:** nome dado aos monges irlandeses que viviam nas ilhas Faroé e na Islândia, quando da chegada dos vikings.

**Riddarasögur:** Romances de cavalaria.

**Saga:** gênero literário islandês.

**Samtiðarsögur:** Sagas Contemporâneas.

**Skald ou escaldo:** poeta e contador de histórias nos Países Nórdicos. Era frequentemente membro de um grupo de poetas da corte dos líderes da Escandinávia e Islândia durante a era Viking.

**Snæland:** nome atribuído à Islândia por Naddodd.

**Snorri Sturlusson:** foi um historiador, poeta, político e homem de leis islandês (1178-1241 d.C). Atribui-se a ele a autoria da Edda em prosa e da Heimskringla, uma crônica dos reis escandinavos. Foi eleito por duas vezes para o Alþingi.

**Söguöld:** era das sagas.

**Sturlungaöld:** período na história da Islândia que se estende entre 1220-1262, e faz referência ao clã de Sturla Þórðarson e seus filhos Þórðr, Sighvatr e Snorri. O período foi caracterizado por violentos confrontos entre os principais chefes de clãs.

**þings:** assembleias regionais.

**Thule:** nome atribuído à “ilha mais a norte do mundo” pelo explorador grego Pytheas de Massalia em 300 a.C. Este nome foi usado para designar muitas ilhas ao longo do tempo, entre elas a Islândia. Os monges irlandeses que primeiro chegaram à Islândia ainda no século VIII acreditaram ter aportado em Thule.

**Pingmenn ou homens do parlamento:** fazendeiros sob autoridade de cada chefe.

**Porgeir Ljósvetningagoði:** foi um chefe islandês entre 985-1001. No ano de 999 ou 1000, a assembleia legislativa da Islândia estava debatendo qual religião deveria ser praticada: paganismo nórdico ou cristianismo. Porgeir, um pagão, decidiu em favor do cristianismo. Ele se converteu e, ao voltar para sua fazenda Ljósavatn, jogou os ídolos de seus deuses em uma cachoeira nas proximidades. Sua história está preservada no Íslendingabók.

**Tratado de Kiel:** tratado internacional entre a Suécia e a Dinamarca-Noruega, assinado em 14 de janeiro de 1814 na cidade de Kiel. O reino dinamarquês cedeu o Reino da Noruega para a Suécia, em troca dos territórios dos suecos na Pomerânia. No entanto, o tratado nunca entrou em vigor. A soberania sobre a Pomerânia passou para a Prússia, e a Noruega declarou a sua independência, adotando a sua própria Constituição e elegeu o Príncipe Cristiano VIII da Dinamarca como rei. Após uma breve guerra com a Suécia, a Noruega aceitou a entrada numa união pessoal com a Suécia na Convenção de Moss. O Tratado de Kiel não incluiu as possessões ex-norueguesas da Groenlândia, da Islândia e das Ilhas Faroé, que permaneceram sob controle dinamarquês.

**União de Kalmar:** foi uma série de uniões pessoais ocorridas entre 1397 e 1521, que unificaram os três reinos da Dinamarca, Noruega e Suécia. No século XIV, o rei Valdemar

IV da Dinamarca, ao casar sua filha Margarida com o rei Haakon VI da Noruega, lançou as bases para a formação da União de Kalmar. Com a morte de Haakon e com a vitória da Noruega e da Dinamarca sobre a Suécia, em 1397 os três reinos foram unificados sob a hegemonia dinamarquesa, elegendo soberana a rainha Margarida I. Em 1523, após longas lutas pela independência, que culminaram com a Guerra de Libertação da Suécia, o país separou-se da união de Kalmar e elegeu para soberano Gustavo I. União de Kalmar ficou constituída apenas pela Noruega e pela Dinamarca, até a Noruega se separar da Dinamarca em 1814 e passar a pertencer à coroa sueca que, por sua vez, devido a conflitos políticos, separou-se da Noruega amistosamente em 1905.

**Vikingaöld ou Era viking ou era dos vikings:** período da Escandinávia que se estende de 800 a 1050 d.C. Nos Países Nórdicos, é a última fase da Idade do Ferro germânica, que constitui o último período da pré-história Nórdica, seguido imediatamente pelo início da Idade Média.

**Völsunga saga:** é uma saga lendária islandesa do século XIII em forma de prosa, sobre a origem, auge e declínio do clã dos Volsungos.

**Volsungo:** o ancestral comum do clã dos Volsungos, incluindo o maior dos heróis nórdicos, Sigurd. Volsungo era bisneto de Odin, que assegurou seu nascimento. Seus pais, os reis da Hunaland, não podiam ter filhos até que Odin e sua esposa Frigga os enviassem a gigante Ljod com uma maçã da fertilidade. O pai morreu logo após o ocorrido, mas a mãe permaneceu grávida por seis anos. Ela exigiu o parto por cesariana, o que na época custava a própria vida. Volsungo era uma criança forte, e beijou sua mãe antes dela morrer. Ao nascer, o herói foi imediatamente proclamado rei de Hunaland, e já crescido se casou com Ljord. Tiveram os gêmeos Signy e Sigmund e mais nove filhos. Volsungo construiu um grande salão ao redor de uma grande árvore de maçãs. Siggeir aparece e propõe casamento a Signy, o que é bem visto por Volsungo e seus filhos, exceto pela própria Signy. Um grande casamento acontece no salão, quando de repente aparece um estranho idoso. Era Odin sob forma humana, que saca sua espada e a encrava no tronco da árvore. O ancião alerta que a espada seria de uso do homem que pudesse retirá-la da árvore, e então deixa o local. Todos tentam retirar o instrumento, mas somente Sigmund consegue. Prontamente nomeada Gram, a espada se mostrou excelente. Siggeir oferece uma enorme quantia de ouro por ela, e a recusa de Sigmund o irrita. Três meses mais tarde, Volsungo e seus filhos são convidados a um banquete com Siggeir. Signy os avisa que a verdadeira intenção era uma emboscada, mas eles se recusam a voltar apesar dos apelos da moça. O clã é atacado, causando a morte de Volsungo e a captura dos seus filhos. Somente Sigmund sobrevive para vingar seu pai e irmãos.

## **APÊNDICE**

### **Resumo da narrativa**

#### **A origem da linhagem dos Volsungos (caps. I-II)**

Sigi, filho do deus Odin, mata o escravo Bredi e oculta seu corpo sob um monte de neve, pelo que é expulso de suas terras; auxiliado por Odin, torna-se um grande conquistador e se faz senhor de Hunaland. É traído e morto por seus cunhados e vingado por seu filho Rerir, que se torna um rei ainda mais poderoso. Rerir tem dificuldades para obter um herdeiro com sua esposa; o casal faz preces aos deuses, e Odin lhes envia uma maçã, portada por uma Valquíria disfarçada de corvo; tendo comido a maçã, a rainha engravida. A gravidez dura seis anos, e, antes que o filho nasça, Rerir morre em batalha. O filho, batizado Volsung, torna-se rei de Hunaland e se casa com a mesma Valquíria que auxiliara sua concepção, de nome Hliod, com quem tem dez filhos e uma filha, superiores a todos os homens. O rei Volsung manda construir uma mansão com uma enorme árvore no interior, chamada Barnstokk.

#### **Sigmund recebe a espada de Odin; Signy se casa com Siggeir (III-IV)**

Siggeir, poderoso rei de Gautland, casa-se com Signy, filha de Volsung. Durante a celebração das núpcias, um velho homem – o deus Odin – adentra a mansão do rei Volsung e crava uma espada na árvore Barnstokk, oferecendo-a de presente aquele que puder retirá-la. Todos tentam, mas é Sigmund, filho de Volsung, o predestinado a possuí-la. Siggeir deseja comprá-la de Sigmund, que lhe responde de maneira agressiva, ao que Siggeir se ofende. Signy manifesta não estar satisfeita com seu casamento. Siggeir parte da festa precocemente, convidando o rei Volsung e seus filhos a fazerem-lhe uma visita. Volsung promete fazê-lo.

#### **A traição de Siggeir e a morte do rei Volsung (V)**

O rei Volsung parte com seus filhos ao reino de Siggeir; é advertido por Signy de que o convite era uma armadilha, mas não deseja fugir, mesmo que isso signifique sua morte. Trava-se uma batalha entre os exércitos de Volsung e Siggeir. Volsung é morto e os seus dez filhos são capturados. Signy pede ao rei Siggeir que seus irmãos não sejam mortos imediatamente, aparentemente numa tentativa de ganhar tempo para salvá-los. Eles são presos a um tronco no meio da floresta e surge uma loba que devora, a cada noite, um dos irmãos, restando vivo apenas Sigmund. Signy envia um homem para lambuzar o rosto de Sigmund com mel. Quando surge a loba para devorá-lo, ela começa a lamber o mel, e Sigmund aproveita a oportunidade e morde a língua dela, arrancando-a e matando assim a loba. Ao debater-se, a loba quebrara o tronco, e Sigmund se vê livre.

### **Signy mantém Sigmund oculto na floresta e prepara a vingança pela morte do rei Volsung (VI-VII)**

Signy aconselha seu irmão Sigmund a permanecer escondido na floresta. Ela lhe envia seus filhos com Siggeir para o auxiliarem, mas eles se mostram de pouca valia, pelo que Signy ordena que Sigmund os mate. Signy decide trocar de aparência com uma feiticeira, e assim passa três noites com o irmão, retornando em seguida e reassumindo sua aparência original. Da união incestuosa entre Sigmund e Signy nasce Sinfiotli, um Volsungo tanto por parte de mãe quanto por parte de pai e, por isso, excepcionalmente forte e corajoso.

### **Sigmund e Sinfiotli, auxiliados por Signy, vingam a morte do rei Volsung (VIII)**

Sigmund e Sinfiotli praticam façanhas juntos e se veem enfeitados após cobrirem-se com peles de lobo que encontraram numa casa. As peles de lobo lhes provocam uma espécie de transe, durante o qual se tornam verdadeiras feras. Esse episódio remonta, provavelmente, a antigas práticas xamanísticas dos tempos pagãos. Após livrarem-se do feitiço, Sigmund resolve partir para a corte de Siggeir e matá-lo. Sinfiotli mata os dois filhos pequenos de Siggeir, incitado por Signy. Os dois são capturados pelos homens de Siggeir e sepultados vivos, mas Signy os salva, concedendo-lhes a espada de Sigmund antes de o túmulo ser selado. Com ela os dois cortam as pedras e saem do túmulo e então incendiam a mansão do rei Siggeir, matando assim a todos. Signy não deseja fugir com Sigmund, pois sente ter ultrapassado os limites em sua busca por vingança, e morre queimada junto de seu marido. Sigmund assume o trono que fora de seu pai e se casa com Borghild, com quem tem dois filhos, Helgi e Hamund.

### **Sobre Helgi, filho de Sigmund (IX)**

Helgi e Sinfiotli partem em expedição militar para conquistar terras; deparam-se com um rei de nome Hunding, a quem vencem. Helgi encontra nobres mulheres após a batalha, entre as quais está Sigrun, filha do rei Hogni, prometida a Hodbrodd, filho do rei Grenmar. Helgi promete vencer Hodbrodd e casar-se com Sigrun. Helgi e Sinfiotli partem para enfrentar Granmar e Hodbrodd. Sinfiotli troca insultos com Granmar. Helgi vence a batalha, matando Hodbrodd, casa-se com Sigrun e assume aquele reino. Ele não tornará a aparecer na história.

### **A morte de Sinfiotli (X)**

Após Sinfiotli matar o irmão de Borghild, esposa de Sigmund, numa disputa por uma mulher, Borghild deseja que Sinfiotli seja expulso do reino. Sigmund oferece a ela uma compensação pela morte do irmão, não aceitando que Sinfiotli seja mandado embora. Borghild, incapaz de impor sua vontade, acaba por envenenar Sinfiotli. Sigmund carrega o corpo de seu filho-sobrinho até um fiorde, onde surge o deus Odin para receber o guerreiro morto. Sigmund expulsa sua mulher do reino, e ela morre.

### **A morte de Sigmund (XI-XII)**



Sigmund se casa com Hiordis, filha do rei Eylimi, também pretendida pelo rei Lyngvi, filho do rei Hunding (que fora derrotado por Helgi e Sinfliotli). Sigmund, sua esposa Hiordis e o sogro Eylimi vão para Hunaland. O rei Lyngvi reúne um exército para enfrentar Sigmund e capturar Hiordis. Na batalha, surge um homem encapuzado – novamente o deus Odin – que faz quebrar-se a espada de Sigmund. Tanto Sigmund quanto Eylimi são mortos. Lyngvi não consegue capturar Hiordis, que fora, por precaução, levada para longe da batalha, acompanhada por uma escrava. Durante a noite, Hiordis caminha até o campo de batalha e conversa com Sigmund antes de ele morrer. Ele diz que Hiordis carrega um filho na barriga, que será o melhor dos Volsungos, e que ela deve guardar os pedaços da espada, pois com eles será forjada uma nova espada ainda melhor, que se chamará Gram. Hiordis e a escrava trocam de roupas. Depois disso Hiordis, com sua escrava, é encontrada pela frota de Alf, filho do rei Hialprek da Dinamarca. Alf leva as duas mulheres consigo, acaba por descobrir quem é Hiordis e se casa com ela.

### **Nasce Sigurd, filho de Sigmund (XIII)**

O filho que Hiordis carregava na barriga, concebido por Sigmund, nasce na corte do rei Hialprek e se mostra o mais excelente dos homens desde muito jovem. Um homem, de nome Regin, educa-o e insufla nele a ambição pelo poder e riqueza. Sigurd escolhe, auxiliado por Odin (que surge como um velho homem), o melhor cavalo, batizado Grani. Regin conta para Sigurd acerca do grande tesouro da serpente Fafnir.

### **A origem do ouro de Fafnir (XIV)**

Regin conta para Sigurd sobre seu pai Hreidmar e seus irmãos, Fafnir, um homem egoísta e forte, e Otr, que tinha a forma de uma lontra. Narra como seu irmão Otr foi morto pelos deuses Odin, Henir e Loki e como seu pai impôs aos deuses a indenização de cobrirem a pele de Otr com ouro. Loki obteve o ouro do anão Andvari, que amaldiçoou quem viesse a possuí-lo – e um anel em especial, chamado Andvaranaut (presente de Andvari). Os deuses pagaram a compensação, mas Fafnir, em sua ganância, matou seu pai Hreidmar e fugiu com o ouro, transformando-se em seguida na terrível serpente. Regin faz com que Sigurd jure matar Fafnir para recuperar o ouro, prometendo, para isso, forjar a melhor de todas as espadas.

### **Regin forja a espada Gram a partir das metades da espada de Sigmund (XV)**

Regin forja duas sucessivas espadas para Sigurd, mas nenhuma lhe parece suficientemente boa. Sigurd pede a sua mãe as metades da espada de Sigmund, com as quais Regin forja a espada Gram. Sigurd diz para Regin que, antes de matar Fafnir, deseja vingar a morte de seu pai, Sigmund.

### **Sigurd mata o rei Lyngvi, vingando a morte de Sigmund (XVI-XVII)**

Após ouvir de Gripir, irmão de sua mãe, as previsões para seu futuro, Sigurd reúne um exército e parte para enfrentar os filhos de Hunding. No caminho uma tempestade os atinge, mas eles

encontram um homem – o deus Odin disfarçado – que pede para embarcar com eles, e em seguida a tempestade se dissipa. Trava-se uma dura batalha entre os exércitos de Sigurd e dos filhos de Hunding. Sigurd sai vitorioso da batalha, tendo pessoalmente matado Lyngvi, retorna para seu lar e diz para Regin que está pronto para matar Fafnir.

### **Sigurd mata Fafnir e Regin, come o coração da serpente e ouve o que dizem os picancilhos (XVIII-XX)**

Sigurd e Regin cavalgam até o local onde habita Fafnir. Regin dá conselhos maldosos a Sigurd, querendo com isso que ele pereça após matar a serpente. Surge um velho homem – Odin novamente – que lhe dá conselhos. Com os conselhos de Odin, Sigurd mata a serpente, com quem tem um diálogo enquanto ela agoniza. Regin, que se havia escondido antes de aparecer Fafnir, pede então que Sigurd asse o coração do monstro e lho dê de comer. Sigurd acaba por provar do sangue da serpente e consegue então compreender o que dizem os passarinhos, que o incitam a matar Regin (pois este tentava traí-lo), comer o coração de Fafnir e então dirigir-se a Hindarfiall, para ouvir os conselhos de Brynhild. Sigurd mata Regin, come um pouco do coração, guardando o resto consigo, e se apropria do ouro de Fafnir.

### **Sigurd ouve os conselhos de Brynhild (XXI-XXII)**

Sigurd se dirige a montanha Hindarfiall, onde encontra Brynhild adormecida sob um feitiço, vestindo uma cota de malha apertada. Após Sigurd libertá-la da cota, ela desperta e lhe conta que foi amaldiçoada por Odin e que jurou que se casaria somente com o mais bravo de todos os homens; pronuncia diversos conselhos ao herói, revelando-lhe sabedoria mágica. Os dois se apaixonam e trocam juras de amor.

### **Sigurd é celebrado pela façanha; chega à morada de Heimir (XXIII-XXIV)**

Neste ponto a narrativa apresenta uma quebra; tem-se uma longa descrição do herói Sigurd, já célebre por ter matado Fafnir. Ele chega, portando o espólio de Fafnir, a morada de Heimir, um grande chefe casado com Bekkhild, irmã de Brynhild. Sigurd se torna amigo de Alsvinn, o filho de Heimir e Bekkhild.

### **Romance entre Sigurd e Brynhild (XXV)**

Depois que Sigurd chegara a morada de Heimir, lá veio também Brynhild, que era filha de criação deste. Brynhild borda a ouro os feitos de Sigurd, que, retornando um dia da caça, descobre a presença de Brynhild por acaso. Sigurd sofre por amor, resolve ir vê-la em seu aposento e profere novas juras, apesar de Brynhild se mostrar ambígua, ama-o, mas sabe ser o amor impossível, pois é uma mulher guerreira. Ela profetiza que Sigurd se casará com Gudrun, filha do rei Giuki. Sigurd lhe dá um anel de ouro (Andvaranaut).

### **As cortes de Giuki e Budli (Burgúndios e Hunos); Gudrun visita Brynhild (XXVI-XXVII)**

Neste ponto são apresentados os demais personagens da tragédia central da saga, os Giukungos (o rei Giuki e seus filhos Gunnar, Hogni e Guttorm e sua filha Gudrun) e os

Burdlungos (o rei Budli, pai de Brynhild e Bekkhild, e seu filho Atli), que ecoam na saga respectivamente os Burgúndios e os Hunos. Gudrun tem sonhos premonitórios e resolve visitar sua amiga Brynhild. As donzelas recontam as façanhas de grandes heróis, e Brynhild exalta os feitos de Sigurd. Depois que Gudrun conta seus sonhos, Brynhild profetiza as desgraças que sucederão.

#### **Sigurd adentra a corte dos Giukungos, esquece Brynhild e se casa com Gudrun (XXVIII)**

Sigurd parte com seu ouro e chega a corte do rei Giuki, onde é bem recebido. Grimhild, a rainha, decide que sua filha Gudrun tenha Sigurd como marido, e dá a ele uma bebida enfeitiçada para que o herói não mais se recorde de Brynhild. Sigurd jura irmandade com Gunnar e Hogni, filhos de Giuki e Grimhild, e aceita casar-se com Gudrun. Sigurd pratica muitas façanhas junto com os Giukungos; dá um pouco do coração de Fafnir para Gudrun. Os dois tem um filho, batizado Sigmund. Grimhild planeja então o casamento entre seu filho Gunnar e Brynhild; todos aceitam a ideia, até mesmo Sigurd.

#### **Sigurd auxilia Gunnar a ganhar a mão de Brynhild; Gunnar e Brynhild se casam (XXIX)**

Gunnar parte em direção a corte do rei Budli, acompanhado por Sigurd e Hogni, para pedir Brynhild em casamento. Para ganhá-la, ele deverá cavalgar através das chamas que se elevam em torno da mansão de Brynhild. Gunnar está disposto a fazê-lo, mas seu cavalo não; tenta fazê-lo montado no cavalo de Sigurd, que também se recusa. Sigurd e Gunnar trocam de aparência, e assim Sigurd, sob a forma do irmão jurado, atravessa as chamas e pede Brynhild em casamento. Ela fica perplexa, pois não se trata – como crê – de Sigurd, mas não pode dizer não aquele que transpõe o fogo. Sigurd toma de volta o anel Andvaranaut e dá outro anel de ouro para Brynhild. Mais tarde, Brynhild e Gunnar se casam, e então Sigurd se recorda de seu amor por Brynhild.

#### **Surge a inimizade entre Gudrun e Brynhild (XXX)**

Numa ocasião em que Gudrun e Brynhild se banham no rio Reno, os ciúmes de Sigurd se afluam. Brynhild menospreza a companhia de Gudrun, que lhe revela o fato de ter sido Sigurd quem cavalgou através das chamas, sob a forma de Gunnar, e lhe mostra o anel Andvaranaut. Brynhild se sente traída e, enfurecida, jura vingança. O narrador da saga salienta o papel do anel amaldiçoado na discórdia que se avulta.

#### **Brynhild, enfurecida, exige vingança (XXXI)**

Brynhild, ensandecida, se deitada em seu leito e acusa Gunnar de ser um covarde; tenta matá-lo, mas é detida por Hogni, que a amarra. Os lamentos de Brynhild são ouvidos por toda a habitação. Gunnar, Sigurd e Gudrun tentam aplacar a sua fúria; Sigurd e Brynhild tem um comovente diálogo, percebendo-se diante de uma situação irreversível. Brynhild diz a Gunnar que não deseja mais viver, pois havia jurado casar-se com o mais corajoso de todos os heróis e se vê agora quebrando o juramento.

### **O clímax da tragédia. O dilema de Gunnar, as mortes de Sigurd e Brynhild (XXXII-XXXIII)**

Brynhild exige que Gunnar mate Sigurd. Gunnar se vê num grande dilema, pois Sigurd é seu irmão jurado, e matá-lo significa trair laços familiares sagrados e uma amizade, mas o amor que sente por Brynhild domina suas ações. Delibera com seu irmão Hogni, que se mostra contrário a trair Sigurd. Gunnar decide enviar seu irmão Guttorm, que não havia jurado irmandade com Sigurd, para dar cabo da vida do último Volsungo. Guttorm sucede, mas Sigurd, antes de morrer nos braços de Gudrun, mata Guttorm. Brynhild ouve os lamentos de Gudrun e sorri. Depois da morte de Sigurd, Brynhild se mata, ferindo-se com uma espada; antes de morrer, dá suas riquezas para quem queira recebê-las e faz profecias sobre a aniquilação dos Giukungos, prevendo que Gudrun terá a máxima tristeza, e finalmente pede para ter seu funeral junto de Sigurd, de acordo com os costumes pagãos. Brynhild e Sigurd são cremados.

### **Gudrun, persuadida por sua mãe Grimhild, casa-se com Atli, irmão de Brynhild (XXXIV)**

O narrador da saga lamenta a morte de Sigurd. Gudrun decide fugir para a floresta, julgando ser melhor morrer, mas acaba por chegar a corte do rei Half, onde permanece por três anos e meio na companhia de Thora, bordando grandes feitos heróicos em tapeçarias. Grimhild, sua mãe, descobre onde está Gudrun e convence-a (novamente por meio de uma bebida enfeitiçada) a casar-se com o rei Atli, filho de Budli. Gudrun não deseja Atli, e prevê males para seus irmãos Gunnar e Hogni, mas acaba por sucumbir a vontade de Grimhild. Celebram-se as núpcias de Gudrun e Atli.

### **Atli cobiça o ouro que fora de Sigurd e trama contra os irmãos de Gudrun (XXXV)**

Atli conta seus sonhos premonitórios das desgraças que o acometerão, e a sua vida conjugal com Gudrun transcorre com pouco afeto. Atli pergunta-se sobre o paradeiro do ouro de Fafnir. Imaginando que Gunnar e Hogni, seus cunhados, sejam os possuidores da fortuna, resolve convidá-los para uma armadilha. Seu enviado, Vingi, carrega uma mensagem escrita em runas, na qual Gudrun tenta advertir os irmãos, mas ele adultera as letras. Vingi faz promessas falsas a Gunnar, que acaba aceitando o convite, por estar embriagado. Hogni não vê outra alternativa senão acompanhá-lo, apesar de não estar desejoso de fazê-lo. Kostbera, esposa de Hogni, percebe que a mensagem fora adulterada e tenta convencer o marido de não fazer a viagem.

### **As esposas de Hogni e Gunnar contam seus sonhos premonitórios; os Giukungos partem rumo a corte de Atli (XXXVI-XXXVII)**

Kostbera, esposa de Hogni, narra ao marido seus sonhos que prenunciam a traição de Atli, os quais Hogni interpreta como significando eventos sem importância. O mesmo faz Glaumvor, esposa de Gunnar. Os irmãos de despedem de seus familiares e partem com grande séquito, acompanhando Vingi, o enviado de Atli. Ao chegarem a fortificação de Atli, percebem que se trata de uma armadilha, pois todos os aguardam prontos para a batalha. Os dois irmãos matam Vingi.

### **A batalha entre Atli e os Giukungos; a morte de Hogni e Gunnar (XXXVIII-XXXIX)**

O rei Atli exige o ouro de Fafnir, mas Gunnar e Hogni não estão dispostos a concedê-lo. Trava-se uma dura batalha. Gudrun decide lutar ao lado de seus irmãos. Os Giukungos matam muitos homens, mas acabam sendo capturados pelo exército de Atli. Para conseguir o ouro de Gunnar, Atli ameaça cortar fora o coração de Hogni. Nem Gunnar nem Hogni temem tormentos físicos. Os homens de Atli retiram o coração de um escravo e o mostram a Gunnar, que percebe não tratar-se do coração do irmão, pois pulsa muito (reflexo do pavor que antecedeu a morte). Em seguida cortam o coração de Hogni, que Gunnar reconhece por pulsar pouco (sinal da placidez do herói no momento da provação), mas não conta onde está o ouro. Atli então manda colocarem Gunnar amarrado num poço cheio de serpentes, e o herói ainda consegue fazer as cobras adormecerem ao tocar uma harpa com os dedos dos pés, mas uma enorme víbora o morde no peito e o mata. Estando Gunnar morto, ninguém mais sabe onde está o ouro.

### **A terrível vingança de Gudrun contra Atli (XL)**

Gudrun não deseja outra coisa além de fazer Atli sofrer e assim vingar a morte de seus irmãos. Ela mata os dois filhos seus e de Atli e providencia que ele, sem saber, beba o sangue das crianças misturado ao vinho e coma os seus corações assados. Junto com o filho de Hogni, chamado Niflung, mata o rei Atli. Por fim, Gudrun incendeia a mansão de Atli, matando assim toda a sua corte.

### **Sobre Svanhild, filha de Sigurd e Gudrun (XLI-XLII)**

É apresentada Svanhild, filha de Gudrun e Sigurd. Gudrun deseja afogar-se no mar, mas é levada pelas ondas até a corte do rei Ionakr, com quem se casa e tem três filhos – Hamdir, Sorli e Erp – e onde cria Svanhild. Um poderoso rei, de nome Iormunrek, deseja casar-se com Svanhild, e envia seu filho Randver e um mensageiro de nome Bikki para transmitirem o pedido de casamento, que é aceito. Bikki arma uma intriga, dizendo que Svanhild e Randver estariam traindo o rei, para jogar Iormunrek contra seu filho; o rei manda matar seu filho e mais Svanhild, que tem seu fim sendo pisoteada por cavalos.

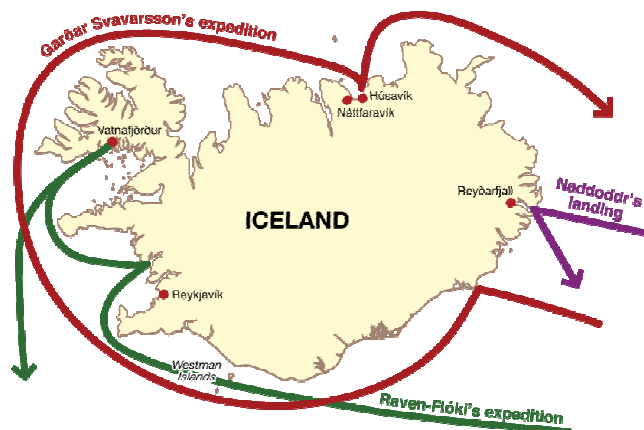
### **Os filhos de Gudrun partem para vingar a irmã e morrem (XLIII-XLIV)**

Gudrun exorta seus filhos Hamdir e Sorli a matarem Iormunrek e vingarem a morte de Svanhild. Eles acabam sendo persuadidos e partem. Gudrun pronuncia um comovente lamento por todas as desgraças que afligiram sua vida. Ela havia preparado armaduras especiais para os filhos, mas os advertiu para não utilizarem pedras para ferir seus oponentes na batalha. No caminho, Hamdir e Sorli encontram o terceiro irmão, Erp, e lhe perguntam se ele deseja ajudá-los. Entendem mal a sua resposta e, julgando-o covarde, o matam. Ao chegarem a corte de Iormunrek, atacam o rei, de quem cortam os braços e as pernas (a cabeça seria cortada pelo irmão Erp, como dizem os dois, arrependidos) e parecem imunes aos golpes inimigos, até que

desobedecem ao conselho de sua mãe; surge então o deus Odin e indica aos homens de lormunrek como derrotá-los; então eles tem seu fim.

## ANEXOS

### ANEXO A – Viagens de descoberta da Islândia



Rotas dos vikings Naddoddr, Garðarr Svavarsson e Floki. (Imagem reproduzida de [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Settlement\\_of\\_Iceland.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Settlement_of_Iceland.svg)).

### ANEXO B – Mapas



1- Rotas de colonização da Islândia. (Imagem reproduzida de <http://www.viking.ucla.edu/volsungs/maps.html>)



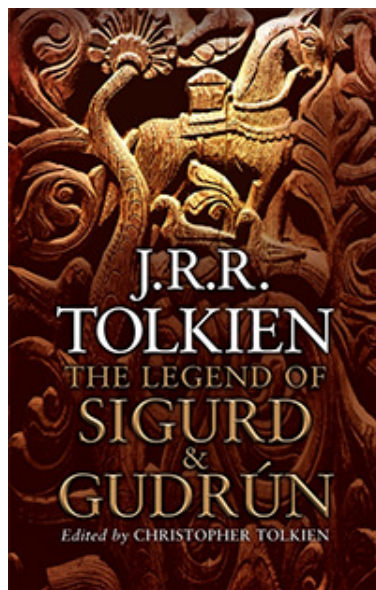
2-Mapa da Escandinávia de 1539, com a Islândia (canto superior esquerdo), de acordo com a *Carta marina* ("mapa do mar") de Olaus Magnus (1490-1557), cartógrafo, escritor e eclesiástico sueco, pioneiro no desenvolvimento de trabalhos voltados à comunidade nórdica. (Imagem reproduzida de [http://en.wikipedia.org/wiki/Olaus\\_Magnus](http://en.wikipedia.org/wiki/Olaus_Magnus))



3-Rotas dos Vikings. Os dinamarqueses tomaram as rotas do sul em direção à Alemanha, França, Inglaterra, Espanha e noroeste do Mediterrâneo; os suecos se dirigiram para a Europa oriental; enquanto os noruegueses navegaram para a Islândia, Groenlândia e América do Norte. (Imagem reproduzida de [http://encarta.msn.com/media\\_461518120\\_761561500\\_1\\_1/routes\\_of\\_the\\_vikings.html](http://encarta.msn.com/media_461518120_761561500_1_1/routes_of_the_vikings.html))



**ANEXO C – Livro**



A Lenda de Sigurd e Gudrun: capa do livro.

**ANEXO D – A Lenda de Sigurd e Gudrun: Portal da Igreja Hylestad stave em Setesdal, Noruega, século XII.**



Portal original que foi retirado da igreja e agora está na Universidade de Oslo.



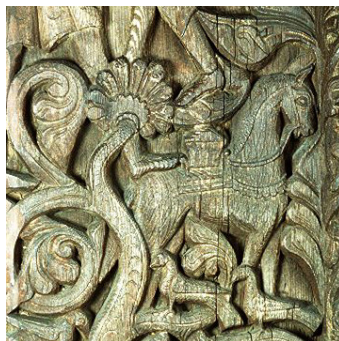
**Sigurd e Regin forjando a espada Gram.** A primeira cena mostra Sigurd, de capacete, e Regin, de barba, na forja e na segunda cena Sigurd segurando a espada. Regin forjou a espada com a ajuda de Sigurd, que manteve o fogo aceso e providenciou água para esfriar a lâmina quando necessário. A espada pronta foi nomeada Gram. Sigurd a testou contra o escudo de Regin, mas a lâmina quebrou. Regin criou outra espada a partir dos pedaços da espada do pai de Sigurd. Sigurd a testou contra o escudo e dessa vez o atravessou. (imagens reproduzidas de <http://www.pitt.edu/~dash/door3932.jpg> e <http://www.pitt.edu/~dash/door3934.jpg>)



**Sigurd mata o dragão Fafnir.** A terceira cena mostra Sigurd matando o dragão Fafnir com sua nova espada. Sigurd e Regin viajaram para Gnit-Heath para encontrar Fafnir e seu tesouro. Ao encontrarem seu covil, Sigurd cavou uma passagem na entrada e atacou Fafnir quando ele voltou, acertando-o por baixo com sua espada. (Imagem reproduzida de <http://www.pitt.edu/~dash/door3936.jpg>)



**Sigurd cozinha o coração do dragão.** Na quarta cena, Sigurd cozinha o coração de Fafnir e bebe seu sangue. Ao beber o sangue Sigurd se tornou capaz de entender a língua dos pássaros, que o alertaram contra as intenções assassinas de Regin, que queria matá-lo para tomar o tesouro. (Imagem reproduzida de <http://www.pitt.edu/~dash/door3942.jpg>)



**Grani carrega o tesouro. Os pássaros.** Na quinta cena, o cavalo de Sigurd, Grani, carrega um baú com o tesouro de Fafnir. Dois pássaros estão em um galho logo abaixo. Entre os tesouros, uma enorme quantidade de ouro e a espada Hrothi. (Imagem reproduzida de <http://www.pitt.edu/~dash/door3944.jpg>)

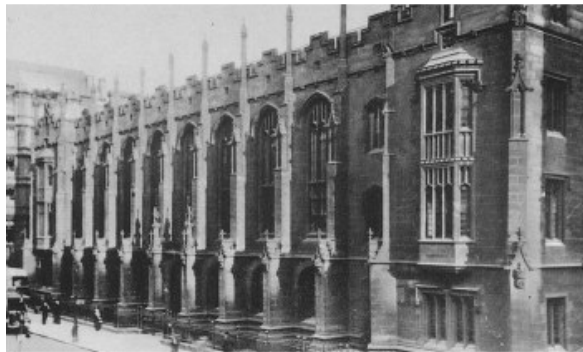


**Sigurd mata Regin.** Na sexta cena Sigurd mata Regin após ser avisado pelos pássaros do perigo. (Imagem reproduzida de <http://www.pitt.edu/~dash/door3946.jpg>)



**Gunnar na cova das serpentes.** Na sétima e última cena, Gunnar está em uma cova de serpentes tocando harpa com seus pés na tentativa de acalmá-las. Depois da morte de Sigurd nas mãos de seus três cunhados, Gunnar, Hogni e Guttorm, o tesouro de Fafnir foi escondido por Gunnar no fundo do Rhine. Gudrun casa com Atli, que deseja o tesouro. Gunnar se recusa a revelar a localização do tesouro. Em sua vingança, Atli ordena que Gunnar seja jogado na cova das serpentes com suas mãos presas atrás das costas. Gudrun manda a harpa para seu irmão, que é capaz de tocar até as serpentes dormirem. Apenas uma grande serpente resiste e o pica. Gunnar more. (Imagem reproduzida de <http://www.pitt.edu/~dash/door3948.jpg>)

## ANEXO E – FOTOS



King Edward's School. (Imagem reproduzida de <http://www.councilofelrond.com/tolkienbiography/childhood/>)



Tea Club. (Imagem reproduzida de <https://www.planet-tolkien.com/modules/tolkien/biography.php>)



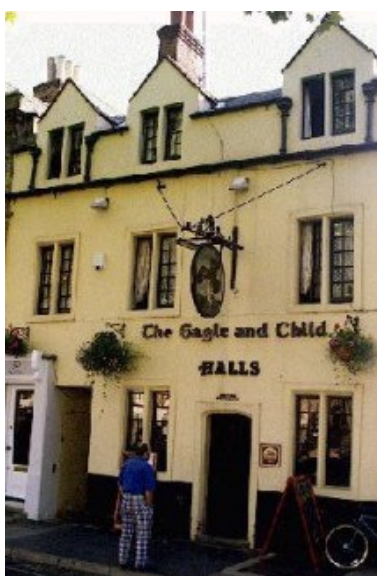
Tea Club na época da Primeira Guerra Mundial. Da esquerda para a direita Geoffrey Bache Smith, J.R.R.Tolkien, Christopher Wiseman e Robert Gilson . (Imagem reproduzida de [https://www.reddit.com/r/lotr/comments/2vp2tu/the\\_tcbs\\_from\\_king\\_edwards\\_school\\_from\\_left\\_to/](https://www.reddit.com/r/lotr/comments/2vp2tu/the_tcbs_from_king_edwards_school_from_left_to/))



Robert Gilson e Tolkien em 1910 (Imagem reproduzida de [http://www.johngarth.co.uk/php/boy\\_didnt\\_believe\\_fairies.php](http://www.johngarth.co.uk/php/boy_didnt_believe_fairies.php))



C.S.Lewis. (Imagem reproduzida de <http://www.councilofelrond.com/tolkienbiography/childhood/>)



Pub Eagle and Child. (Imagem reproduzida de <http://www.councilofelrond.com/tolkienbiography/childhood/>)